



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



MARINA LOUREIRO MEDEIROS

**REFLEXÕES SOBRE OS REGIONALISMOS NA CONSTITUIÇÃO DO
PENSAMENTO GEOGRÁFICO EM PERNAMBUCO (1930-1960)**

RECIFE

2021

MARINA LOUREIRO MEDEIROS

**REFLEXÕES SOBRE OS REGIONALISMOS NA CONSTITUIÇÃO DO
PENSAMENTO GEOGRÁFICO EM PERNAMBUCO (1930-1960)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Regionalização e Análise Regional.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Dutra Gomes

RECIFE

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

M488r Medeiros, Marina Loureiro.
Reflexões sobre os regionalismos na constituição do pensamento geográfico em Pernambuco (1930-1960) / Marina Loureiro Medeiros. – 2021.
126 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Dutra Gomes.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2021.
Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Geografia. 2. Geografia – História. 3. Regionalismo. 4. Pernambuco. I. Gomes, Rodrigo Dutra (Orientador). II. Título.

910 CDD (22. ed.)

(BCFCH2021-106)

MARINA LOUREIRO MEDEIROS

**REFLEXÕES SOBRE OS REGIONALISMOS NA CONSTITUIÇÃO DO
PENSAMENTO GEOGRÁFICO EM PERNAMBUCO (1930-1960)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em geografia. Área de concentração: regionalização e análise regional.

Aprovada em: 25/02/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Dutra Gomes (Orientador – Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Edvânia Tôrres Aguiar Gomes (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Thaís de Lourdes Correia de Andrade (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco



A Milton da Costa Medeiros (1929-2020), meu avô, um menino nordestino dos anos 1930, minha eterna inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos órgãos de financiamento (CAPES/CNPq) que me permitiram não só continuar durante dois anos de meu mestrado as pesquisas nos arquivos públicos locais (FUNDAJ/IAHGEH-PE) e nacionais (IEB-SP), como me possibilitaram a participação presencial nos eventos em âmbito nacional da geografia como ENG 2018 e ENANPEGE 2019, possibilitando este último a troca de conhecimento e meu, enriquecimento, enquanto pesquisadora e futura docente universitária.

É importante ressaltar o apoio incondicional do meu departamento de Pós-graduação PPGeo/UFPE, tanto no desenvolvimento do meu saber nas disciplinas que paguei, quanto na possibilidade de prorrogação e prazo extensivos aos meu mestrado, denotando a sempre solidariedade nos meus momentos pessoais e a sensibilidade aos estudantes para desenvolverem suas pesquisas perante o difícil ano de 2020.

Dando continuidade ao agradecimento institucional, agradeço diretamente a sempre disponibilidade dos arquivos da FUNDAJ e IAGH-PE, onde realizei parte das minhas pesquisas e ao IEB, sempre solícitos e disponíveis para minhas necessidades icnográficas, documentais e aos acervos epistolares correspondentes ao que necessitava.

A gratidão se estende às pessoas que convivi que pude aprender nesse período. Aos professores das cadeiras e disciplina, em especial aos conselhos do Prof. Caio Augusto Maciel, Nilson Crôcia, Tania Bacelar, a todas as pessoas que pude entrevistar para os capítulos 2 e, 3 com destaque para dona Cristina Suassuna Freire, minha vizinha e parte das minhas pesquisas memoriais sobre Dr. Gilberto Freire, a Prof.^a Fátima Quintas e a Prof.^a Marisa Braga, ambas gentis e sempre disponíveis para novos questionamentos, quando necessário ao longo deste meu trabalho. Aos meus companheiros de pós-graduação, em especial toda equipe do meu grupo de Trabalho GEHPEG, em especial as meninas que trabalham diretamente comigo em seus PIBICS Milka e Gerlane e todo apoio incondicional da doutoranda Emmanuele Ribeiro Mendonça, que trabalha junto.

A gratidão especial para meu orientador Prof. Rodrigo Dutra Gomes que junto comigo me ajudou na condução deste trabalho, de maneira que saio com sentimento de evolução profissional e humana nesses três anos de contato. Acrescento ainda meu agradecimento especial à banca, Professores Edvânia Torres, sempre presença em minha vida desde a graduação até os dias atuais, e Carlos Eduardo Marandola que aceitaram, desde a minha, qualificação a tarefa de refletir sobre a temática me dando grandes contribuições e para reestruturação final do meu trabalho. Por fim, não menos importante, as minhas relações

peçoais, meus amigos fraternos e meus familiares em especial, meus pais, Fabio e Cristina, a meu irmão Gabriel, aos colaboradores da minha casa Edlane e Karina, e meu companheiro e namorado João Guilherme, pessoas sempre presentes e apoiadoras da minha luta.

E a toda memória dos que fazem e fizeram a Geografia de Pernambuco como Gilberto de Mello Freire, a quem pude conhecer mais de sua obra, gratidão por poder tratar de parte dessa história hoje e sempre.

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia,

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêm em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

*(Fernando Pessoa -
In Alberto Caeiro 1918)*

RESUMO

A Região como categoria de estudo e de análise do espaço dentro da História Ciência da Geografia se apresenta como ferramenta importante para o entendimento não só dos vários espaços existentes, mas o estudo global destes em suas especificidades, tanto no presente quanto no passado. Dessa maneira, a História da Geografia Brasileira no século XX, bem como foi explorada na geografia europeia do século XIX, é um exemplo da importância do uso dessa categoria não só para o seu desenvolvimento científico e fomentação e constituição universitária de abrangência nacional (USP, UNESP, UNB, PUC-RJ), de abrangência regional (UFPE, UFBA, UFMG, UFRS) como na formação da identidade do país enquanto estado nação. No entanto, a concepção de Região no país não coube só à Ciência Geográfica, enquanto parte da Ciências Humanas, e sim passou por um projeto reflexivo por parte da Sociologia, Antropologia, História como das artes no geral. Especialmente, na região Nordeste, essa reflexão transdisciplinar, teve como principal representante e influenciador Gilberto de Melo Freyre, essencialmente após a Semana Regionalista de 1926, fruto das reflexões desenvolvidas pelo Centro Regionalista do Recife (1923-1930) que desencadeou um Movimento Regionalista 1926. Este trouxe junto ao pensamento de região a ideia de entendê-la para além de um estudo local econômico e físico, e sim estudá-la através de uma concepção cultural, humanística e econômica, visando assim, destacar os potenciais nela existentes. As consequências dessa filosofia se espalharam na música (baião, forró), na literatura (Romances 1930), na arquitetura (praças regionais em Recife) e até no Cinema (Cinema novo). Sendo assim, o presente trabalho buscou entender as reflexões regionalistas que fizeram o início da Geografia realizada em Pernambuco (1930-1960), antes da sua institucionalização catedrática, através dos cartografias regionais, dos trabalhos nos institutos de pesquisas regionais (IHG-PE, IES-FUNDAJ, IBGE-PE) especialmente nas teses regionais para o ingresso dos liceus estaduais; Ginásio Pernambucano(1921) e Escola Normal do Recife (1921-1971), desenvolvidas entre (140-1954) pelos geógrafos Mario Lacerda de Melo (1911-2003), Gilberto Osório de Andrade(1912-1994), Hilton Sette(1911-1997 e Mauro Motta(1911-1984). Para isso se fez uso do método da Abordagem Contextual de Berdoulay (2011) somado às metodologias iconográficas, bibliográficas, epistolares, documentais e a entrevista semiestruturada dos conviventes com Gilberto Freyre e com os antigos egressos dos institutos de pesquisa e aluno dos quatro professores analisados, que foram um pilar para formação da Cátedra de Geografia em Pernambuco. Reflete-se assim, a importância de entender sobre o passado das Instituições da Geografia, especialmente as cátedras locais, com o intuito de não só preservar a memória destas, mas entendê-las como uma parte da História da Ciência feita em período no país, possibilitando um melhor entendimento sobre o que se escrito hoje, e o que será desenvolvido amanhã em termos de reflexões regionais.

Palavra-chave: Região. Regionalismos. Cátedra de Geografia. Pernambuco. História da Geografia

ABSTRACT

The Region as a category of study and analysis of space within the History Science of Geography, presents itself as an important tool for understanding not only the various existing spaces, but the global study of these in their specificities both in the present and in the past. In this way, the History of Brazilian Geography knot 20th century, as well as it was explored in the European geography of the 19th century, is an example of the importance of the use of this category not only for its scientific development and fostering and university constitution of national scope (USP, UNESP, UNB, PUCRJ), of regional scope (UFPE, UFBA, UFMG, UFRS) as in the formation of the identity of the country as a nation state. However, the conception of Region in the country was not only the Geographic Science, as part of the Human Sciences, but rather underwent a reflective project by Sociology, Anthropology, History as of the arts in general. Especially in the Northeast region, this transdisciplinary reflection had as main representative and influencer Gilberto de Melo Freyre, essentially after the Regionalist Week of 1926, the result of the reflections developed by the Regionalist Center of the Reef (1923 between 1930) that triggered a 1926 Regionalist Movement. That brought together the thought of the region the idea of understanding it from beyond a local economic and physical study, but rather studying it through a cultural, humanistic and also economic conception that aims to highlight the potential existing in it. The consequences of this philosophy spread to music (baião, forró), literature (Romances 1930), architecture (regional squares in Recife) and even Cinema (Cinema Novo). Therefore, the present work sought to understand the regionalist reflections that made the beginning of the Geography carried out in Pernambuco (1930-1960), before its cathedral institutionalization, through the regional cartographies, of the works in the institutes of regional research (IHG.PE, IESFUNDAJ, IBGE Pernambucano Gymnasium (1921) Normal School (1921-1971), developed between (1940-1954) geographers Mario Lacqu de Melo (1911-2003), Gilberto Osorio de Andrdade (1912-1994), Hilton Seven (1911-1997 and Mauro Motta (1911-1984). For this he made use of the method of the Contextual Approach of Berdoulay (2011) added the iconographic, bibliographic, epistolary, documentary methodologies to the semistructured interview of those living with Gilberto Freyre and with the former Egyptians of the research institutes and student of the four professors analyzed, who were a pillar for. This reflects the importance of understanding the past of the Institutions of Geography, especially the local chairs, in order not only to preserve the memory of these, but to understand them as a part of the History of Science made in period in the country, enabling a better understanding of what is written today, and what will be developed tomorrow in terms of regional reflections.

Keyword: Region. Regionalisms. Chair of Geography. Pernambuco. History of Geography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vacaria no Largo do São Francisco em São Paulo em 1910. O moderno e o antigo se misturam no Brasil do início 1920.	23
Figura 2 - Cartas do Convite para o último dia da semana de Arte Modena em 1922.....	25
Figura 3 - A marcha do Povoamento e a urbanização -século XVIII.....	27
Figura 4 - Ilhas Econômicas (Século XVIII-1930).....	28
Figura 5 - Prédio do século XVII – Visita a Olinda Ulisses e Gilberto Freyre 1923	33
Figura 6 - Cinema Pathé, inaugurado em 1909, na Rua Nova.	37
Figura 7 - Divulgação da Semana das Árvores pelo Jornal do Recife - novembro 1924	38
Figura 8 - Convocação da Reunião no Centro Regionalista – A Província - maio 1925	39
Figura 9 - Convocação de Um Congresso Regionalista – Correio Paulistano novembro de 1925	40
Figura 10 - Congresso Regionalista do Nordeste -Elogios de Dr Amury de Medeiros no Jornal do Comercio (RJ) em 1926	40
Figura 11 - Primeira vinda de Mário a Recife: Boa Viagem em 1927	43
Figura 12 - Mario de Andrade no Engenho Dois Irmão Vicente Monteiro (Mata sul de Pernambuco) com Cicero Dias em 1927	44
Figura 13 - Mario de Andrade em Natal com Câmera Cascudo em 1928.....	44
Figura 14 - Mario de Andrade em Natal com Câmera Cascudo em 1928.....	44
Figura 15 - Relato da Semana Regionalista em Recife – Jornal da Rua Nova (1924-1952) - 1926	46
Figura 16 - Relato da Semana Regionalista em Recife – Jornal da Rua Nova (1924-1952) - 1926	46
Figura 17 - Cartaz de Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964)	55
Figura 18 - Mapa das Divisões Regionais do Brasil por Fabio Macedo Guimarães - 1941 ..	58
Figura 19 - Mapa da cidade do Recife 1932.....	59
Figura 20 - Mapa do Recife 1951	60
Figura 21 - Mapa do Café no Estado.....	61
Figura 22 - Mapa do Café no Estado.....	61
Figura 23 - Fotos de Raulen em Excursão junto a UDF e o IBGE em 1940.....	62
Figura 24 - Excursão Paraíba e Pernambuco com o sócios do Clube Rotary ano de 1936...	66
Figura 25 - Visita a Sociedade Geográfica de Lisboa e Cátedra Geográfica do Porto 1937.....	67

Figura 26 - Nota sobre o Trabalho da Tese de Gilberto Osório de Andrade 1940 por Mario Melo.....	68
Figura 27 - Partida para Execução no final dos anos 1950 início do 1960 para facção do compendio os Rios do Açúcar Oriental (1957-1961).....	69
Figura 28 - Capa da Tese original Traços de Uma Geografia Humana (1940).....	73
Figura 29 - Divisão Fitográficas em zonas regionais (1940).....	75
Figura 30 - Brasil as grandes unidades estruturais, 1983	81
Figura 31 - Bondes na Estação da Várzea nos anos 1920	83
Figura 32 - Mapa do Estado de Pernambuco – Principais Rios do Estado 1946.....	85
Figura 33 - Desenho de Thever (1558)- Parte da icnografia de O Cajueiro Nordestino (1954)	89
Figura 34 - Quadro Teorico-Methodologico da Geografia Francesa	93
Figura 35 - Gilberto Osório e Gilberto Freyre em Boa Viagem com Lula Cardozo Aires. ..	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro com alguns textos e livros escritos por Lacerda, entre 1940 e 1962.....	72
Quadro 2 - A trajetória profissional de Gilberto Osório de Andrade.....	76
Quadro 3 - Acervo Fundação Joaquim Nabuco (1940 – 1960)	78
Quadro 4 - Acervo Sudene (1963 – 1977).....	79
Quadro 5 - Acervo da Universidade Federal de Pernambuco (1966 – 1968).....	79

LISTA DE ABREVIATURAS

AGB	Associação dos Geógrafos Brasileiros
APL	Academia Pernambucana de Letras
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONDEPE/FIDEM	Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco
ENANPEGE	Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia
FGF	Fundação Gilberto Freyre
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco
IAGAH-PE	Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano
IAHG	Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEB-SP	Instituto de Estudos Brasileiros
IES-FUNDAJ	Instituições de Educação Superior
PIBICS	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PPGEO	Programa de Pós-Graduação em Geografia
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNB	Universidade de Brasília
UNICAP	Universidade Católica De Pernambuco
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	O BRASIL DO MOVIMENTO REGIONALISTA DE 1926 E A LEITURA GEOGRÁFICA DO NORDESTE	21
2.1	BRASIL: A IDENTIDADE NACIONAL PELO REGIONAL	22
2.2	O NORDESTE: CONSTRUÇÃO SOCIOESPACIAL DE UMA REGIÃO	26
2.3	GILBERTO FREYRE: ESPAÇOS PERCORRIDOS PARA UMA LEITURA REGIONAL	30
3	O REGIONAL DO MOVIMENTO REGIONALISTA.....	35
3.1	O MOVIMENTO REGIONALISTA 1926: ORIGENS, TRADIÇÕES E DESDOBRAMENTOS.....	36
3.2	DIÁLOGOS E TENSÕES COM MODERNISMO BRASILEIRO DO INÍCIO DO XX.....	42
3.3	A REGIÃO SEGUNDO O MOVIMENTO REGIONALISTA DE 1926.....	49
4	AS INFLUÊNCIAS REGIONAIS NA GEOGRAFIA PERNAMBUCANA (1930- 1960).....	56
4.1	A CONSTRUÇÃO CARTOGRÁFICA REGIONAL PERNAMBUCANA (1930-1960).....	57
4.2	CENTROS DE PESQUISAS E EXCURSÕES: O REGIONAL E SEUS PROTAGONISTAS.....	62
4.3	A CONSTRUÇÃO DOS INTELLECTUAIS E SUAS TESES REGIONAIS	69
4.3.1	<i>Mário Lacerda de Melo: Trajetória Intelectual – Espacial (1913-2004)</i>	<i>70</i>
4.3.2	<i>Tese - Pernambuco: Traços de Uma Geografia Humana (1940)</i>	<i>73</i>
4.3.3	<i>Gilberto Osório de Andrade – Trajetória Intelectual-Espacial (1912-1994)</i>	<i>75</i>
4.3.4	<i>Tese - Amazônia: Um Complexo Antropogeográfico Para O Lineamento para uma Geografia Total da Amazônia (1940)</i>	<i>79</i>
4.3.5	<i>Hilton Sette - Trajetória - Intelectual Espacial (1911-1997)</i>	<i>82</i>
4.3.6	<i>Tese – Estudo das Regiões Naturais de Pernambuco (1946)</i>	<i>85</i>
4.3.7	<i>Mauro Motta -Trajetória Intelectual Espacial (1911-1984)</i>	<i>87</i>
4.3.8	<i>Tese - O Cajueiro Nordestino (1954)</i>	<i>89</i>
4.4	REFLEXOES ACERCA DAS FILOSOFIAS REGIONAIS NAS TESES, CARTOGRAFIAS E PESQUISAS NO PERÍODO PRÉ INSTITUCIONAL EM PERNAMBUCO (1930-1960).....	91
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
	REFERÊNCIAS.....	99
	APÊNDICE A - Entrevista transcrita 1.....	109
	APÊNDICE B - Entrevista transcrita 2	110

APÊNDICE C - Entrevista transcrita 3.....	116
APÊNDICE D - Entrevista transcrita 4.....	118
ANEXO A - Memórias - Marisa Braga Sá	121
ANEXO B - Cadernos de campos de Monbeig 1944	124
ANEXO C – Álbum de fotos trajetória intelectual de Gilberto Freyre	125

1 INTRODUÇÃO

A construção do pensamento geográfico brasileiro não se deu de forma homogênea no país. Defende-se aqui que a Geografia Pernambucana se constituiu a partir da confluência de reflexões distintas em torno do conceito de região. Diferente da ideia de hegemônica trazida do Sudeste do país, de que geografia existente deveria ter por base as geografias pelos franceses e alemães, na fundação do pensamento geográfico brasileiro, em Pernambuco houve também a influência da tradição reflexiva ligada ao Grupo Regionalista do Nordeste de Recife. Essa dupla influência confluiu nas formas de pesquisa no período de fundação da Geografia em Pernambuco nos anos 40 e 50, apresentando uma vivência própria da noção de regionalismo a partir da relação homem e meio. Essa especificidade advinda da influência do Grupo Regionalista foi a mesma que ajudou a consolidar uma leitura de Nordeste como região específica em relação às outras do país.

A formação conceitual da categoria região no nordeste brasileiro se constituiu de forma singular em comparação ao que foi refletido em outros locais do Brasil, o que ajudou a caracterizar a sua singularidade regional a partir de uma carga conceitual e cultural. O conceito de região sendo múltiplo e não exclusivo da ciência geográfica, se fez presente tanto em outras ciências como no próprio senso comum, ajudando a afirmar as identidades e tradições dos lugares no entremeio da relação antropogeográfica. No Nordeste, os conceitos de região e regionalização foram refletidos inicialmente em Pernambuco, sobretudo em Recife, pelo enfoque sociológico e antropológico de Gilberto Freyre (1900-1987).

A partir das noções de regionalismo e de tradicionalismo, desenvolveu-se no Recife, em 1924, o Centro Regionalista Pernambucano, e dois anos depois, o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, sendo publicado por Freyre o Manifesto Regionalista em 1926, discutindo conteúdos culturais, geográficos e políticos diversos, exaltando as particularidades da paisagem e da formação territorial.

Esse manifesto é uma resposta à tendência dominante da Europa, advindas do modernismo brasileiro afirmado na Semana de Arte Moderna de 1922, que dentre outras consolidava, a partir de uma elite urbana, a influência francesa no imaginário reflexivo nacional – aumentando a tonalidade crítica de tratamento das culturas regionais. O Congresso Regionalista em Recife, por sua vez, carregando o tradicionalismo das oligarquias agrárias nordestinas, e embasado na antropologia americana, defendeu que cada cultura era singular e tinha que ser analisada em consonância com suas particularidades geohistórica. Diferenciando-

se do determinismo ambiental e do possibilismo, para os regionalistas não existiria uma cultura determinada pelo ambiente ou mais evoluída que a outra, existiria sim, “culturas”, devendo cada uma ser entendida em seu próprio âmbito geohistórico. Seriam as relações sociais e ambientais específicas de cada comunidade, sociedade etc., que caracterizaria as especificidades das culturas e lugares. O embate entre as reflexões da Semana de Arte Moderna do Sudeste e o Movimento Regionalista do Nordeste deu a tonalidade de reflexões que, acreditamos, confluíram nas primeiras gerações de pesquisadores de Geografia na constituição do pensamento geográfico Pernambucano.

No Nordeste, decorridos mais de 90 anos do Manifesto Regionalista, esta produção literária acadêmica continua a ser exaltada, fazendo-se muito presente na atualidade e em obras de caráter identitário da região. Mas esta influência pode ser mais presente nas décadas posteriores nos primeiros geógrafos e geógrafas formados em Pernambuco nas décadas de 1930, exercendo a sua docência inicial nos anos de 1940 e 1950. Os geógrafos construtores da reflexão geográfica em Pernambuco, como Gilberto Osório de Andrade, Mario Lacerda de Melo, Mauro Motta, Hilton Sette entre outros trabalharam a noção de região ao produzirem materiais acadêmicos e técnicos na formulação de documentos institucionais da região nordeste, fortificando qualitativamente a FUNDAJ e órgãos como Condepe/Fidem e a Sudene, no Recife. Contudo, a influência do movimento regionalista de 1926 pode não ter se dado de maneira imediata nestes autores, também sendo de muita importância as obras da escola regional francesa, fundada pelo geógrafo Paul Vidal de La Blache, e as obras do alemão Friedrich Ratzel, ambas na década 1930, que tiveram um peso significativo para as obras desses geógrafos.

Somado a isto, os desafios geográficos contextuais da década de 1930 no Brasil, colocava o conceito de região como central para se pensar as demandas de gerenciamento e construção da identidade cultural. No período, as oligarquias regionais do Nordeste buscavam maior autonomia frente às decisões geopolíticas e econômicas referenciadas na união e que favoreciam ao Sudeste, Minas Gerais e São Paulo (economia café-leite), Essa a partir da Era Vargas, a Geografia passa a ser obrigatória no ensino básico das escolas estaduais, havendo a elaboração dos primeiros livros didáticos modernos brasileiros sob inspiração francesa e alemã, produzidos por autores como Delgado de Carvalho e Aroldo de Azevedo. Neste, período, as primeiras produções geográficas modernas em Pernambuco surgiram, por exemplo, como requisito para o ingresso no Ginásio Pernambucano nos anos 40, elaboradas através de teses, como foi com Mario Lacerda de Mello (*Pernambuco, traços da geografia humana*), e Gilberto

Osório de Andrade com (*Um complexo antropogeográfico: lineamento para Geografia Total Amazônia*). Somam-se essas teses às outras teses entre os anos 40 e 50 a tese de Hilton Sette *Regiões Naturais de Pernambuco* (1946) e *Cajueiro Nordestino* (1958) de Mauro Motta, sendo esta tese a única vinculada ao cargo de prof. catedrático Escola Normal do Recife e não Ginásio de Aplicação. O produto dessas teses, nesse período, somados ao acervo do Instituto de Estudos Sociais, então Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), ajudaram a fundar a cátedra pernambucana na década de 1950, atuando como os primeiros geógrafos de Pernambuco. Há de se investigar quais as características teórico-metodológica dessas teses para observar se há a confluência de perspectivas vindas tanto da influência francesa, alemã, quanto da influência do Movimento Regionalista local.

Diante desta problemática o presente trabalho lança as seguintes indagações: Quais os contextos geográficos e históricos reflexivos que influenciaram a fundação da Geografia Pernambucana? Qual a influência do movimento regionalista de 1926 no campo intelectual da Geografia Pernambucana pré-institucional? Quanto da escola regional francesa existe nos escritos desses primeiros autores regionais pernambucanos? Como estes se confluíram no contexto da produção pré-acadêmica do pensamento geográfico pernambucano? O quão influentes o movimento regionalista de 1926 e o regionalismo francês foram nas obras de Gilberto de Osório e Mario Lacerda de Melo? A hipótese da pesquisa é que a Geografia Pernambucana no período pré-acadêmico é fruto da confluência de leituras regionalistas distintas, com as produções dos primeiros geógrafos expressando essa diversidade. Para responder a estas perguntas o presente trabalho tem os seguintes objetivos:

Geral

Estudar a Geografia Pernambucana no período pré-institucional (1930-1960) a partir das reflexões regionalistas influentes no período.

Objetivos específicos

- Descrever o contexto da reflexão regionalista na década de 1930 no Brasil em Pernambuco.
- Investigar a influência do Movimento Regionalistas de 1926 e da escola regionalista clássica de Geografia nas reflexões dos geógrafos regionalistas no Brasil e em Pernambuco.
- Examinar a influência do movimento regionalista de 1926 e o regionalismo europeu nos professores de geografia pernambucanos do período pré-instrucional.

Para cumprir com estes objetivos o trabalho se referenciará em métodos de abordagem e em procedimentos específicos. Em termos de método de abordagem, utilizaremos a chamada

Abordagem Contextual de Vincent Berdoulay (2003). Essa abordagem consiste em entender o contexto histórico-geográfico em que os objetos de pesquisa se situam e como estes influem na construção do pensamento geográfico de determinado período. Salienta-se que este método se desenvolve através da aplicação de 5 pressupostos: 1) Os sistemas são estruturados em forma de pensamentos e continuidade das ideias; 2) Não se deve estabelecer distinção nem dicotomia entre os fatores internos e externos da mudança científica; 3) Não se deve negligenciar ao atribuir superioridade entre as tendências geográficas; 4) Não negligenciar as questões que preocupam a sociedade na época; 5) Adotar a concepção de “círculo de afinidade” para estudar as influências das comunidades científicas. Dessa maneira, o método debatido se junta aos procedimentos metodológicos, com a pesquisa e obtenção de dados primários (entrevistas e documentos originais) e secundários a partir de pesquisa bibliográfica, iconográfica, documental, epistolar e as entrevistas semiestruturadas.

A pesquisa bibliográfica e iconográfica, e os dados secundários são de fundamental importância para entender os contextos histórico, político e comportamental se apresentam como pano de fundo para o desenrolar da ciência geográfica no início do século XX. Busca mostrar como círculos de afinidades científicas estavam ligados aos ciclos intelectuais e institucionais de poder, seja na Europa, Brasil e Pernambuco, se conectando através das redes globais de transporte (trens e navios), redes de conhecimento (simpósios, pavilhão das ciências) e de redes de telecomunicações (cartas e sistema de fax). A metodologia da pesquisa primária se junta aos dados secundários adquiridos pela documentação dos autores pesquisados (Gilberto Freyre, Gilberto de Osório, Mario Lacerda, Mauro Motta, Mario Sette), com seu “círculo de afinidades” que elucidam não só o objeto de estudo, mas todo ambiente histórico (interno e externo à disciplina) que os autores viveram. As entrevistas semiestruturadas buscaram dialogar com pessoas ligadas diretamente ou indiretamente a estes autores, questionando sobre a memória do início da geografia na universidade pernambucana, conexões reflexivas e pessoais que podem expressar a influência do regionalismo de Freyre ou do regionalismo europeu.

O desenvolvimento do presente trabalho está organizado em 3 capítulos temáticos: O Capítulo 2 desta dissertação trata especificamente do Brasil do Movimento Regionalista de 1926 e a leitura geográfica do Nordeste. Desenvolve primeiramente o entendimento sobre o Brasil na década de 30 e o Nordeste como espaço de povoamento e ocupação, contemplando as características físicas e antropológicas que formam sua espacialidade. Fruto desse espaço, Gilberto Freyre acaba por ser o símbolo da continuidade deste trabalho, sendo o principal mentor filosófico do Movimento Regionalista. O capítulo busca tratar ainda como a sua

trajetória espaço - intelectual auxiliou na construção de ideia de Região que veio a se expressar posteriormente no movimento em que era líder. Ressalta-se assim, a aplicação do pressuposto 1) do método contextual que mostra como os sistemas de ideias e pensamentos se formaram a partir dos contatos do conceito de região presente pelos intelectuais que Freyre teve contato.

Dando continuidade o objetivo geral do presente trabalho, aprofundando o Capítulo 2, o capítulo 3 abordará as características principais do Movimento Regionalista que culminaram na Semana Regionalista 1926, possibilitando tanto o debate entre as ideias nacionais do movimento moderno paulista (Semana de 1922), quanto o confronto local com modernismo recifense de Joaquim Inojosa e seu grupo. Os diálogos reflexivos entre Freyre com Mario de Andrade, Manuel Bandeira e Câmara Cascudo e os embates entre Joaquim Inojosa fazem com que o capítulo tenha a aplicação do pressuposto 5) do método contextual, pois mostra a importância dos ciclos de afinidade para fundamentação de uma ideia em momento histórico, bem como o uso pressuposto 4) que é não negligenciar as questões que preocupam a sociedade numa época. Finaliza o capítulo II com a discussão do conceito filosófico de Região final usada por Freyre nas suas outras obras posteriores ao movimento, nas décadas de 30 e 40, mostrando a influência direta desse pensamento na literatura regional do ciclo de 30 e 40, no paisagismo local e na música no mesmo período.

O trabalho finaliza suas reflexões no capítulo 4 onde se desenvolve sobre o Regionalismo na Produção do Pensamento Pernambucano. Em diálogo com os dois capítulos anteriores se realizou o levantamento sobre geografia pré- acadêmica pernambucana, buscando entender as influências regionalistas (capítulo 2 e 3) no que foi produzido de conteúdo geográfico de 1930 a 1960, especialmente o material desenvolvido pelo Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHG-PE), sediando em Recife. Serão analisadas as obras pré institucionais (UFPE) do grupo de professores que trabalhavam nos liceus locais (Ginásio Pernambucano como Escola Normal) estes são: Mario Lacerda, Gilberto Osório, Mauro Motta e Hilton Sette, observada influência direta ou indireta da geografia clássica regional e do movimento regionalista freyriano de 1926 nos seus escritos; ou seja, com base na hipótese levantada, demonstrando, ou não, se nestes autores há a confluência de reflexões distintas em torno do conceito de região. Se encerra assim o uso do método contextual com aplicação do 3 pressuposto, buscando mostrar as várias tendências regionais que fundaram as bases do departamento de ciência geográfica de Pernambuco, sem, no entanto, negligenciar ao atribuir superioridade entre as tendências geográficas.

2 O BRASIL DO MOVIMENTO REGIONALISTA DE 1926 E A LEITURA GEOGRÁFICA DO NORDESTE

O Brasil do período que compreende o Movimento Regionalista 1926, era o Brasil em fase de uma construção territorial e identitária. Esse período (1930-1940) carregou como missão descobrir o país para seu povo e sedimenta-lo não só em termos estruturais (construção civil, estradas, hospitais,) mas também educacionais (escolas, universidades) e culturais (músicas, futebol, teatro, literatura, artes plásticas etc.). Parte desse país, existia as suas sub-regiões tão heterogêneas entre si. A Região Nordeste como parte importante, a antiga em termos de ocupação territorial, passa a fazer parte desse processo de tentativa de unidade nacional.

O Nordeste é uma região caracterizada por um gama extensa de paisagens secas na sua porção interior e úmidas em sua faixa mais setentrional, composto por povos locais, negros, portugueses de origem moçárabe e judaica, possuía até o começo do século XX uma forte tendência, a econômica, baseada na exportação de cana de açúcar, carne de gado, algodão, abastecendo o país como uma fonte insumo.

Apesar da perda de patamar econômico ao longo do início do século passado, com grandes problemáticas derivadas da concentração de terras e constantes estiagens, a região já era berço de ampla diversidade cultural, musical e de dança com os maracatus, caboclinhos, reisados cirandas e forrós. Possuía grandes literatas e intelectuais reconhecidos nacionalmente como Castro Alves e Joaquim Nabuco. Desenvolvia arte popular em barros, tapeçaria e bordados, além de comidas doces e salgadas à base de iguarias de coco, milho e açúcar que constituíram o Nordeste como lócus diferencial e posteriormente auxiliaram na formação identitária nacional do país, especialmente no início do XX, com o fortalecimento da ideia de estado nação.

Oriundo desse Nordeste, em decadência econômica, mais fértil cultural e intelectualmente, o jovem recifense Gilberto Freyre, advindo de uma temporada acadêmica nos EUA e na Europa, teve como impulso se aprofundar nas questões do Brasil regional, desenhando assim uma nova leitura de Nordeste, agora focado num Nordeste de viés cultural, das chamadas “riquezas naturais e econômicas”, um Nordeste que não estava sendo considerado nem pelas novas elites subestimas nem pelos próprios nordestinos. O capítulo em questão visa entender o que é esse espaço Nordeste, a partir do entendimento do que foi esse Brasil em construção no mesmo período, seja pela constituição territorial seja pela primeira leitura intelectual feita por Gilberto Freyre, a partir do seu percurso -espaço intelectual por sua cidade Recife e pelos Estados Unidos, Europa do início da década de 1920, em que pode elucidar

através de seus intelectuais que o influenciaram, como Frans Boas e Hildigens, o que seria a ideia de Região que passaria a formular filosoficamente, a partir deste momento. Destaca-se ainda o uso do pressuposto 1) do método contextual, associado às iconografias e bibliográficas complementares e aos arquivos complementares pessoais de Freyre contidos no ANEXO C, que mostram como os sistemas de ideias e pensamentos se formaram, no caso específico do presente capítulo buscando se traçar as primeiras conceituações de Região por Freyre, através dos conceitos de região que teve contando bem como o sistema de ideias predominante em todo século XX, auxiliando em sua primeira formulação.

2.1 BRASIL: A IDENTIDADE NACIONAL PELO REGIONAL

Conforme preconiza Berdoulay (2003), os entendimentos das relações contextuais na história se confundem com o fazer científico das ciências, em especial a Geografia aqui abordada (BERDOLEY, 2003). O panorama que acaba de ser descrito expressa isso. Na esteira das transformações científicas, Foucault (2004) compreende que as “mutações científicas também são lidas como normas, como formas de verdade”. Neste movimento na Geografia moderna ocorreu a influência das normas e práticas construídas, a partir dos problemas advindos de Guerras, crises econômicas e evoluções técnico-científicas. Da mesma forma, também no Brasil o conhecimento geográfico se construiu em resposta aos problemas nacionais e a Geografia foi constituída e utilizada para se apropriar do território não só economicamente, mas também culturalmente, como uma forma de constituir uma identidade nacional (RIBEIRO, 2011). Portanto, entende-se o período de 1900-1940 como uma época em que a constituição da Geografia se fez junto com o problema da construção do Brasil enquanto território e nação, observando de forma mais explícita a Geografia como forma de poder, com o poder e a identidade territorial estando intimamente ligados à constituição à história das nações (RAFFESTEIN, 1993).

O Brasil em que a geografia científica floresceu na primeira metade do século XX era um espaço majoritariamente ruralizado, composto em 1900 por 60% da população estabelecida em área rural, com uma economia agroexportadora, advinda da monocultura do café (sudeste), do algodão, agropecuária (nordeste e sul) e do extrativismo (norte). O café era a principal base econômica e comercial desde meados do século XVIII, quando os ciclos da cana e do ouro havia se desgastado por crises sucessivas (BOMFIM, 1996). O modo de vida urbano que se desenvolveu na morfologia das cidades europeias desde o século XVIII (Munford (2011), no Brasil se desenvolverá de forma mais intensa no começo do século XX nos principais centros

regionais do país como Recife, Salvador, Fortaleza, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e especialmente São Paulo, que por volta de 1910, observava a expansão de bairro operários com os imigrantes italianos, alemães, espanhóis, portugueses. A capital paulista que começa a liderar a expansão industrial no país, era composta de 240 mil habitantes, a maioria (85% da população) de analfabetos convivendo, ainda de forma bem marcante, com as realidades rurais como vacarias, carroças, galos e outros caracteres comuns as ruralidades do período (BOMFIM,1996) (Figura 1).

Figura 1 – Vacaria no Largo do São Francisco em São Paulo em 1910. O moderno e o antigo se misturam no Brasil do início 1920.



Fonte: Blog Mussara. <http://www.musarara.com.br/sao-paulo-minha-dor>. Acessado em janeiro 2020.

Da memória individual que se compõem as memórias coletivas na história (LE GOFF, 1998), os livros - crônicas e biografias - de muitos escritores e artistas brasileiros, crianças etc., entre os anos 1910-1940, podem pontuar de maneira contundente o período mostrado na imagem acima. Trago assim, um trecho da crônica *Alameda Santos*, do livro-biografia *Anarquistas Graças a Deus* (2009) escrito em 1980 pela escritora Zélia Gatai (1916-2008), então criança na São Paulo de 1920, onde é claro, há tensão entre o urbano e a tradição rural:

Tudo pela Alameda Santos! Nem as carrocinhas de entrega de pão, nem os burros da entrega de leite, um atravessado com latão de cada lado, tinha permissão de pisar na avenida Paulista. Nossa rua, pois, uma das movimentadas e estrumadas do bairro com seu permanente desfile de animais. Em dias de enterro importante o adubo aumentava (GATAI, p.53. 2009)

A São Paulo era o espelho das demais capitais brasileiras, transitando lentamente entre o rural e o urbano, cuja constituição vigente remetia ao fim do regime imperial, em 1889, onde se privilegiava explicitamente as classes favorecidas e os coronéis. Os grandes proprietários de

terra continuavam influentes no poder político do país (politicamente preponderante até o início da Era Vargas em 1930), se sucedendo em eleições indiretas a partir das relações de poder dos estados de São Paulo (2009, p. 53).

Esse período é denominado de várias maneiras, seja de República do Café com Leite, ou República Oligárquica ou República Velha. Neste último caso o adjetivo “velha” representa a manutenção dos poderes dos senhores oligárquicos imperiais, que no capitalismo agroexportador emergente no período se mantiveram e prorrogaram as práticas e poderios do período imperial (PERISSONOTO, 1994). Contudo, ao mesmo tempo em que existiam as elites que se esforçavam em manter o sistema oligárquico vigente, os primeiros anos da Nova República foram marcados por muita turbulência no plano político. Estas foram derivadas das insatisfações locais e regionais da recente elite industrial e urbana, bem como das influências do anarquismo, tenentismo e do socialismo na política local (PERISSONOTO, 1994). A diversidade política e de condições sociais se reverteu em conflitos urbanos e rurais nas diversas regiões e cidades. É desse período que surgem as primeiras revoltas de repercussão nacional, como por exemplo: Canudos (1892-1895), Vacina (1904), Chibata (1910), Contestado (1915-1916), Tenentismo (1922-1927) e as greves em São Paulo e nas diversas capitais brasileiras.

Mas não são só de crises sociopolíticas e econômicas que se viveram as primeiras décadas da chamada nova república. Foi também, nesse período, que ocorreram uma série de transformações comportamentais e artísticas agora sob a referência de uma cultura urbana em ascensão. São justamente a consolidação dessa cultura urbana que favorecerá a solidificação de uma elite urbana econômica e política que se expressou no espaço urbano. Mudar e construir a cidade a partir dessas referências, da nova elite, marcaria na paisagem um sentido de transformação sólida das ideias e suas difusões. Assim essas mudanças comportamentais e artísticas tiveram como pano de fundo as primeiras grandes reformas urbanas que ocorreram entre 1904-1915 nas capitais brasileiras. A difusão das mudanças culturais foi favorecida pelo crescimento de múltiplos veículos de comunicação, com o aparecimento de revistas como *Malho* (1902-1958) *Cruzeiro* (1928-1975) entre outras, que abordavam o cotidiano nacional (TEXEIRA, 2000).

Foi no ambiente urbano, seja de elite, seja popular das periferias, que houve a profusão da música popular, por exemplo, com o surgimento do Samba (1916) com Hilário Jovino (1873-1933), João da Baiana (1887-1975), Donga (1890-1974) e Pixinguinha (1897-1973), e que influenciaram na produção clássica brasileira do maestro Heitor Villa Lobos (1887-1959) (CABRAL, 1984). Na literatura se destacaram poetas como Oswald de Andrade (1890-1954) e

Manuel Bandeira (1886-1968), as crônicas infantis de Monteiro Lobato (1882-1948) e a literatura folclórica de Mário de Andrade (1893-1945) e Câmara Cascudo (1896-1998). Por fim, na pintura ressaltam-se as obras de Tarsila do Amaral (1886-1973), Anita Malfatti (1889-1964), Di Cavalcanti (1897-1976) e na escultura o trabalho em pedra de Vitor Brecheret (1894-1954) (TEXEIRA, 2000). É importante pontuar a presença da maioria dos citados desse parágrafo na Semana de Arte Moderna realizada de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, evento que marcou definitivamente o anseio brasileiro pela busca de identidade artística nacional (CATANNI, 2011) (Figura 2). Discutiremos a seguir a Semana de Arte Moderna em diálogo ao Movimento Regionalista.

Figura 2 - Cartas do Convite para o último dia da semana de Arte Moderna em 1922



Fonte: Carta da Semana de 22. Prefeitura da Cidade de São Paulo, Arquivo Público.

Esses acontecimentos fortaleceram não o sentimento de necessidade do país em repensar a sua história e a sua identidade a partir do seu próprio cotidiano. A mudança de perspectiva no estudo das raízes da nação, como nos elucida Freyre (1965), buscava desenvolver uma cultura genuinamente brasileira, algo que foi reforçado na Era Vargas (1930-1945). (NOVAIS, 1998). No primeiro período da era Vargas (a era democrática de 1930-37) a transição sociopolítica oligárquica com viés autoritário, fortalecido pelo clientelismo, só derivou de transformações mais significativas, após a elaboração da Constituição de 1934, que trazia o Brasil à situação jurídica da conjuntura do século XX, com leis trabalhistas básicas (carteira de trabalho, direito a férias, salário mínimo etc.), o voto feminino, universalização do ensino básico, instituição e regulamentação de universidades brasileiras, bem como a criação dos Ministérios da Cultura e Educação (FAUSTO, 2006).

Contudo, as conquistas sociais e políticas não resolveram todos os anseios da população geral, e as greves e os movimentos ligados aos partidos comunista e socialista gerou em Vargas soluções de cunho ditatorial que reverberaram ao longo do seu segundo e mais longo mandato (1937-1945), chamado de Estado Novo. Neste período houve o fechamento dos partidos de esquerda, e exaltação de lemas fascistas, onde o nacionalismo era exaltado nas rádios nacionais e nos jornais ligados ao governo. A difusão espacial do nacionalismo destaca os feitos do Brasil nas Indústrias de base como a da Vale do Rio Doce (1935) e o projeto da expansão geográfica pela ampliação das estradas, ações que mudaram a vida da classe média e baixa do país (FERREIRA, 2003).

É nesse pano de fundo com novidades culturais, tensões geopolíticas e ditaduras num processo de urbanização crescente que o Brasil vai ganhando sua identidade cultural e geopolítica. Tal problemática foi acompanhada pelo desenvolvimento científico das Instituições da Ciência Geográfica justamente para responder às demandas territoriais e regionais de planejamento e caracterização espacial. Essa estruturação ocorreu em meados de 30 e decorreu no conhecimento mais aprofundado dos recursos e diversidade geográfica do territorial nacional e ferramenta ideológica de construção da identidade nacional (RIBEIRO, 2011).

2.2 O NORDESTE: CONSTRUÇÃO SOCIOESPACIAL DE UMA REGIÃO

O processo de construção do Nordeste não é apartado da constituição territorial e cultural do Brasil. A distribuição da população no território brasileiro se deu de maneira irregular, havendo tantos locais de forte adensamento, geralmente ligados a alguma porção de água, ou mar ou rio perene, quanto outros locais quase ermos de população, separados ambos por vácuos extensos de ocupação e infraestrutura, chamados de vácuos territoriais (PRADO, 2011). Para Moreira (2011) esses adensamentos mais robustos denotaram espacialmente o que ele denominou de “arquipélagos espaciais”. Estes eram as capitânicas economicamente mais desenvolvidas, e as primeiras a serem “loteadas”, já antes do Tratado de Tordesilhas, do ano de 1494, fazendo com que houvesse uma forte influência sobre outros povoados, que seriam utilizados pelos primeiros, como fontes de subsídio do de carne, milho, fumo etc.

Nesse contexto, Recife e Salvador se apresentam como capitânicas centrais para a colonização, sendo que a partir dessas se deu o povoamento das hinterlândias, ou povoados secundários afastados pela vegetação ou por acidentes geográficos, chapadões e planaltos (PRADO, 2011).

A formação nordestina para Prado (2011), teve como polo irradiador Pernambuco, mais precisamente Recife e Olinda, e Bahia, em Salvador. Em completo a esta afirmação, Capistrano de Abreu (1988) afirma que ocupação baiana se deu de maneira interiorana, para o norte e o noroeste, denominando o povoamento como “sertão de dentro”. Este sertão é a área ao norte, na direção do submédio do São Francisco, indo para parte ocidental, e noroeste, adentrando o Piauí, e, por último, chegando no Maranhão pelo Rio das Belas até o Rio Tocantins. No rio Tocantins a vegetação caatinga se mescla ao cerrado central, espriando pastos para os rebanhos de gado, a vegetação é predominante catingueira.

A ocupação pernambucana, pela análise de Capistrano de Abreu (1988), irradiou de maneira externa, saindo pelo litoral de Pernambucano da Paraíba e Rio Grande do Norte até encontrar parte do Ceará nas serras Ibiapaba e Grande. Do Ceará partiu a corrente mais recente de povoamento, segundo Prado (2011), que se finda no rio Poti (entre Ceará e Piauí) e pega parte sul dos Ceará nos Cariris Novos, área onde brotavam olhos d’água em abundância, que chegam a alcançar até o platô de chapada denominado de Araripe (Figura 3).

Figura 3 - A marcha do Povoamento e a urbanização -século XVIII.



FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação do Desenvolvimento Educação, 1995. p. 139. [Adap

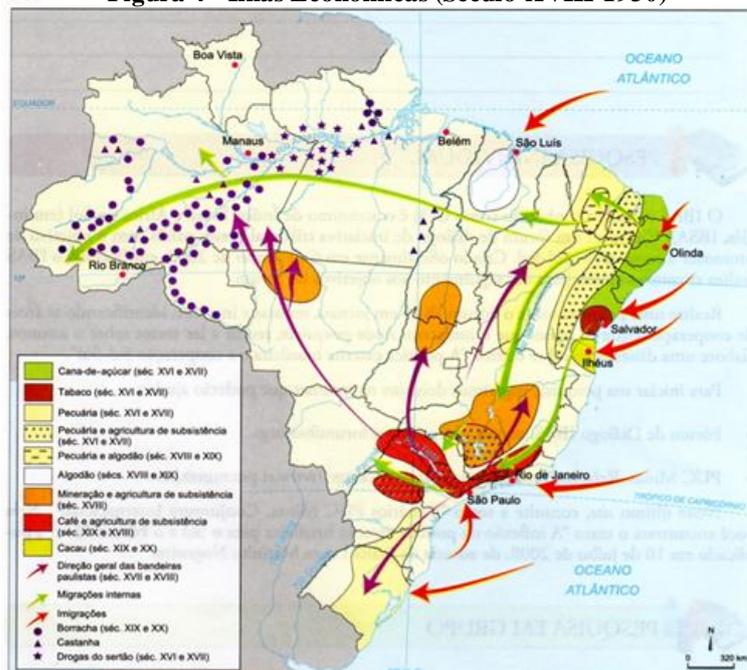
No Nordeste os ciclos econômicos se interligaram fortemente com a linha de povoamento; em Pernambuco, isto se fez semelhante. O núcleo econômico litorâneo de

Pernambuco se fez da cana-de-açúcar seu produto principal, chegando a se estender até as áreas extensas da zona da mata (entendo que até meados do século XVIII Pernambuco se estendia aos estados atuais da Paraíba e Alagoas), sendo um dos núcleos mais antigos do Brasil com seu auge até o século XVII (SODRÉ,1962).

Segundo Moreira (2011), um dos fatores para início do declínio do ciclo da carne no Nordeste foram as grandes perdas de rebanhos gerada pela primeira “Seca Grande”. Segundo Gorender (1978) isso somou-se à formação de um “tecido cartilaginoso” cuja natureza da divisão do trabalho tinha como foco o comércio interno, o que favoreceu vínculos consistentes entre os núcleos urbanos existentes e os outros ciclos que dependiam do comércio gerado nas paragens desse gado.

O ciclo do algodão em Pernambuco, por fim fez frente durante um certo tempo às produções americanas no período pré-industrial, devido à Guerra de Secessão ocorrida no país, até, pelo menos, o início da primeira industrialização na Inglaterra do século XIX, denominado de ciclo do ouro branco. O mapa da (Figura 4), sintetiza os aspectos da ocupação espacial e social do Brasil tratado pelos estudiosos Moreira (2011), Prado Junior (2011), Abreu (1988) e Sódre (1962), podendo sumarizar dessa maneira a relação entre os principais ciclo econômicos (Açúcar, ouro, algodão, charque e fumo) com a ocupação progressiva dentro dos interiores que são associadas não bastante as migrações, como mostra nas setas do mapa em questão, internas estatais (como as entradas e bandeiras do sudestes)e involuntárias, geradas estas últimas muitas vezes pelo fim de um ciclo econômico para outro, o que gerou os polos regionais, a exemplo Feira de Santana e Campina Grande, as capitais não litorâneas, como Minas Gerais.

Figura 4 - Ilhas Econômicas (Século XVIII-1930)



Brasil: produção do espaço geográfico em “ilhas econômicas” (século XVI até 1930). Fonte: Organizado por Sérgio Adas especialmente para o São Paulo faz escola, 2008.

Em termo de componentes de formação étnica, o Nordeste se assemelha matricialmente ao resto do Brasil, onde a miscigenação inicial prevalecente se deu entre portugueses, índios e africanos oriundos da costa ocidental da África. De acordo com Prado (2011) os nativos residentes no litoral do Nordeste advinham predominantemente do tronco indígena tupi-guarani, sendo no sul da Bahia a predominância dos Paraguaçu, derivados desse mesmo tronco. Para esse autor, é notada no sertão nordestino a prevalência quase unânime de mestiços (índios e brancos) advindos do litoral, bem como de índios interioranos cariris e seus desmembramentos nos pés de olhos d'água, como os pancararus, tuxás e xucurus e os negros fugidos no século XVI-XVIII. Esses povos viam no bioma um local de refúgio para exercer culturas matrizes como o caso de quilombos entre o sul de Pernambuco e Alagoas, o mais famoso deles sendo o de Palmares.

A percepção de Prado (2011), adicionada à Handelman (1931), é marcante ao dizer que as porções brancas ficaram concentradas nas capitais, e nos interiores composto em menor quantidade de judeus conversos advindos do período holandês, e de miscigenados denominados de marranos. Ambos se espalharam em núcleos interioranos entres os cariris nordestinos do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, os mesmos que construíram a primeira sinagoga das Américas, a Kahal Zur Israel, no Bom Jesus, ainda existente como museu no Recife (SANTOS, 2009). Sobre essa origem semita, Freyre (2011) é um dos primeiros a abordar a sua origem quando discute o aspecto miscigenado do povo português, afirmando que a mistura moura, negra e judia, existente já nos portugueses do século XIV-XV fez com que se adaptassem com bastante facilidade e povoassem com rapidez um território continental como o Brasil. Os aspectos de miscibilidade e mobilidade são discorridos por Freyre (2002) em sua obra *Casa Grande e Senzala*:

A escassez de capital-homem supriram-na os portugueses com extremos de mobilidade e miscibilidade: denominando espaços enormes e onde quer que pousassem, na África ou na América, emprenhando mulheres e fazendo filhos, em uma atividade genésica que tanto tinham violentamente instintiva parte de política. (FREYRE, 2002)

Foi este povo de “tipo físico não unificado”, como afirma Herculano (1853), que se fez a formação *sui generis* do nordestino, advindo de misturas singulares estabelecidos no espaço, que passou a transformar o ambiente. Gilberto Freyre foi um dos responsáveis pelos estudos aprofundados e de narrativa diferenciada da formação desse nordeste multifacetado, especificamente, do seu lugar sentimental e de vivência, onde a especificidade regional é tratado singularmente, sem sentido de avanços ou atrasos em relação às outras regiões

(BOTELHO,2010). Vale elucidar que nessa narrativa em *Casa Grande Senzala*, de 1933, e no livro *Nordeste* (1925) que se encontra a primeira narrativa historiográfica da “nova historiografia”. De acordo com Braudel (1943) essa narrativa foi cara aos novos modos de contar a história do Brasil, agora de uma forma moderna e que se retrata à história das ciências, se utilizando inclusive da geografia (BARROS,2012).

2.3 GILBERTO FREYRE: ESPAÇOS PERCORRIDOS PARA UMA LEITURA REGIONAL

Gilberto Freyre foi o principal protagonista de uma leitura que reivindicou o tratamento do Nordeste como uma região singular, como especificidades e tradições que tornava a área única em relação ao Brasil. Seu papel no Movimento Regionalista é fundante, por isso destaca-se como personagem. Por conseguinte, entender a sua visão do Nordeste e como essa visão se desenvolveu, passa por compreender um pouco de sua trajetória intelectual-espacial¹ ao longo do período em que ele trabalhou com a questão regionalista per si, período este que inicia na década de 20 e se finda na década de 40, aonde a repercussão do *Casa-Grande e Senzala* (1933), sua principal obra, começar a ser traduzida e ele passa a discutir o Brasil como um todo.

Ao começar pela trajetória-intelectual de Freyre é necessário começar pela infância e no espaço em que viveu e nasceu, a Recife de 1900. Esta Recife era ainda bastante rural e com forte dependência com os engenhos. Gilberto Freyre como menino de uma família tradicional, viveu parte da sua infância entre o engenho São Severino dos Ramos, de sua avó materna, e as ruas recifenses da estrada dos Aflitos (hoje, Avenida Rosa e Silva), bem como nas ladeiras da antiga Olinda. Nesta última criou-se em contato íntimo com a cultura católica-africana dos terreiros e as vivências culturais típicas da região açucareira pernambucana, como maracatus, caboclinhos e doces de coco e de mamão. Dessas experiências sentimentais memorialistas da infância-adolescência Freyre escreveria anos mais tarde *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife* (1934) e *Pessoas, Coisas & Animais* (1971), e seu diário *Tempos Mortos e Outros Tempos* (1975) (FREYRE,2002). Neste último, em especial no período da adolescência Freyre destaca alguns lugares de sua frequência constante em Recife. Boa viagem ainda era uma praia de pescadores e veranistas com altos coqueiros e passeios de bote, Santo Amaro era o bairro das principais repúblicas dos estudantes de direito e dos pequenos prostíbulos e por fim, o bairro das Graças, Espinheiro, onde se encontrava a casa dos seus

¹, metodologia utilizada por Machado (2019) para estudos biográficos baseada nas reflexões de Santos (2008) e Massey (2017) sobre espaço-tempo, entendendo que a melhor forma de se aprender uma trajetória intelectual e relacionando sua trajetória com espaço -tempo em que ela produziu seus escritos ou que ela produz.

amigos e dos amigos dos seus pais, locais próximos a sua casa na Rosa e Silva (FREYRE,2006). Nesse período destaca-se também a primeira saída de Pernambuco de Gilberto, para a então vizinha Paraíba aos 16 anos, para proferir uma Conferência sobre “Spencer e o problema da Educação do Brasil “organizada por Carlos Fernando Dias (FREYRE, 2006). Entende-se assim, que o espaço de Gilberto era Recife e suas circunvizinhas, fortificando sua relação com o seu lugar e sua regionalidade.

Com passar do tempo, as leituras em várias línguas, fizeram com que Gilberto tivesse o interesse na formação em outro país, dessa maneira o diferencial para os anos posteriores de sua vida foi o contato com a língua inglesa. Em razão de um déficit de aprendizado e da inquietude na infância, sua primeira alfabetização, tardia, se deu com Mr. Willian, americano; logo se encaminharia ao colégio Americano Batista Gilreath, o qual seu pai, Alfredo Freyre, tinha fundado, e em que seu irmão Ulisses Freyre estudava. Mais velho, entusiasmou-se pela literatura clássica em geral a partir do contato com autores clássicos como Virgílio, Camões, Goethe e Skakespeare. Levado por esse entusiasmo, tornou-se chefe do jornal do colégio, *O Lábaro*, aos 16 anos, e chegou a terminar aos 17 o curso ginásial como bacharel em Ciências e Letras (PALLARES, 2005).

A Europa foi a escolha para Freyre tentar um curso universitário, porém de acordo com Burke (2005), a impossibilidade de deslocamento causado pela guerra e a facilidade de trocar os créditos do colégio de origem protestante fez com que a Universidade de Baylor, conhecida por “Vaticano Batista”, acabaria por ser a melhor opção para Freyre. Em Baylor, teve contato mais próximo com o Prof. J. Armstrong, crítico literário especializado em literatura inglesa, que o despertou para a literatura anglófona, apresentando o estilo de escrita ensaísta tão presente ao longo de sua vida. Esse estilo é o mesmo já presente nas suas correspondências ao Diário de Pernambuco, que compuseram uma seção de jornal denominada “Da Outra América”, na qual o jovem descreve seu cotidiano estudantil e os aprendizados para os seus interlocutores nordestinos.

É na estada em Baylor, também frequentando a cidade pequena e rural de Waco, com características típicas Texasanas, reforçada pela fotografias contidas no arquivo pessoal de Freyre (Figura 1- ANEXO C), que ele tem o contato com o Apperteid Americano, presenciando, inclusive, na volta de uma aula de campo uma chacina onde os negros tinham sido queimados por *boys*, grupo de gangues brancas, ficando marcado como uma das cenas mais tristes que tinha visto na vida, retificado no seu diário, com apenas 19 anos (FREYRE, 2006).

Ao fim do seu período em Baylor, já bacharel em artes em 1920, Freyre buscou, conselhos do amigo e mentor o embaixador Oliveira Lima (GOMES, 2005), para dar continuidade em seus estudos em Nova York, especificamente para Universidade de Columbia, adquirindo seu mestrado em Ciências Políticas e Sociais, em 1922, com a tese *Social Life in Brazil in the middle of the 19th century*. Sua tese é marcada pela influência do alemão Prof. Franz Boas, considerado o pai da antropologia americana no qual Freyre era aluno. As visões de Boas influenciarão a Freyre questionar as visões biopsicológicas e antrogeográficas dos antropólogos evolucionistas e deterministas da época, fazendo Freyre criticar a visão etnocêntrica europeia sobre as sociedades do hemisfério sul e trazendo o relativismo cultural para o campo da Sociologia. De acordo com Baldus (1943), essa visão mostrou a Freyre que além da miscigenação racial, a miscigenação cultural e local foram a base geracional do povo brasileiro, colocando “a região como unidade última do espaço” tratando-o como um espaço fundante geneticamente para análise de qualquer atividade humana (FREYRE, 1947).

Nesse período, Freyre também estabelece relações com a cidade de Nova York. Nova York dos anos 20 foi um espaço não só de bastante aprendizado intelectual como um lugar de aprendizado sociocomportamental do mundo industrializado, urbano e moderno, como elucida os arquivos pessoais de Freyre (ANEXO C-Figura 2), que Freyre nunca tinha visto antes. Nova York era o sonho cosmopolita que Freyre almejava e viveu (ANEXO A.2). Tinha shows de jazz, teatros, clubes, parques companheiros da América Latina, era o mundo moderno do século XX e que Freyre passa a ter contato (FREYRE, 2006).

Após o período nos Estados Unidos Freyre vai à Europa no intuito de conhecer as bibliotecas, as universidades e vivenciar mais os costumes europeus (GOMES, 2005). Em Lisboa se impressiona com os cafés e as livrarias, na Inglaterra com a Londres urbana e com Oxford e sua vasta biblioteca; em Berlim observou os museus etnográfico que o faziam refletir a importância de ter um museu deste no Nordeste, e em Paris visitou as exposições de artes modernas apresentadas pelos seus conterrâneos pernambucanos Vicente e Joaquim Rego Monteiro. Ao final desse período, o horizonte intelectual e espacial de Freyre tinha se expandido. Era um jovem de 23 anos e conhecia as principais capitais do mundo e um pouco dos Estados Unidos. Contudo, o contato com outras áreas e culturas favoreceu nele a necessidade de entender cada vez mais o local e o regional (Figura 3- ANEXO C), ressaltado ainda pelas ideias do amigo e jornalista Mario Sette, que, nas obras *Senhora de Engenho* (1921) e *Palanqueiem Dourado* (1923) introduziria “o mais genuíno espírito regional”. Sette reafirmava a tendência de leitura histórica em referência ao regional, se revertendo no interesse

de Freyre em estudar Pernambuco e Nordeste (FREYRE, 1947).

Dessa maneira, após retornar, Freyre passa a realizar trabalhos de campo realizados por percursos por Recife e Olinda aplicando o método de Franz Boas (MENDES, 2017). Nesses percursos eram realizadas anotações, desenhos e fotografias (Figura 5) com intuito de catalogar os espaços das cidades que se mantinham ainda como lócus do passado imperial (ou colonial) dessas cidades. Estes, posteriormente, vieram a ser fonte de estudo para manutenção da identidade local nas suas pesquisas regionais, dentro do Centro Regionalista (Figura 4-ANEXO C), sendo parte essencial do Movimento Regionalista, já que preserva as tradições como referência principal da pesquisa (MENDES, 2017).

Figura 5 - Prédio do século XVII – Visita a Olinda Ulisses e Gilberto Freyre 1923



Fonte: Ulysses Freyre. Década de 1920. Pernambuco, Recife. Acervo FGF.

Outra fonte dos estudos regionais foi adquirida através de suas andanças geográficas pelos engenhos na Paraíba (com José Lins do Rego) e engenho Japaranduba de seu amigo Pedro Paranhos em Pernambuco entre 1923-1924. É nesse ponto especialmente com esse contato com Zona da Mata e natureza per si que vê-se em Freyre especialmente nas suas obras dos anos 1930, no período mais adulto de sua trajetória, em *Casa-Grande Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1935) *Nordeste: Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil* (1937). Nessas obras Freyre faz uma associação direta entre meio/natureza com um quase que determinística, como afirma o Prof. Sergio Tovolero (2011), a adaptação do homem de suas localidades, especialmente o da Zona da Mata, onde ele teve mais contato, sendo uma inter-relação harmoniosa defendida por Ricardo B Araújo (1993) como um indicio

de influência do neolamakianismo nessas obras de Freyre. Dentre essas obras é especialmente em *Nordeste* (2004) que Freyre deixa essa influência mais evidente, mostrando como a relação ecologia entre o homem e caboclo da Mata se faz de maneira tão síncrona:

[o] brasileiro das terras de açúcar quase não sabe os nomes das árvores, das palmeiras, das plantas nativas da região em que vive [...]. Quase que só o caboclo, o descendente do caboclo, do índio, do nativo, ou então do quilombola [...] pode nos guiar pelos mistérios dos restos de floresta do Nordeste, dando-nos a conhecer pelo nome – o nome indígena, em grande número de casos – cada árvore que nos chame a atenção (Freyre, 2004, p. 82).

Entretanto, na própria obra *Nordeste* (2004) ele denuncia a relação predatória entre Homem e Natureza, denotando desde aí uma visão crítica com relação ao uso dos recursos, havendo assim uma relação menos determinística e mais ligada a uma ecologia humanística, frisando na sua obra da década de 1963 *Novo Mundo nos Trópicos* (2000) que: *Em toda parte, o processo de agricultura destruidora da natureza dominou com maior ou menor intensidade no Brasil patriarcal* (Freyre, 2000).

No entanto, em ambas as visões predominam o entendimento de construção da sociedade brasileira enquanto homem/meio através da ideia, defendida por Jessé de Souza (2000), como a busca da singularidade brasileira que, está presente também em Sergio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Roberto da Matta. No entanto, vale frisar em Freyre que o estudo da natureza em sua paisagem no Brasil só se faz realmente válido a partir de uma perspectiva regional, reafirmando assim a sua influência com o mestre alemão Franz Boas, que nunca pode se dissociar um campo de estudo com seu cultural, afirmando no *Manifesto Regionalista* (1996) na 3 edição seguinte ideia que a paisagem : *[]regionalmente deve ser estudada, sem sacrifício do sentido de sua unidade, a cultura brasileira, do mesmo modo que a natureza; o homem da mesma forma que a paisagem* (Freyre, 1996, p. 33; Tovalato (2011).

De sua trajetória espacial no mundo e no Brasil, resultou em encontros, pesquisas e no arcabouço intelectual para o seu foco regional, sendo assim impossível dissociar a trajetória geográfica e histórica de um intelectual (MACHADO, 2019).

3 O REGIONAL DO MOVIMENTO REGIONALISTA

Os anos 1920 e 1930 foi um período de grandes transformações políticas, socioeconômicas, artísticas e também espaciais no Brasil e Pernambuco. A Industrialização trouxe ares “modernos” para o país rural, e junto a ela, as ideias modernistas da Europa com a literatura, a poesia, as esculturas, em especial, após a Semana de Arte Moderna ocorrida no ano de 1922 no Teatro Municipal em São Paulo. Esse evento tinha como mote espalhar as ideias modernas, trazida dos movimentos modernistas europeus (impressionismo, fauvismo, cubismo, futurismo). No entanto, não se viram uma expansão imediata destas ideias nos estados do norte e nordeste, isto se deveu em muito porque formou-se o Grupo Regionalista do Nordeste em Recife-Pernambuco com reuniões para discutir os valores regionais locais e a importância da afirmação identitária do Nordeste enquanto Região. Constituiu-se mesmo uma resposta intelectual e política regional das “novas tendências” do sudeste frente a tradição histórica do Nordeste, bem como frente a reivindicação da importância política e econômica do Nordeste, de base oligárquica e agrícola-latifundiária, em relação ao sudeste com a então nova elite industrial, seus costumes e suas visões.

Essas reuniões culminaram na Semana Regionalista do Recife em fevereiro de 1926, e tinha como principal representante o jovem intelectual nordestino Gilberto Freyre. O capítulo em questão visa entender o que é essa leitura intelectual de região Nordeste realizadas pelos autores do Movimento Regionalista de 1926, em especial seu principal mentor Gilberto Freyre, evidenciando os diálogos e embates existentes entre esse movimento e os outros movimentos modernos locais e nacionais do país, para pôr fim entender os desdobramentos dessa leitura de Nordeste nas artes geral e na vivência do nordestino nos 1930 e 1940.

Destaca-se ainda o uso dos pressupostos 4 e 5 do método contextual, associados à pesquisa bibliográfica, iconográfica, documental e entrevistas semiestruturadas com as respectivas Cristina Freyre, Fatima Quintas e Sonia Freyre (APÊNDICE A, B e C). Especialmente a esta última metodologia, as entrevistas semiestruturadas, ajudaram não só no pressuposto 5) do método contextual, mostrando a importância dos ciclos de afinidade de Freyre para fundamentação de uma ideia em momento histórico, no caso a relação estabelecida entre os movimentos modernistas local e nacional com o movimento nacional, bem como o uso pressuposto 4) não negligenciar as questões que preocupam a sociedade na época, destacados pela questão de moda, propaganda evidenciada nos acervos documentais apresentados.

3.1 O MOVIMENTO REGIONALISTA 1926: ORIGENS, TRADIÇÕES E DESDOBRAMENTOS

Com uma nova visão antropológica do seu próprio país, Freyre volta aos 23 anos para Recife. Sobre sua volta, o amigo e escritor José Lins do Rego exalta:

Vi Gilberto Freyre por este tempo voltado à terra, querendo casar-se com a terra. Era ele então amigo do arcebispo de Olinda, do Pai Adão, do Velho Dudu, sócio do Clube das Pás. O nativo aceitava a sua Pátria, mas o seu amor não era de cego, de alucinado. Era o amor de quem examinava, de quem descobria os defeitos, e se indignava contra os que, pretendendo melhorar, destruíam ou aleijavam o que ainda havia de realmente grande em Pernambuco e no Brasil (FREYRE, 1996).

Sobre os aspectos geográficos que pairavam sobre Recife destacavam-se o afrancesamento urbano que entre 1913-1916, por influência do Barão de Hausmann, vê seu centro histórico todo remodelado. Na ocasião houve a demolição da Igreja do Corpo Santo, o Arco do Bom Jesus (remanescente do período holandês) e a Igreja de São Pedro, transformando a Ilha do Recife em um centro com grandes avenidas interligadas. Foi o período de criação do que hoje se vê do marco zero da cidade, que para Freyre nada contribuía para a ensolarada e irrigada Recife. Era crítico de um maior “maquiamento” francês da cidade, como feito no Rio de Janeiro de 1904 por Pereira Passos (Dimas, 2004).

É nesse Recife do início do século XX que Freyre irá se defrontar na volta da Europa, em que a moda francesa inaugura o primeiro desfile de Modas em 1916, sendo o período em que se faz também a primeira liga de futebol pernambucana em 1915, junto com o novo esgotamento sanitário de Saturnino de Brito. Somado a isso, as ruas menos estreitas dão lugar a bondes, carros, cafés, docerias, restaurantes, cinemas (Figura 6) e peças de Teatro das companhias Valesco e Lea Candini. Estes acontecimentos e obras eram intensificadas em meados dos anos 20 pelas propagandas publicitárias e anúncios reformistas do governo de Sérgio Loreto (REZENDE, 2016). Para Oliveira (1985), era o período que a elite chamou de *belle époque recifense*, no qual as orquestras de jazz invadiam os teatros e as novidades se faziam presentes nas revistas, onde “o progresso era intenso, e o dinheiro tratado como fácil” (OLIVEIRA, 1985).

Figura 6 - Cinema Pathé, inaugurado em 1909, na Rua Nova.



Foto - Autor desconhecido. Fonte: <<http://cidadedosmelindres.blogspot.com/2012/10/cinemas-recifenses-nos-anos-1920.html>>. Acesso em: 30 de outubro de 2018

O contexto econômico local e do Nordeste também afligia Freyre, pois a queda financeira considerável do açúcar, seu principal motor de desenvolvimento econômico, fazia com que o poder estatal/econômico se voltasse quase que inteiramente para o Sudeste. Somado a esse fator, Santos (2011) adiciona:

O engenho de açúcar tornava-se cada vez mais obsoleto, como forma de produção, diante das usinas industrializadas. Estas trazem consigo não apenas incrementos de ordem técnica, mas também uma nova forma de racionalização do trabalho e das relações sociais entre proprietários e trabalhadores. Substituem a dominação patriarcal pela exploração capitalista. O habitus de dominação do senhor de engenho é trocado, gradualmente, pelo do burguês (SANTOS, 2011).

Outro Ponto, que chamava a atenção de Freyre era os estudiosos sanitários do período como Amaury Medeiros. Na cidade a situação sanitária em áreas de mocambos e nos cortiços do centro do Recife eram péssimas e as consequências disso era o aumento nos casos de tuberculose (Figura 14). Houve a necessidade de reformas sanitárias urgentes que foram feitas ao longo dos governos de Estácio Coimbra junto ao trabalho de Amaury Medeiros (1926), o que diminuiu o número de morto entre 1920 e 1924. Este é tratado como um dos importantes atos de modernização estrutural para o Recife da época (REZENDE, 2011).

Devido a essas questões e à necessidade de desatrelar o nome do Nordeste do imagético dos flagelos de *grandes secas* (de 1887 e 1889)² e dos messiânicos retratados por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1910), surge a necessidade de exaltar o Nordeste sociocultural, as raízes das crenças, comidas e paisagens. Com essa necessidade nasce em 1924 o Centro Regionalista Pernambucano, sediado na casa do intelectual Odilon Nestor, onde um grupo de intelectuais como o psiquiatra Ulysses Pernambucano, o higienista e sanitarista Amaury Medeiros, o humanista Aníbal Fernandes, o folclorista Júlio Belo e o jornalista Mario

² O termo “Nordeste” aparece pela primeira vez com acepção espacial específica numa referência feita pela Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919, como tentativa de solucionar os problemas das secas recorrentes no final do século XIX e início do século XX (ALBUQUERQUE JR, 2011).

Sette, se reuniam junto com Gilberto Freyre às terças-feiras para uma série de debates de temas locais (ANDRADE, 2007).

O Centro propôs, sobretudo, celebrar a permanência das tradições singulares do Nordeste, através da promoção de rodas de diálogo que tinham como tema, desde a exaltação do ecletismo religioso e da peculiaridade gastronômica até a preservação da paisagem. Ao fazer a conexão com a modernidade da época o Centro Regionalista ganhou força com a adesão de intelectuais de outros estados do Nordeste, agregando assim os paraibanos Jose Lins do Rego e José Américo de Almeida, amigo de Freyre, e o alagoano Otavio Brandão (FREYRE, 1996).

Os entusiastas das ideias regionalista e tradicionalista eram atraídos pelos artigos publicados na Revista do Norte (1923-1927) e na Revista Raça (1927-1930) que contavam com ensaístas presentes do movimento Regionalista como Samuel Campelo, Aníbal Fernandes e com jovens poetas como Joaquim Cardozo e Manuel Bandeira, este último ilustrava as capas das revistas, essas porta-vozes das ideias do Centro para o Nordeste (NASCIMENTO, 1969). Além das duas revistas, as crônicas escritas por Freyre entre 1925-1926, com temas como Vitória do coreto (1925), A cerca dos Jardins (1925), Einstein Regionalista (1925), A propósito do Regionalismo no Brasil (1926), O Nordeste Separatista (1926), contidos no livro na compilação de suas crônicas em No Tempo de Aprendiz em Freyre (2010) publicados no Diário de Pernambuco (1825), aprofundavam temas e questionamentos trazidos pelo centro Regionalista. Os veículos citados bem como as divulgações das discussões do centro regionalista e os convites às palestras dentro de periódicos como Jornal do Recife (1858-1938) (Figura 7) e A Província (1920-1933) (Figura 8) foram de sua importância para posteriormente o regionalismo discutido no Centro se espalhar para outra área do país atrás de Manuel Bandeira, o pintor Cícero Dias, para ganhar força para se tornar um Movimento em 1926.

Figura 7- Divulgação da Semana das Árvores pelo Jornal do Recife - novembro 1924



Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Digital (1920-1929). Jornal do Recife (1859-1938). Acessado em 2020.

Figura 8 – Convocação da Reunião no Centro Regionalista – A Província - maio 1925



Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Digital (1920-1929) - Jornal A Província (1920-1933). Acessado em 2020.

É nesse contexto que Gilberto Freyre publica *O Livro do Nordeste* (1925), livro comemorativo ao centenário do Diário de Pernambuco. O livro contém os artigos dos presentes do Centro Regionalista que versavam sobre Agricultura, Folclorismo, Poesia, Sanitarismo e outros problemas de cunho regional, com ilustrações de Manuel Bandeira sobre os monumentos históricos de Recife e Olinda. Um ano após a publicação do Livro, o anseio de um evento que reunisse as vozes nordestinas regionalistas se concretizou.

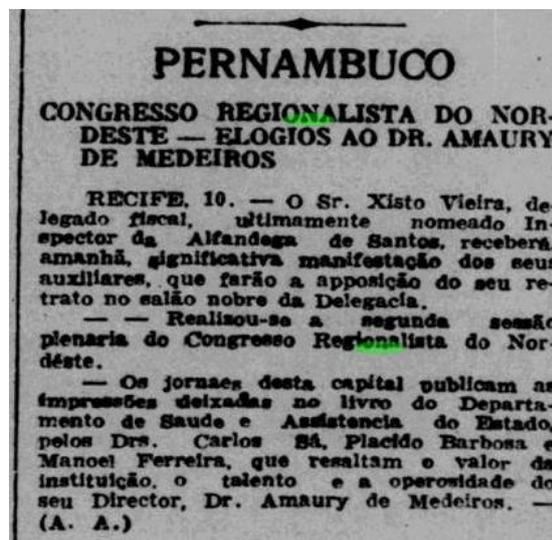
No ano de 1926, foi realizado de 7 a 11 de fevereiro no Teatro Santa Isabel, no Recife, o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. Este foi amplamente divulgado junto aos jornais locais como *Jornal Pequeno* (1899-1955), *A Província* (1920-1933), *Diário de Pernambuco* (1825) que noticiaram todos os dias como uma reportagem, além dos jornais do eixo Rio -São Paulo como bem como *O Correio Paulistano* (1857-2007) (Figura 9) e o *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* (1825-2016) (Figura 10) que divulgaram o evento como uma forma de convite aos intelectuais nacionais, demonstrando mais uma vez, a importância da divulgação cultural a época do meio impresso do jornal, fonte essencial para formação intelectual e identitária do Brasil como um todo (REZENDE, 2016).

Figura 9 - Convocação de Um Congresso Regionalista – Correio Paulistano novembro de 1925



Fonte- Acervo Fundação Biblioteca Digital (1920-1929). Correio Paulistano (1857-2007). Acessado em 2020.

Figura 10 - Congresso Regionalista do Nordeste -Elogios de Dr. Amury de Medeiros no Jornal do Comércio (RJ) em 1926



Fonte - Acervo Fundação Biblioteca Digital (1920-1929). Jornal do Comercio (RJ) - (1827-2016). Acessado em 2020

O principal representante mestre de cerimônias foi o próprio Gilberto Freyre, que já trouxe no livro, divulgado no evento, as pertinências discutidas no Centro Regionalista, conferindo um caráter, além de sociocultural, também político ao encontro (ALBUQUERQUE JR, 2011). No evento, além das palestras dos membros do Centro Regionalista, com as temáticas que versavam sobre as problemáticas sanitárias, moradia, fauna e flora, folclore e culinária etc. O evento foi musicado com saraus de repentistas como Ascenso Ferreira, danças

de Cocos de Roda e Caboclinhos, além de um banquete com tapioca, cocada, almoços com peixadas, galinha ou cozido, onde nos intervalos eram distribuídos ao final das palestras, doces de banana ou de caju, símbolo do Centro Regionalista e do Movimento.

Nesse Congresso, foram explorados conteúdos geográficos diversos que iam dos aspectos fitográficos locais à questão da morfologia urbana, os quais foram expostos e subdivididos nas plenárias de fala geral, como ressaltou Fernando de Mello Freyre, ao relatar o programa geral do Congresso:

[...] estava assim definido: I - Problemas Econômicos e Sociais - 1º - Unificação econômica do Nordeste: ação dos poderes públicos e dos particulares; 2º - Defesa da população rural: habitação, instrução, economia doméstica; 3º - O problema rodoviário do Nordeste: aspecto turístico, valorização das belezas naturais da região; 4º - O problema florestal: legislação e meios educativos; 5º Tradições da cozinha nordestina: aspectos econômicos, higiênicos e estéticos. II - Vida Artística e Intelectual - 1º - Verificação da vida cultural nordestina: organização universitária, ensino artístico, meios de colaboração intelectual e artística, escola primária e secundária; 2º - Defesa da fisionomia arquitetônica do Nordeste: urbanização das capitais, planos para pequenas cidades do interior, vilas proletárias, parques e jardins nordestinos; 3º - Defesa do patrimônio artístico e dos monumentos históricos; 4º - Reconstituição de festas e jogos tradicionais (FREYRE, 1977).

O locus urbano em Recife de tal movimento não é estranho. A cidade constitui-se como um lugar de utopia e fabricação, a partir dos símbolos da modernidade contemporânea da Europa e do Brasil do século XX. Para Rama (1985) esse utópico vai para além do novo, sendo resultante das interpenetrações dos tempos realizadas nas diversas construções criadas por cada homem em seu espaço. No Recife, essa modernidade foi impelida em parte muito mais do que as forças das tradições, e o foi pelas dificuldades sociais e econômicas que cobriam não somente a capital, mas também a região Nordeste como um todo. Essas dificuldades socioeconômicas acentuaram ao longo do tempo a visão negativa do apego cultural e das práticas antigas da cidade do Recife e do Nordeste como algo ruim. Essa negatividade era associada ao tradicionalismo, versão pejorativa do termo tradição, advindo da época iluminista de desmerecer os hábitos antigos tidos como antiquados e associados ao medievo (GADEMAR, 2007).

Essa visão é criticada por Freyre, tratando-a como equivocada, considerando o termo *Tradição* como um conjunto de valores preservados por uma sociedade para manutenção de suas características; e essas garantem a consciência história de uma cultura (ARAÚJO, 2008).

A esses valores preservados deu a essa visão de *locus* da unidade cultural e econômica com suas singularidades tratadas como singulares, ou seja, não “adiantas ou atrasadas” em relação às outras regiões, mas com uma construção própria devendo ser entendida em seu próprio âmbito de tradições e desenvolvimento. Dessa ideia desdobrou-se a ideia de Região

Nordeste apresentada dos Romances de 1930, como algo singular culturalmente, principalmente de Raquel de Queiroz e Jose Lins do Rego (estes, conviventes no ciclo de afinidades de Freyre). Dessa influência regionalista de Freyre deriva também as praça e parques com objetos regionais construídos em Recife, providenciadas já na sua época pelo assessor Estácio Coimbra até os anos 1930. Posteriormente a esse momento, Gilberto se dedica à obra Casa Grande e Senzala (1933) e suas trilogias posteriores, Sobrados e Mucambos (1935), e Açúcar (1939). As reuniões do Centro Regionalista diminuem de frequência, se dedicando mais a temas de sociologia, antropologia do Brasil e suas aulas e palestras no exterior.

3.2 DIÁLOGOS E TENSÕES COM MODERNISMO BRASILEIRO DO INÍCIO DO XX

Quando o Centro Regionalista do Recife tinha se formado em 1923, a então primavera modernista já havia chegado no Brasil. Financiados por deputados da política do Café com Leite, as reuniões dos artistas modernistas foram sediadas na casa de Paulo Prado ou do senador José de Freitas Vale. Artistas pintores, poetas, escritores e escultores, advindos de temporadas no exterior (em Paris e em Berlim), expõem suas obras nessas casas e posteriormente em salões alugados em São Paulo. Entre eles despontavam o grupo dos 5, composto pelas pintoras Tarsila do Amaral e Anita Malfati, os escritores Menotti Del Pichia, Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Este último além do mentor intelectual, junto com os Oswald de Andrade, era propulsor das ideias dentro do seio modernista de cunho mais nacionalista, publicando posteriormente o Movimento Pau Brasil (1924), e o Movimento Antropofágico (1928). Esse último teve como características mais marcantes a exaltação da busca da identidade nacional desencadeando assim a segunda fase do modernismo brasileiro, que muito se assemelhou de acordo com Mascaro (2004) á filosofia de busca identitária nacional e de exaltação aos grupos étnicos não europeus dentro do movimento regionalista, que teve como obra símbolo a Publicação de Macunaíma em 1928, do então líder Mário de Andrade (CARDOSO, 2015).

As afinidades e as conexões entre ambos os movimentos não se estenderam apenas entre objetos de reflexão, mas comuns, se fizeram principalmente, como um ciclo de intelectuais e suas afinidades onde se deu troca de conhecimentos e debates, sendo de grande importância para a circulação cultural de ideias dentro do país. Participante da Semana de Arte moderna de 1922, Manuel Bandeira, poeta, faz correspondências com o Centro Regionalista, sendo um dos responsáveis pela comunicação e propagação das ideias de ambos os grupos. Como Manuel Bandeira, Câmara Cascudo também se correspondia com os dois grupos e tinha ligações tanto com Freyre quanto com Mário de Andrade. As correspondências epistolares da

época de Andrade para Cascudo, deixam claro, através do trabalho de Melo (1991), o espanto positivo, no dia 5 de setembro de 1926 a respeito do Congresso Regionalista, destaca:

Meu Luiz do Coração, o tal Congresso Regionalista me deixou besta de entusiasmo. Em Tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante a ideia de nação sobre esse ponto a esse Brasil já tão separado (...). Si minha adesão vale alguma coisa, vai aí minha sincera e enorme saudade, para esse Nordeste que amo, que sou. Mario de Andrade” (MELO, 1991).

O mesmo Mário de Andrade, apreciador do Nordeste, resolveu para suas pesquisas folclóricas iniciar uma viagem para o interior do Nordeste entre 1927-1928, com apoio dos irmãos pintores Vicente Monteiro e Cicero Dias. Por esta viagem esteve no Recife, em Boa Viagem em 1927 (Figura 11), e posteriormente no engenho de Freyre em 1927 com amigos e contemporâneos (Figura 12) de Freyre e de Câmara Cascudo nos litorais potiguares (Figura 13).

Figura 11- Primeira vinda de Mário a Recife: Boa Viagem em 1927



Fonte: Acervo pessoal Mário de Andrade. IEB. São Paulo: 2019.

Figura 12 - Mário de Andrade no Engenho Dois Irmãos Vicente Monteiro (Mata Sul de Pernambuco) com Cicero Dias em 1927



Fonte: Acervo pessoal Mário de Andrade. IEB. São Paulo: 2019.

Figura 13 - Mário de Andrade em Natal com Câmera Cascudo em 1928.

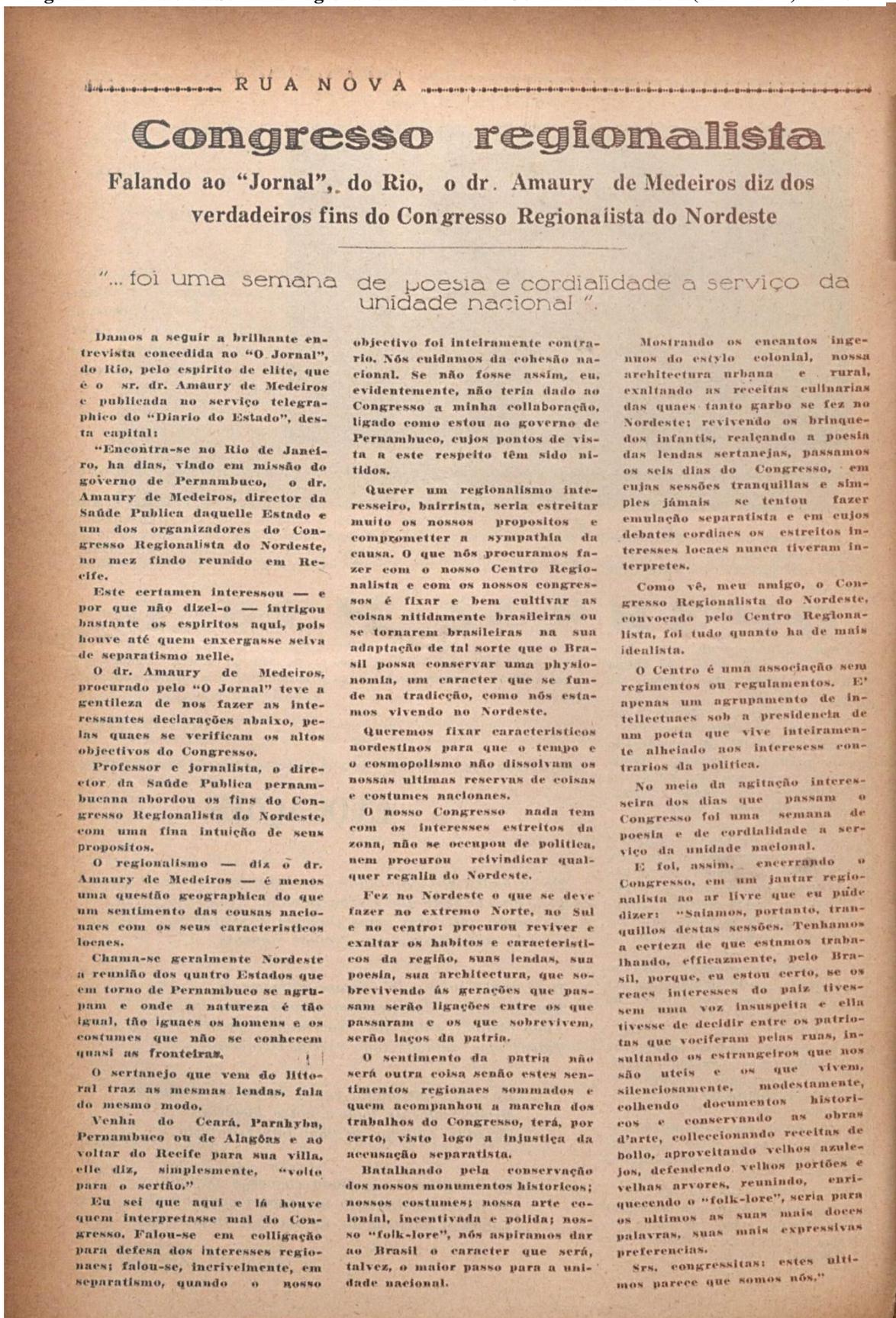


Fonte: Acervo pessoal Mário de Andrade. IEB. São Paulo, 2019.

Após esse período, Mário já ligado à Pinacoteca e Ministério da Cultura nos anos 30, decide elaborar catálogos cinematográficos e fotográficos, sendo um dos primeiros intelectuais brasileiros a tratar do campo da etnomusicologia, e difundir o folclore nordestino. Observam-se danças em músicas em documentos fonográficos e imagéticos, sendo sua contribuição importante para a cultural nacional e a preservação imaterial dos patrimônios nordestinos (AMARAL & HAITINGS, 1995).

A relação entre Freyre e Manoel Bandeira podem também ser exemplificados. Durante a correspondências de Freyre e Bandeira no Livro *Cartas Provincianas* de Dias (2017), fica clara a relação de conexão entre eles, com cartas frequentes, entre 1927-1935. Outro Modernista em que ambos, Freyre e Bandeira tinham relação era Carlos Drummond de Andrade, escritor que já mantinha contos em jornais locais de Belo Horizonte que impressionaram Freyre, devido ao estilo moderno de escrever o cotidiano com o apego às coisas locais típicas de regionalistas, dedicando no mesmo período o artigo “A propósito do Regionalismo no Brasil (1926)”, escrito no *Diário de Pernambuco* da época, fruto das repercussões dos jornais locais e nacionais acerca da semana de 1926, como visto por exemplo pelo fragmento da crítica feita por Dr. Amaury Medeiros para o jornal *da Rua Nova* (1924-1954) (Figura 15) originalmente publicado para o *Jornal do Comércio* (RJ) (1825-2016), denotando mais uma vez a importância da documentação escrita dos jornais ao período, especialmente para o início do século XX em Pernambuco (BARROS,1972).

Figura 15 - Relato da Semana Regionalista em Recife – Jornal da Rua Nova (1924-1952) - 1926



Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Digital (1920-1929). Jornal da Rua Nova (PE) (1924-1952). Acessado em 2020.

Apesar dos diálogos e similaridades existentes entre os movimentos modernos do período, as divergências pertinentes endossavam a pluralidade de ideias nascentes do período. Como um braço da corrente moderna paulista do primeiro período de 1922, o grupo modernista do Recife, liderado pelo jovem bacharel em direito Joaquim Inojosa, repudiava a correlação que os regionalistas faziam ao passado do Nordeste próspero como forma de exaltação das singularidades locais e ao fortalecimento da identidade nacional. Para este grupo, os regionalistas traziam um certo saudosismo acentuado e uma negação ao primeiro momento das tecnologias e dos avanços científicos tão necessários ao desenvolvimento de nações modernas e de cidades modernas, sendo até de certo modo prejudiciais ao próprio desenvolvimento local (INOJOSA, 1968, V1).

A maior contribuição do grupo em questão, de acordo com Oliveira (2012) era ser a grande ponte de divulgação entre as ideias modernistas dentro da cidade do Recife e seus estados circunvizinhos de influência (Paraíba e Rio Grande do Norte) reforçando a filosofia paulista moderna nos seus escritos tanto de *A província* (1920-1933) quanto no *Jornal do Comércio* (PE) (1887), especialmente na revista paraibana *Era Nova* (1921-1926) esta responsável pela publicação da *Carta Manifesto: A arte Moderna que pedia apoio aos intelectuais locais eminentes como José Américo de Almeida, a que aderissem ao modernismo nordestino, como confirma* (AZEVEDO, 1996). Em correspondência de resposta de Inojosa, José Américo, no trabalho sobre o que ressalta a pertinência de aderir ao modernismo frente ao período vivente:

Recebi A ARTE MODERNA, que é mais uma expressão de seu talento e de sua cultura. (...) Não sou infenso ao espírito novo. Compreendo a necessidade de subordinar a arte às outras formas devidas que as conquistas do progresso vão impondo. Penso, porém, que para ampliar essa tendência não é preciso destruir o patrimônio da inteligência cosmopolita. É arriscado conjurar, de uma vez, as fórmulas consagradas. Daí as demasias das reações que resultam ridículas. (...) (JAA, 8-VIII-24, Apud, INOJOSA, 1984, p.42)

Além dos feitos dos destaques por Joaquim Inojosa divulgador e escritor, como José Américo de Almeida, em especial a obra deste destaque pertencente e com influência nítida dos modernismos locais, *A Bagaceira* (1928), o grupo ainda contava com os destaques de admiradores como escritor Guilherme de Almeida em São Paulo, bem como poetas locais Ascenso Ferreira, em especial no seu livro posterior à Semana regionalista, *Catimbó* (1927), considerado um dos primeiros poemas com estética modernista, apesar das temáticas locais e regionais, e Benedito Monteiro, este último especialista em poemas com estética e temática modernas que tratavam sobre os automóveis, luzes e especialmente na vida financeira das cidades modernas do Brasil do século 1920, como Recife, fazendo uma ponte brasileira com o

futurismo de *Marinete* na Itália da década passada. *O Poema Bolsa* (1925-1926) é o melhor exemplo dos poemas modernos de Benedito Monteiro, como visto abaixo:

O POEMA DA BOLSA

A Bolsa de mercadorias. As oscilações do mercado.
 A curva logarítmica da queda da arroba do açúcar.
 Os magnatas sentados pelas mesas esperando o pregão dos corretores.
 Os especuladores baixistas esperando vender a prazo para recomprar com lucro.
 Os especuladores artistas esperando comprar a três meses para revender depois.
 Os negócios firmes altamente perigosos.
 Os corretores, correntes elétricas entre as diferenças de potencial da oferta e da procura.
 Ah! A aristocracia dos senhores de engenho, açúcar de 2 cruzados.
 A democracia dos fornecedores de cana e donos de banguês, açúcar 11\$600
 – 11 horas.
 O pregão.
 – Vendo 4000 sacos de cristal a 12\$900 para a entrega em dezembro.
 – Compro a 12\$000 réis.
 E a batalha incruenta está travada com derramamento do sangue loiro das esterlinas!

Dos ditos modernistas do período, em especial Joaquim Inojosa em âmbito local, o que continuava com as visões de Freyre como ‘tradicionalista’ e ‘arcaico’ era Oswald de Andrade no âmbito nacional. Refutando esse argumento Nery (1996) diz que mais do que modernismo, o regionalismo trazia a seu bojo reais preocupações sociais modernas, e que Freyre possuía uma escrita histórica moderna pelo seu pluralismo metodológico endossado pelos franceses PAOULION (1953) e BRAUDEL (2011). Adiciona assim a fala do geógrafo Tadeu Rocha (1964), seguinte visão, ao falar do movimento:

O primeiro regionalismo nordestino valorizou o homem e as coisas deste pedaço do Brasil, numa interpretação realista dos nossos fatos históricos, sociais e econômicos. E também criou uma nova mentalidade anti -academista no meio dos jovens intelectuais do Nordeste, que puderam cristalizar as suas ideias nos estudos históricos e geográficos, no ensaio sociológico, no romance social e na poesia regionalista ou profundamente humana (ROCHA, 1964)

Independente de posicionamento de preferências, o que se percebe é que ambos os movimentos tinham ciclos de afinidades comuns, bebiam das influências europeias de algum modo e buscavam a unidade do Brasil e sua identidade, de maneira diferentes.

Em complemento a este aspecto Oliveira (2018) junto ADIMAS (2004) afirma que o esforço de Inojosa, junto a divulgação do movimento modernista paulista em condenação as práticas de Freyre, contidas em sua obra principal sobre o tema *O Movimento Modernista em Pernambuco (1968)* volumes 1, 2 e 3, não só exaltam a contribuição de Freyre como líder de movimento como sua grande contribuição intelectual e cultural a seu espaço, sendo inquestionável o fortalecimento de ambos a identidade cultural do Brasil da época e o atual.

3.3 A REGIÃO SEGUNDO O MOVIMENTO REGIONALISTA DE 1926.

O Nordeste enquanto região foi pouco estudado em escritos nacionais até o fim do século XIX, mas passa a ter mais destaque ao longo do século XX. Isso se deve principalmente pela necessidade de firmar a identidade nacional do país no período republicano o que repercutiu na construção da ideia de Nordeste, de forma específica e única em relação às outras regiões. No nível político as oligarquias estaduais dominantes na República Velha davam o apoio retórico dessa construção singulares e autônomas, a partir dos locais e regiões. Esse movimento partiu também dos conhecimentos científicos sobre as características de cada locus do país, prevalecendo os estudos das características paisagísticas, econômicas e populacionais feitas por uma metodologia descritiva. Essa forma de estudar e caracterizar áreas pela paisagem se assemelhava bastante com os primeiros escritos sobre as *Pays* francesas do século XVIII e XIX, que foram rapidamente assimiladas aos estudos das regiões brasileiras, especialmente nos primeiros ensaios e pesquisas sobre a região nordeste (MOREIRA, 1998).

Um dos primeiros autores que explica o Nordeste como região em forma de paisagem antropogeográfica é o jornalista carioca Euclides da Cunha. Euclides era um jornalista representante do governo de Hermes da Fonseca, que foi enviado no final do século XIX para cobrir, enquanto correspondente da capital (Rio de Janeiro a época), os acontecimentos da revolta em vilarejo baiano de Canudos. Neste local um ‘messiânico’ chamado Antônio Conselheiro tinha instaurado uma comunidade sertaneja quase anarquista à margem das leis da nova república brasileira, com o governo indo até o local para combater a situação. Desse período Euclides da Cunha faz dos seus relatos um dos primeiros escritos nacionais geográficos do Nordeste, não só sendo um conteúdo geográfico mais, como coloca Ribeiro (2011), contendo já uma ideologia geográfica clara, e que foi transformado no livro *Os Sertões* em 1902.

Os Sertões (1902) carrega em seus três capítulos (*A Terra, O Homem, A Luta*) características comuns aos escritos monográficos regionais franceses. No capítulo *A Terra* a descrição da paisagem em termos fitográficos, geomorfológicos e climáticos, conjugados ao

comportamento dos locais, são mostrados como fundamento para o entendimento de um lugar. No capítulo *O Homem* caracteriza o homem dos lugares pela sua relação com seu meio, como exemplificado na frase: “o sertanejo é antes de tudo um forte (CUNHA, 1982, p.5). Nesta situação ele associa a força do sertanejo com a vegetação local, considerando o indivíduo quase como um elemento da natureza árida visto como adaptado a seu modo de vida. Por fim, no capítulo *A Luta*, a relação homem e natureza dentro do locus regional é tido como o grande diferencial desse homem sertanejo frente ao Estado Brasileiro. O Estado apesar do poder político e militar não conhece como os sertanejos o ambiente em que estão guerreando, tornando-os inferiores na luta contra os locais. Nesta descrição mostra que o estudo do sítio da situação geográfica e da função da paisagem eram importantes para ser analisado. O autor antecipa neste livro um tipo de análise geográfica que só seria retomada em meados da década de 30 e 40 pelos geógrafos das cátedras brasileiras (ANTONIO FILHO, 1990).

A grande contribuição de Euclides da Cunha, além do seu pioneirismo nos escritos sobre o Nordeste, enquanto traços de uma unidade regional, era ajudar a consolidar uma concepção ideológica-geográfica de uma época, bem como de um fazer regional geográfico de origens europeias. Isso fez com que o Nordeste fosse primeiramente reconhecido como um locus com paisagem natural árida e com constituição econômicas e populacional determinadas por esse meio, com a característica da paisagem física sendo sempre destacada ao se pensar esta região em específico. Esse imaginário regional ficou tão arraigado que o que foi desenvolvido por outros autores não nordestinos nos anos subsequentes tinham, necessariamente, que estar correlacionados com o imaginário da seca, do sertanejo, da fome. Essa leitura foi criticada, em termos de investigação científica, somente na década de 30 com as ideias do francês Pierre Monbeig advindas de saídas a campo e estudo detalhado (ANTONIO FILHO, 1990).

Pierre Monbeig como consolidador das práticas de ensino franceses dentro do Brasil é considerado um dos precursores no desenvolvimento de ensaios e atividade de campo pelo Nordeste. Monbeig explorou em um dos seus primeiros ensaios, intitulado *O ciclo do Cacau na Bahia*, as regionalidades produtivas bem como seus modos de vida, e tipos de comportamentos empregados no ato laboral. Em 1944 Monbeig fez uma grande excursão que foi da Bahia ao Ceará, do interior em direção ao litoral, observando aspectos das economias regionais locais, paisagens geomorfológicas e culturais (ANEXO B 1 e 2). A abordagem aplicada detinha aspectos comuns às monografias francesas do século XIX que faziam uma descrição dos gêneros de vida dos lugares pesquisados, pautada nos registros em cadernos de campo (RIBEIRO, 2011).

Assim, nos primeiros momentos de descrição do Nordeste o sentido utilizado está intimamente relacionado com o conceito de *Região* francesa inicialmente relacionado a Pays - natural e depois a Região como gênero de vida. Foi firmado pelos intelectuais das ciências sociais que contribuíram para leitura geográfica nacional da época, sejam como Euclides da Cunha (1886-1909), seja os geógrafos radicados no Brasil como Monbeig em suas idas a campo. O que ambos têm em comum é a perpetuação do imaginário do Nordeste ainda como lócus ligado a características físicas e econômicas com foco no sertão. Isso ocorreu até mesmo em passagens das descrições de Monbeig tendo, já em 40, analisado de maneira mais ampla as outras áreas úmidas e semiúmidas da região e seus modos de vida. Entretanto, o entendimento cultural próprio do Nordeste com sua complexidade local, como parte da característica de uma região já tinha aparecido com os historiadores e estudiosos de geografia locais. Isso ocorreu especialmente com os intelectuais que antecederam esse movimento da Universidade no Sudeste, como a visão de região em Freyre presente já no ano de 1926 na Semana Regionalista em Recife e em sua obra *Nordeste* (1925). Sob suas influências um ideário vai se consolidar e possivelmente influenciar as práticas dos primeiros geógrafos formados em Pernambuco.

O conceito de Região Nordeste, se tornou mais delineado nas obras posteriores de Freyre nas décadas de 30 e 40, hiatos pós as publicações das trilógicas vinculadas à Casa Grande Senzala, sendo a parte mais geográfica dos seus escritos. Dessas obras a visão ecológica de Freyre é trazida também em continuidade no seu livro *Tradição e Região* (1941), onde a visão de região se mistura nitidamente com a categoria de paisagem no sentido socioambiental. Nesta obra trata a importância do meio físico pernambucano açucareiro para o desenvolvimento cultural e social desse povo, como meio de exaltar e renovar a potencialidade regional daqueles locais. Essa visão de região humana, ou paisagem regional, tem influências do geógrafo americano Carl Sauer (1889-1975), que contemporâneo acadêmico de Freyre, teve influência quase que direta nos seus escritos desse período, principalmente após a obra *Morphology of Landscape* (1925) que segundo Rogers (2012) trouxe a Freyre sugestões para seu método:

Freyre percebeu no método de Sauer um tratamento balanceado de forças ambientais e culturais, a influência de clima e os efeitos de usos da terra de longo prazo. Ele pensava em Sauer como um estudioso que entendeu a importância da “harmonia da paisagem” (ROGERS, 2012).

Essa “harmonia da paisagem” aparece em seu fazer regional ao tratar, já em *Nordeste* (1989), essa visão de paisagem dentro de sua visão de Região, no caso, da Região Nordeste, escrevendo assim:

A natureza regional tende (...) a fazer o homem, o grupo, a cultura humana à sua imagem, ele observa, mas, por sua vez, o homem, o grupo, a cultura humana age

sobre a natureza regional, alterando-a de modo às vezes profundo (FREYRE,1989). (1989) e Região e Tradição (1941)

Freyre também cita outro geógrafo, Camille Vallex (com forte influência de Vidal de La Blache), tratando a respeito das potencialidades intrínsecas a cada solo e como elas deviam ser aproveitadas para o desenvolvimento socioeconômico da região, afirmando nessas obras a necessidade de se trabalhar com zonas ou sub-regiões específicas dentro do Nordeste. Essa leitura já adiantava necessidade de pesquisas sobre as regiões econômicas e climáticas que vemos hoje e que já apareciam em trabalho como de Mario Lacerda em 1940, este último amigo pessoal e compadre de Freyre como elucida Cristina Freyre, Fátima Quintas (APÊNDICES A e B), e na obra do pernambucano Josué de Castro (CASTRO, 2001), em sua Geografia da Fome em 1949 (Figura 15), onde o plano alimentar e de combate à fome é dividido em grandes zonas dentro do Brasil. A ideia de trabalhar com regiões e suas regionalizações tinha sido assimilada ao longo dos tempos pelos planejadores, engenheiros e geógrafos de todo Brasil, em especial no Nordeste até o fim do 60-70.

Figura 15 - Regionalização das áreas da fome em Castro (1946)



Fonte: Figura retirada do Livro Geografia da Fome em Castro (2001) p 22.

Além da influência nas ideias de regionalização do imaginário construído por Freyre, a partir do Movimento de Regionalista foi bastante intensa. Esses se espelharam principalmente nas artes em geral. Na literatura nordestina destaca-se o Romance de 30, com Raquel de

Queiroz, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, este último partícipe do movimento e da vida pessoal de Freyre, sendo um dos seus melhores amigos como elucida sua filha Sonia Freyre na entrevista semiestruturada realizada (APENDICE C). Somado a isto na música também se destaca a influência em Luiz Gonzaga e seus parceiros em 40, nas artes plásticas com Lula Cardoso Ayres e Cícero Dias e ainda no teatro, com Ariano Suassuna e a busca de um Brasil profundo, mais tradicional em 50 (D'ANDREA, 1992).

Ainda em termos culturais o regionalismo se expressou de outras formas. Se fez presente nas permanências contemporâneas no final do século XX e início do XXI exemplificado musicalmente no particularismo do grupo Quinteto Armorial. Advindo do movimento armorial em 70, o grupo ficou marcado pelo uso de conceitos do regionalismo que remonta aos tempos das peças teatrais, e ainda contra aculturação norte-americana no Brasil. O grupo toca o som dos aboios do sertão antigo com rabecas e pífanos mesclados com flautas e violas eruditas. Outras marcas regionalistas se deram com a pintura de Cícero Dias em pleno marco zero, com suas cores da Zona da Mata, bem como na construção da praça Euclides da Cunha no bairro da Madalena, projetada pelo paisagista Burle Marx, a qual busca reproduzir o ambiente sertanejo dentro da cidade litorânea do Recife (Figura 19). Essa estética da praça dialoga com a defesa do paisagismo de preservação das vegetações locais discutido no movimento de 1926, marcando o regional bucólico na paisagem da cidade.

Figura 19 - Retrato da Praça Euclides da Cunha



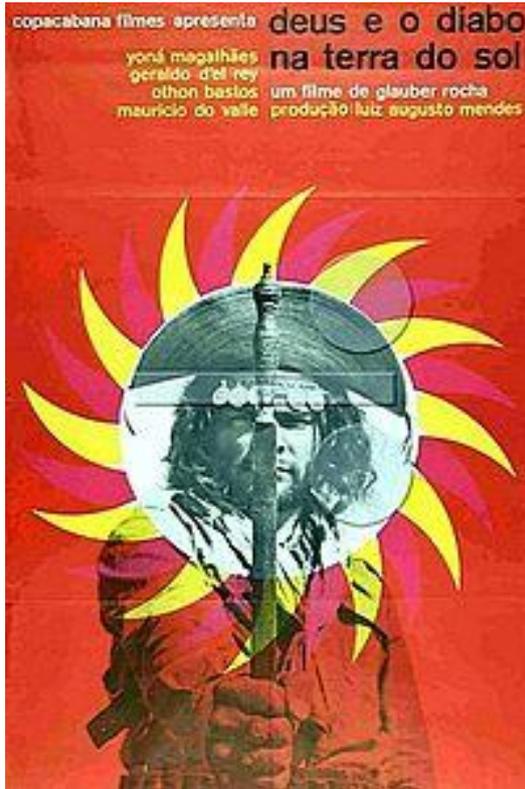
Fonte: Prefeitura do Recife. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=pra%C3%A7a+euclides+da+cunha+foto&rlz>>; Acesso em: 4 de julho de 2018.

O regionalismo sobre a identidade nordestina se consolidou no imaginário também, a partir dos escritores e cineastas. No regime do Estado Novo de Getúlio Vargas entre 1937 e 1942, as ideias socialistas no campo político e teórico se fizeram presentes na literatura e cinema. Ainda no Estado Novo, destacou-se a questão da luta de classes no escritor Jorge Amado, em sua obra *Capitães da Areia* (1937). No período a crítica ao Estado ditatorial e as mazelas vividas por presos políticos ressurgiram na obra póstuma *Memórias do Cárcere* (1953), do escritor alagoano Graciano Ramos. São quadros de contestação que também envolveu a representação de um Nordeste multicultural, das feiras e comidas, mas agora voltado a um Nordeste em busca de justiça social e com ânsia por mudança – utilizando-se dos messiânicos, jagunços e cangaceiros como heróis de um tempo de conscientização da necessidade de mudanças de um quadro social, antes não tratado no regionalismo de 1926 (SODRÉ, 1962).

No cinema cineastas inventam uma nova forma de fazer cinema tomando as especificidades do Nordeste como ponto de partida para reivindicações próprias. Este foi o caso do Cinema Novo, onde a imagem do Nordeste, de permanências e tradições, passa a ser o fundamento para um Nordeste de luta, revolução e renovação. Entre as influências do socialismo cubano e num contexto político conturbado no Brasil, nasce a era nordestina do cinema no Brasil, tendo o auge as leituras cinematográficas do baiano Glauber Rocha. A figura do cangaceiro, antes considerado um inimigo à ordem, passa a ser um personagem de resistência da condição social e da violência contra o opressor, O filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* é um bom exemplo. Ambientado no Nordeste invoca a figura do cangaceiro como representante da coragem frente ao sertão do servilismo, das rezas e do silêncio.

Na história a curva do personagem principal Manuel, o faz passar de um simples sertanejo a um cangaceiro e justiceiro, tendo como cenário o Nordeste das paisagens das palmeiras, do mar, com os musicais mostrando uma outra perspectiva para o Nordeste agora vinculada ao desejo de mudança social. O destaque do filme no festival de Cannes foi emblemático e marcou a representatividade do gênero. Glauber Rocha chegou a repetir, em meio a entrevistas sobre a função do seu filme e a mudança que ele queria provocar na região, incluindo frases fortes como: ‘apenas a violência ajudará aqueles que são extremamente oprimidos’. O filme sofre depois censura devido ao teor de incitação à violência e “subversão” na época da ditadura militar (Figura 17) (BERNADET, 1982). Mas essa influência na reflexão sobre o Nordeste do Cinema Novo, deixou marcas até hoje na cinematografia pernambucana – por exemplo, de Cláudio Assis, de Hilton Lacerda, dos contemporâneos anos 2000, com gosto de bairrismo moderno.

Figura 17 - Cartaz de Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964)



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Deus_e_o_Diabo_na_Terra_do_Sol#/media/File:Deus_Diabo_Terra_Sol.jpg.
Acessado em 4 de julho de 2018

Misturam-se assim, no Nordeste, revolução, permanência e continuidade em uma sobreposição referenciada no regional, na qual esses lócus, mesmo que muito recente histórico e geograficamente, torna-se espaço típico de um povo.

4 AS INFLUÊNCIAS REGIONAIS NA GEOGRAFIA PERNAMBUCANA (1930-1960)

A solidificação do conhecimento acadêmico perpassa necessariamente pelo entendimento do período histórico em que ele foi constituído e sedimentado. Deste modo, tendo a Ciência Geográfica Brasileira universitária se constituído no início do século XX consolidada em meados deste mesmo século, fica então contundente a íntima relação dessa Ciência no Brasil com o século XX, por ser um alicerce estrutural não só da passagem do país rural para o urbano, mas por ser uma fonte de conhecimento do país sobre ele mesmo. No estado de Pernambuco, isto também aconteceu. Com caminhar do século XX, a Ciência Geográfica local, também foi ganhando consistência científica e institucional à medida que o estado foi se urbanizando e a cidade do Recife enquanto capital desse estado, necessitava de centro de pesquisas demográficas e de mapeamentos, laboratórios, polos universitários, liceus e escolas normais.

Dessa maneira o capítulo 4 se propôs a tratar alguns aspectos principais que fizeram a Geografia de Pernambuco, sediada na sua capital Recife, uma ciência moderna. Para isso foram analisados três aspectos que estavam em franco desenvolvimento no período escolhido (1930-1960), que denota o período da ciência desenvolvida antes de estar vinculado à instituição catedrática da Universidade Federal de Pernambuco em 1963, estes são: A Cartografia Regional do Período, Os Centro de Pesquisa Regional – Centro de Estudos Social da Fundaj, IAGAH-PE, e os trabalhos de campo vinculados ao desenvolvimento estatal, e por fim, as teses para professores catedráticos dos liceus da Escola Normal e Ginásio Pernambucano, as primeiras teses modernas desenvolvidas no estado, retificada por Tadeu (1968) e por Correa (1998).

O capítulo 4 finda o trabalho com o objetivo de analisar, fazendo uma ponte entre os capítulos, refletindo acerca do regionalismo geográfico advindo das escolas europeias, em especial francesa, e o regionalismo desenvolvido pela filosofia regional freiriana em que ponto ambos se fluíram para constituir em maior ou menor grau de influências a estrutura da Ciência Geografia feita em Pernambuco e posteriormente a da sua cátedra da Universidade Federal de Pernambuco.

Destaca-se assim o uso do pressuposto contextual 3, como método, associados à pesquisa bibliográfica, icnográfica e documental e o uso das memórias por meio da entrevista semiestruturada realizada com a Profa. Marisa Braga Sá (APÊNDICE D) e suas fotografias de campo (ANEXO A), aluna da primeira turma de Pós-Graduação da UFPE (1977-1979) que trouxe consigo os relatos acerca das disciplinas regionais e de ligação do departamento dessa época com a França, buscando mostrar as várias tendências regionais que fundaram as bases do departamento de ciência geográfica de Pernambuco, sem, no entanto, negligenciar ao atribuir

superioridade entre as tendências geográficas. Soma-se a isto as reflexões acerca das discussões sobre temporalidade, passado-presente, em Ricouer (1991) e das reflexões acerca da hermenêutica contida nas teses, vistas também em Ricouer (1987).

4.1 A CONSTRUÇÃO CARTOGRÁFICA REGIONAL PERNAMBUCANA (1930-1960)

A necessidade de retratar graficamente o espaço em que se habita, com o maior número de detalhes possíveis de serem obtidos com os recursos disponíveis, não é algo contemporâneo e sim algo desde os tempos mais pretéritos do período pré-histórico (IBGE, 2010). Com avanço das ferramentas científicas ao longo do século XX, a necessidade de mapear as terras não só dos territórios, mas especialmente dos territórios vizinhos se tornou fundamental para o entendimento dos recursos existentes do planeta em termos econômicos, os conhecimentos culturais dos povos, bem como a dimensão das áreas para proteger os seus domínios no mundo, em início de processo de globalização. Nesse século XX o conhecimento cartográfico do mundo, como parte do entendimento geográfico da Sociedade Moderna, passa a ser fundamental como demonstração de domínio científico de poder (Raffestein, 1991). Dessa maneira, quanto maior riqueza de detalhes o seu mapa trazia de um local, maior seria o entendimento completo que se obteria desse local, denotando assim maior qualidade tecnológica e quantidade de conhecimento científico adquirido sobre este.

No Brasil, ao longo do século XX, a necessidade de se conhecer o grande território nacional advinha não só da tentativa de ocupar os espaços vazios nos rincões do país, mas de entender as suas potencialidades culturais e econômicas, a fim de que a identidade nacional se solidificasse. Tal problema fazia frente às tensões do século XIX que demonstravam a falta de unidade do país, advindo especialmente pela falta de conhecimento do vasto território e seu povo, formando ilhas regionais quase que desconectadas entre si, conectadas apenas pelas capitais e pelo centro administrativo imperial: o Rio de Janeiro (Moreira, 2012).

No Brasil de 1930 a cartografia moderna passa a ser um ponto de importância central de presença no país. Em específico, no início do governo centralizador, liderado pelo então presidente Getúlio Vargas, o país passou por uma série de mudanças de base estrutural que desencadearam no processo de modernização das estruturas no país, que foram de criação de fábricas, estradas até fundações de universidades nacionais cátedras (incluindo a de Ciências geográficas no Rio de Janeiro e em São Paulo) (ANSELMO, 2002). Junto a cátedra de Geografia houve a necessidade de organizar e de profissionalizar órgãos de pesquisa demográficos e estatísticos e associá-los em específicos aos territórios do país, para possibilitar a gestão eficiente de cada lócus dentro de suas demandas específicas regionais. Nasce assim no

ano 1937, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE que passa a sintetizar a base de dados mais moderna do país em termos não só estatísticos, mas especialmente cartográficos, possibilitando associar os dados do censo demográfico de 1940 (IBGE,1940) a nova ideia de regiões brasileiras. Possibilitou, assim, a ponte entre a estrutura governamental e os governos e os catedráticos que também prestavam serviços ao IBGE, desenvolvendo assim mapas como os Delgado de Carvalho (1913) e de Fábio Macedo Guimarães (1941) (Figura 18), que buscavam traduzir o conhecimento que uma nação deveria ter de seu país (CONTEL, 2014).

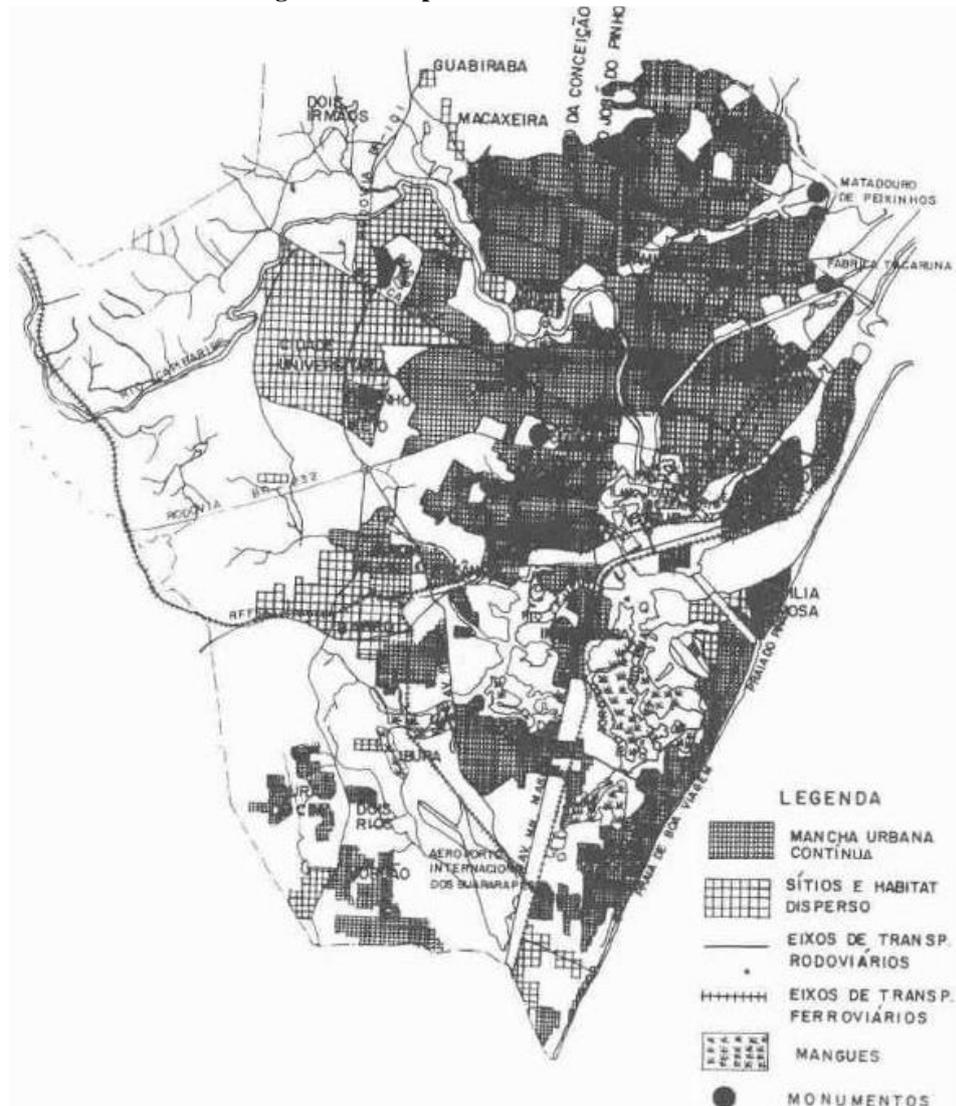
Figura 18 - Mapa das Divisões Regionais do Brasil por Fabio Macedo Guimarães - 1941



Fonte: GUIMARAES, Fábio. Divisão regional do Brasil". In *Revista Brasileira de Geografia* No. Especial, ano 50 (Tomo I). 1988. pp. 9-66.

Com uma tradição cartográfica mais trabalhada que o restante do país, desde seus tempos de presença holandesa (1630-1654), Recife dos anos 1930-1940, enquanto uma capital de ares modernos da região Nordeste, como ressalta Mota Menezes (1988), tinha consigo os modernos engenheiros cartógrafos advindos do Rio de Janeiro e também da própria cidade, associados à coordenação do IBGE local. A seção de Recife foi fundada meses depois do IBGE nacional, em 1937, unindo as coordenações e os gabinetes, secretarias de transporte e economia do município, se fazendo uso das técnicas membros do Instituto de Engenharia Civil de Londres (VASCONSELOS e MARQUES DE SÁ, 2011). Deste período Lima Cavalcanti (1930-1937), Agamenon Magalhaes (1937-1945/1952-1956) e Barbosa Sobrinhos (1947-1951) foram os respectivos presidentes de província que, em parcerias com órgãos, mais investiram em

Figura 20 - Mapa do Recife 1951

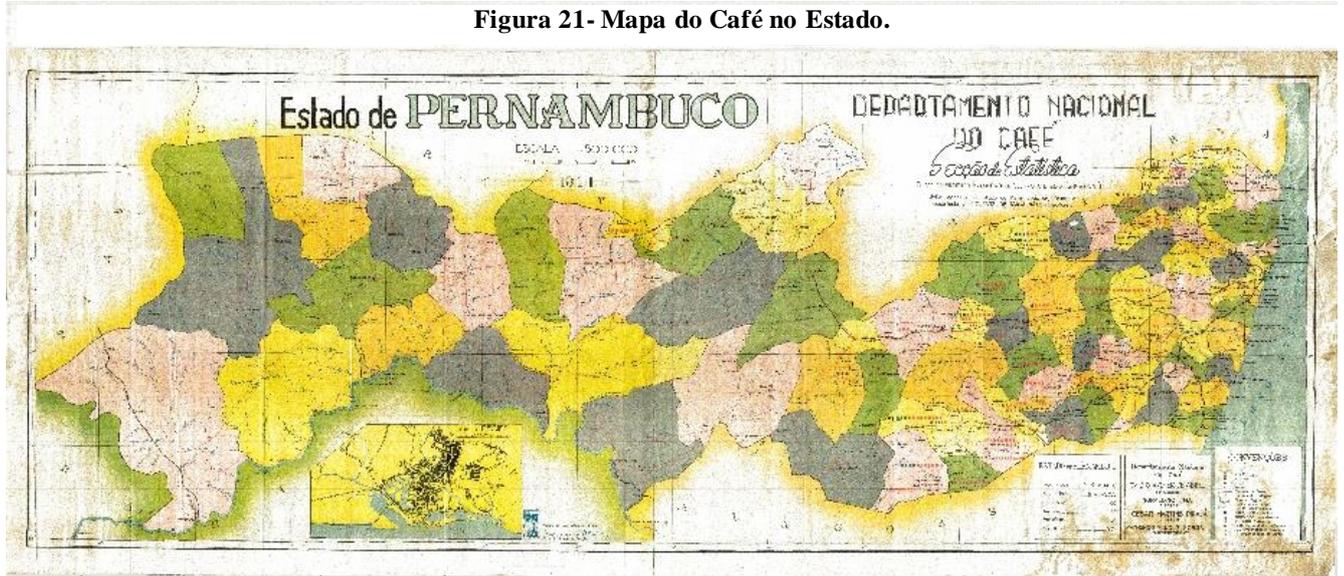


Fonte: URB-Recife

Os mapas regionais que se propunham a debater algum tipo de regionalização, tinham por influência as ideias de regionalização adquiridas pelos geógrafos do centro-sul do país: Delgado de Carvalho e Fábio Guimarães, de leitura geografia regional francesa. Estes trabalhos tinham por característica privilegiar as classificações temáticas de maneira mais completa possíveis, e pelos debates constantes da filosofia regional em Pernambuco encabeçados por Silvio Rabelo e rebatidas pelo estadista e governador. Agamenon Magalhães, constado na obra célebre deste último: *O Nordeste Brasileiro* (1921). Destacam-se os mapas da classificação das áreas com *Café no Estado de* (1942) (Figura 21) e o mapa das *Classificações Naturais do Estado* (1949) (Figura 22) que delimitava as zonas climático-botânicas do estado baseado nas pesquisas botânicas do engenheiro-agrônomo Vasconcelos Sobrinho (1908-1988), responsável por

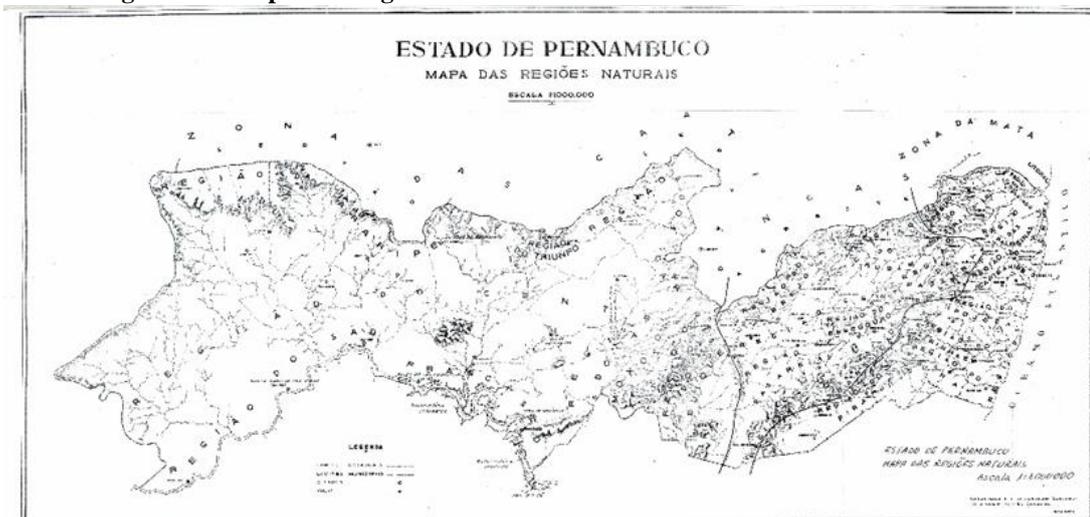
grande parte dos mapas posteriores desse período, tirados dos seus estudos botânicos regionais: *As regiões naturais de Pernambuco, o meio e a civilização* (1949).

Figura 21- Mapa do Café no Estado.



Fonte: IAGHPE-2020.

Figura 22 - Mapa das Regiões Naturais de Pernambuco – Vasconcelos Sobrinho-



Fonte: IAGHPE-2020.

4.2 CENTROS DE PESQUISAS E EXCURSÕES: O REGIONAL E SEUS PROTAGONISTAS

Mesmo antes da institucionalização da Universidade, o pensar geográfico já se fazia presente no território brasileiro, seja na vida escolar primária e secundária, seja nas expedições cartográficas e geológicas. Estas últimas eram realizadas em cidades como Rio de Janeiro e Recife por interessados em ciências naturais, em sua maioria frequentadores do IHGN - Instituto Histórico Arqueológico Nacional (1838) e Sociedade de Geografia (1883) no Rio de Janeiro, e Instituto Histórico e Geográfico-PE (1868) em Recife, e também realizadas para delimitação e formação de identidade nacional per si nas cartilhas de escolas com forte tonalidade nacionalista e patriótica (MACHADO, 1998).

O francês Francis Ruellen teve importante papel na geografia, especialmente na cátedra carioca entre 1941 -1956. Ajudou a edificar os estudos práticos ligados ao IBGE e ao Conselho Nacional de Geografia nas diversas áreas da Geografia. Ruellan consolidou trabalho de campo como metodologia da Geografia Brasileira em especial as áreas ligadas à Geografia Física com enfoque aos estudos da Geomorfologia carioca, nos quais decorreram nos trabalhos: Estudo Geomorfológicos sobre Baía de Guanabara (1949) e Dobramentos do Fundo (1953) (Figura 23) (MONTEIRO, 1980).

Figura 23 – Fotos de Raullen em Excursão junto a UDF e o IBGE em 1940



Foto de um grupo de geógrafos do IBGE e alunos da Universidade do Brasil numa excursão, no final dos anos 40, comandada por Francis Ruellan, o primeiro a esquerda

Fonte: Acervo de Fotos da tese de GOMES, 2000. Acessado em janeiro de 2020.

A Geografia no início da estruturação educacional no Brasil era vinculada aos estudos sociais presentes desde a primeira constituição imperial – a Constituição de 1824 (ARANHA, 2009). Sempre foi tratada como essencial para a formação pessoal e desenvolvimento dos professores primários e secundários no Brasil. Dentre estas instituições o Colégio Pedro II desenvolveu autonomia de muito intelectuais da época interessados em fazer geografia científica na produção de teses sobre ciências da terra. Alguns trabalhos podem ser citados como *Compêndio de Geografia Elementar* do prof. Manuel Ida Sais Ali (1861-1953), filólogo alemão do Colégio, que escreveu o texto em 1905, sendo o primeiro livro a versar sobre as regiões do Brasil (VLACH, 2007). Outro professor que pode ser citado foi Fernando Raja Gabalia (1897-1954) que escreveu a tese *Práticas de Geografia (1930)*, sendo um dos primeiros professores a desenvolver livros sobre a Geografia no país. Um dos destaques de Gabalia era o cuidado com a formação do magistério no colégio e reflexão de metodologias de ensino específica para a disciplina. Gabalia participou também da fundação da Universidade do Brasil em 1935, devendo, para ele, a universidade “*ter um cunho sempre prático*” (GABALIA, 1930 p.5).

Entretanto, os professores que mais se destacaram em termos de contribuições foram Everaldo Beckhauser, Delgado de Carvalho e Aroldo Azevedo. O engenheiro Everardo Beckhauser (1879-1951) era entusiasta da geopolítica ratzeliana e foi um dos maiores divulgadores de suas ideias. O cientista político Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980) foi precursor da metodologia geográfica de ensino. E Aroldo de Azevedo (1910-1974), um dos maiores escritores de livros didáticos no Brasil especialmente entre 1940-1975, sendo um dos maiores divulgadores do regionalismo francês nos livros didáticos (ANSELMO, 2002).

É importante destacar que Carvalho e Beckhauser fundaram juntos a Universidade Livre de Geografia do Brasil entre 1925/1926, com o intuito de dar uma maior qualidade aos licenciados formados que, por sua vez, estavam começando a formar as primeiras turmas do século XX, bem como melhor capacitar as pesquisas independentes realizadas por esses professores. Tal esforço ajudou na formação da primeira série de professores intelectuais no país (ANSELMO, 2001).

Beckhauser já em 1917 passa a lecionar nos preparatórios dentro do Colégio Pedro II, e escreve artigos ligados à fisiografia do Brasil, sendo algumas dessas obras sendo consideradas uma das mais importantes do período: *Os Sambaquis do Distrito Federal (1918)*, *A Faixa Litorânea do Brasil Meridional (1918)*. Essa última tese foi realizada para ingresso da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde entrou como professor de Mineralogia e Geologia no

período de 1914-1925 (PEREIRA, 1994). Contudo, foi no ensino de Geografia Humana que Beckhauser se destacou em especial no desenvolvimento do ensino da Geopolítica (ANSELMO, 2001). Isso se deve especialmente à sua forte ligação aos mestres alemães Ratzel, Karl Haushoffer (1869-1946). Este último era líder do Ciclo Geográfico de Munique no qual aceitou em sua revista uma das primeiras publicações de Beckhauser nos anos 20 intitulada *A Nova Concepção da Geografia*, texto conhecido em alguns meios europeus (PEREIRA, 1997).

Após esse período Beckhauser passa a se dedicar entre os anos 30 a 50 à produção de artigos de geopolítica e de Educação. Neste período ajudou na fundação de inúmeras universidades privadas, inclusive lecionando Geopolítica no Curso de direito na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, além de fazer parte das Sociedades Geográficas no começo dos anos 20 (PEREIRA, 1994). Segundo Campos (2011) um dos feitos mais importantes de Beckhauser foi o esforço em tornar a Geografia mais analítica e científica, discorrendo dos mais variados temas de população, clima a solo e outros temas.

O Prof. Carlos Miguel Delgado de Carvalho, por sua vez, é reconhecido por desenvolver não apenas uma metodologia de ensino, através do livro *Metodologia do Ensino Geográfico* (1925), mas também pelos seus estudos sobre o sul do Brasil em seu livro *Brasil Meridional* (1910). Delgado de Carvalho seguiu as mesmas influências de toda a constituição da geografia brasileira através do empenho em difundir a escola regional francesa em seu pensamento educacional (VLACH, 1989).

Ao tratar do panorama dos primórdios da formação científica da ciência geográfica nos anos 1930 -1940, perpassando pelo início das instituições e da edificação escolar no país, encontramos como ponto de congruência a necessidade de se conhecer o campo de sua atuação, conjuntamente com a necessidade de se entender o território do país como um todo, através da realização das excursões didáticas promovidas tanto em parceria com os municípios locais, quanto financiadas pelos institutos de pesquisa. Como o exemplo temos o IBGE, em parceria com as universidades UNB e USP, que realizaram inúmeras pesquisas de cunho didático exploratório e prático, auxiliando na formulação de publicações de livros, teses e compêndios (MACHADO, 1995).

Ao tratar do panorama dos primórdios da formação científica da ciência geográfica nos anos 1930 -1940 perpassando pelo início das instituições e da edificação escolar no país, encontramos como ponto de congruência a necessidade de se conhecer o campo de sua atuação, conjuntamente com a necessidade de se entender o território do país como um todo, através da realização das excursões didáticas realizadas tanto em parceria pelos municípios locais,

quanto financiadas pelo institutos de pesquisa, como o exemplo do IBGE, em parceria com as universidades UNB e USP, realizaram inúmeras pesquisas de cunho didático exploratório e prático, que auxiliaram na formulação nas publicações de livros, teses e compêndios (MACHADO, 1995).

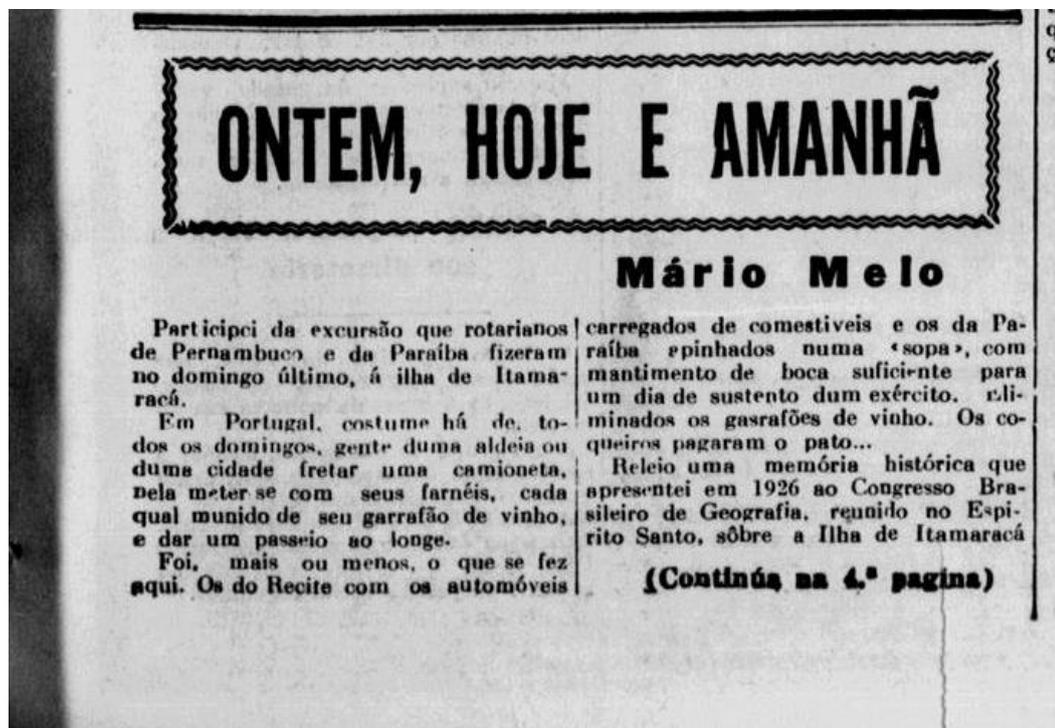
No contextual Regional, em específico nos estudos realizados, a partir da realidade Pernambucana, tendo Recife como cidade sede, as explorações com caráter de científico feitos para compor a base de dados geográficas da região e solidificar e criar os compêndios didáticos só tiveram seu maior investimento, inicialmente dentro dos liceus escolares (Ginásio Pernambucano e Escola Normal), também no Instituto de Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHG-PE) nos anos 1930 e no Instituto de Estudos Sociais dentro da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Este último foi criado por Gilberto Freyre para abarcar as mais variadas pesquisas sobre o Nordeste nos anos 1940-1950 (SILVA, 2014).

Este investimento científico no estado ocorreu, além do suporte federal advindo do período dos anos 1930-1950 para solidificação do conhecimento do próprio país sobre seu potencial natural e humano. Teve como intuito também um viés filosófico-político de fortalecimento do Estado nação recém formado, e pelas inúmeras reformas estaduais no âmbito da educação realizadas neste mesmo período. Destaca-se assim as reformas feitas no governo de José Loreto (1926-1930) que possibilitou junto ao professor da educação da época Carneiro Leão a instalação dos laboratórios de biologia coordenados pelo prof. Alfredo Freire dentro do Ginásio Pernambucano (1921) e aulas de campo orientadas pelo prof. de estudos sociais Gilberto Freyre realizadas com alunos futuros docentes da Escola Normal do Recife, executando trabalhos de campo junto aos territórios dos mucambos e morros do Recife que estavam em franca expansão no período (CORREIRA, 1997). No entanto, a iniciativa precursora foi combatida no final de seu mandato por setores da igreja, com as atividades de campo e de modernização dos laboratórios escolares e de pesquisas sendo retomados no governo de Cavalcanti Lima (1930-1937), tendo como secretário da educação o prof. Nelson Coutinho, este último sendo assessorado na área técnica das pesquisas científicas por Ulisses Pernambucano, médico precursor no estado da psiquiatria moderna, e por Aníbal Bruno nas pesquisas sociais e humanas (PORTO, 1977).

Nos períodos sucessores dos governos estaduais, as pesquisas de campo passaram a se fortalecer mais em órgãos do IBGE em Recife e a no IAGH-PE. Neste último instituto, destacou-se a coordenação do então presidente do centro de pesquisas o jornalista, humanista e geógrafo Mario Mello, responsável pelas obras *Arquipélago Fernando de Noronha (1916)* e

Ruas do Recife (1920), que coordenava uma série de excursões para os interiores do estado junto aos pesquisadores de todos o país e exterior (americanos e portugueses). Destaca-se também a presença dos professores locais geógrafos Mario Lacerda de Melo, Gilberto Osório de Andrade, Mauro Motta, Hilton Sette, agrônomos como Vasconcelos Sobrinho e historiadores como Tadeu Rocha e Sylvio Rabelo, atuantes nas escolas como Ginásio de Aplicação, Colégio Estadual e Escola Normal (SOUZA,2010). As excursões realizadas no período (1930-1955) eram sempre noticiadas junto aos diários estaduais, de repercussão nacional, como no Jornal Pequeno (1899-1955) (Figura 24) e no Diário de Pernambuco (1827). Nestes jornais, Mário Mello era colunista, e realizava colaborações permanentes à divulgação científica e intelectual através dos artigos e das visitas a centro universitários internacionais, como a visita a Sociedade Geográfica de Lisboa (Figura 25). Mario de Mello contribuiu para a edificação dos conhecimentos regionais da geografia do período pela promoção das pesquisas dos jovens docentes e suas instituições, como foi o caso de Gilberto Osorio, na ocasião publicação de tese para lecionar no Ginásio Pernambucano 1940 (Figura 26).

Figura 24 - Excursão Paraíba e Pernambuco com o sócios do Clube Rotary ano de 1936



Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Digital (1930-1939).Jornal Pequeno (PE) (1899-1955). Acessado em 2020.

Figura 25 - Visita a Sociedade Geográfica de Lisboa e Cátedra Geográfica do Porto 1937.

Uma das grandes riquezas architectonicas de Portugal

O claustro romanoico da cathedral do Porto



Aspecto do claustro da Cathedral do Porto, sendo-se ao centro o conego dr. Correa Pinto, que tem á esquerda os drs. Mario Mello e Pereira de Souza e á direita o universitario paulista Paulo Emilio, o universitario portuzense Adriano de Oliveira e o acadêmico de medicina bahiano Filhon Barreto.

A cathedral do Porto, recentemente restaurada pelo governo que a considerou monumento nacional, é uma das grandes riquezas architectonicas de Portugal. Data do seculo XII, isto é, tinha já mais de 300 annos quando o Brasil foi descoberto.

Nella estão sepultados S. Pacifico, franciscano canonizado em 1721 e Santo Aurelio.

Uma de suas grandes curiosidades é o claustro romanoico, que servia de cemiterio aos bispos, na idade media, cujos sarcophagos foram retirados das arcadas mas ainda existem na cathedral intactos, porque de granito.

A photographia acima foi tomada no claustro, na visita que lhe fez nos colaboradores dr. Mario Mello, em visita a Portugal, a convite da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Numa delleas está no centro, o conego Correa Pinto, deputado nacional, advogado, professor de archeologia, e das artes rodeado do dr. Mario Mello, dr. Pereira de Souza, advogado em Pernambuco, do estudante brasileiro Paulo Emilio de Sales Gomes, da Universidad de São Paulo, do estudante portuzense Adriano de Oliveira, da Universidad do Porto e do estudante brasileiro Filthon Barreto, da Faculdade de Medicina de Bahia.

Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Digital (1930-1939).Jornal Pequeno (PE) (1899-1955). Acessado em 2020.

Figura 26 - Nota sobre o Trabalho da Tese de Gilberto Osório de Andrade 1940 por Mario Melo

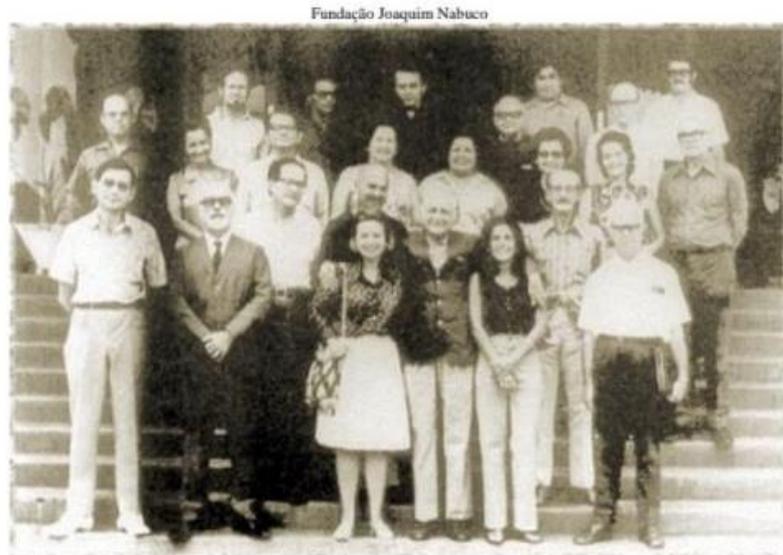


Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Digital (1930-1939). Jornal Pequeno (PE) (1899-1955). Acessado em 2020.

Somando-se ainda ao período de 1930-1945 os feitos realizados no IAGH-PE e nos Liceus estaduais, por exemplo, com a modernização dos laboratórios de geologia e biologia, com profusão de excursões científicas e aumento de publicações nos congressos nacionais de geografia no período (1930-1945), sendo que o período posterior teve, como grande contribuição, as pesquisas realizadas no Instituto de Pesquisa Social da Fundaj (1949). Fundado no fim dos anos 40 o Instituto teve seu auge produtivo dos anos 1950 e início dos 1960, e tinha como objetivo criar um acervo científico do Nordeste, uma aspiração antiga de seu Presidente Gilberto Freyre, antes da federalização do curso de Ciências Geográficas. É desse período a série de pesquisas e excursões (Figura 27) para o planejamento regional do estado, analisadas através de pesquisas documentais dentro do próprio acervo da Fundaj entre 2018-2020, que geraram as obras: *Serra Negra- Uma Relíquia Geomorfológica e Hidrófita nos Tabuleiros Pernambucanos* (1954); *Itamaracá: Contribuição Para o Estudo Geográfica a Costa Pernambucana* (1955), ambos trabalhos feitos na Fundaj por Gilberto Osório, bem como trabalhos realizados por Mário Lacerda como: *Os tipos de Localização da Cidade de Pernambuco* (1959) *As Migrações Para o Recife* (1961), ; e as parcerias realizadas na obra *Um Brejo Pernambucano*(1961) feita por Mário Lacerda e Manuel Correia de Andrade, assistente das pesquisas na época, e por fim *os Rios do Açúcar Oriental* (1957-1961) escrita

coletivamente por Mário Lacerda, Gilberto Osório, Raquel Caldas Lins, Manuel Correia de Andrade e Mauro Motta (CORREA,1999).

Figura 27 – Partida para Execução no final dos anos 1950 início do 1960 para facção do compêndio os Rios do Açúcar Oriental (1957-1961)



Equipe do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco posa com Gilberto Freyre. Na segunda fila, de cima para baixo (da E para a D), vêm-se Rachel Caldas Lins, Gilberto Osório e Magdalena Freyre.

Fonte. Acervo Fundaj. Acessado em 2019.

4.3 A CONSTRUÇÃO DOS INTELECTUAIS E SUAS TESES REGIONAIS

Neste subcapítulo em questão serão destacados as teses feitas para ingresso das Cátedras de Geografia dos respectivos colégios Ginásio Pernambucano (1921), Escola Normal (1920-1970) e Instituto de Educação do Recife (1921-1977). As teses escolhidas de Gilberto Osório (1940), Mário Lacerda (1940), Hilton Sette (1946) e Mauro Motta (1954) fazem parte das consideradas teses dos primeiros escritos modernos, com metodologia de campo e método de observação, no estado de Pernambuco como confirma Correa (1994) e Tadeu (1964). Estas teses serão analisadas com intuito de elucidar quais influências regionalistas freyriano e francesa, em termos de método de abordagem regional, através da análise bibliográfica em questão, cartográfica e hermenêutica. Entende-se também que como pressupostos estaduais e federais para entradas dos colégios, elas são documentos históricos do período 1930-1960, período estudado nas suas respectivas especificidades nos capítulos 2 e 3.

4.3.1 Mário Lacerda de Melo: Trajetória Intelectual – Espacial (1913-2004)

Mário Lacerda de Melo nasceu no município de Água Preta, Zona da Mata Sul de Pernambuco, no dia 2 de julho de 1913, sendo filho do senhor Venâncio Pessoa de Melo e da senhora Maria Amélia Lacerda de Melo. Sua família era originária de uma decadente aristocracia açucareira de Pernambuco, sendo assim a primeira paisagem de contato de Mário Lacerda; a Zona da Mata Rural de Pernambuco. O início da vida em Recife inicia-se com a matrícula do mesmo no Instituto Carneiro Leão, onde realiza assim o curso secundário no período que se estende de 1927 a 1930. Dando continuidade aos estudos em Recife formase em Ciências Jurídicas e Sociais, bacharelado, pela renomada Faculdade de Direito do Recife, em 1935 (GASPAR, 2017).

Torna-se relevante destacar também que a biografia, estudos, trabalhos e carreira do geógrafo Mário Lacerda de Melo, no geral mesmo exercendo grande importância para o pensamento geográfico e o planejamento regional de Pernambuco e do Nordeste, estão sendo ignorados e pouco documentados pelos atuais geógrafos e intelectuais brasileiros. Por isso é de extrema necessidade relatar e analisar a vida e obra dessa personalidade de destaque no cenário geográfico nordestino e nacional (SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA, 1981).

Ao longo da sua carreira Lacerda exerceu diversos cargos, relacionados à geografia e ao planejamento regional dentre os quais podem ser destacados segundo GASPAR (2017) os seguintes:

Chefe do serviço de Estados Econômicos do Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA (1943-1948); professor de Geografia Humana da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (1950) e da Universidade Católica de Pernambuco (1951); Secretário de Agricultura do Estado de Pernambuco (1964-1965); primeiro presidente da Companhia de Desenvolvimento de Pernambuco – Comper (1966); assessor técnico da SUDENE (1968-1969); Secretário Executivo do Grupo Especial de Racionalização da Agroindústria Canavieira do Nordeste – GERAN (1967); coordenador do Curso de Geografia do Instituto de Geociência e chefe do Departamento de Ciências Geográficas, da UFPE (1972-1973); professor do curso de Mestrado em Geografia do Departamento de Ciências Geográficas (a partir de 1976) e pesquisador do Departamento de Geografia da Fundação Joaquim Nabuco - Fundaj (1982-1987).

Lacerda participou também de órgãos como o Conselho Nacional da União Geográfica Internacional e a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) da qual ocupou o cargo de presidente durante 1954 e 1955. Por meio desse cargo promoveu o incentivo político da ciência geográfica, bem como o desenvolvimento de eventos e encontros que possibilitaram um apoio científico regional à geografia. Pode-se notar assim o dinamismo profissional dessa personalidade pernambucana (GASPAR, 2011).

Dentro do cenário intelectual e científico de Pernambuco, Lacerda se configura junto com Gilberto Osório de Andrade como um dos grandes geógrafos que ajudaram a fundamentar a geografia no Estado. Influenciadas pelo espírito regionalista de 1926, com sua defesa aos valores locais da tradição, foram apresentadas por esses pioneiros em 1940, teses de concurso para o antigo Ginásio Pernambucano. E ambas, os concorrentes abordaram assuntos referentes à Geografia Regional: “Pernambuco: Traços de sua Geografia Humana”, foi o tema escolhido pelo Sr. Mário Lacerda; e “Um Complexo Antropogeográfico (Lineamentos para uma Geografia Total da Amazônia)”, constituiu o assunto do ensaio do Sr. Gilberto Osório. Os dois autores valeram-se dos seus trabalhos de pesquisas, inclusive “observações pessoais diretas”, como revela o prof. Gilberto Osório; ou, predominantemente, “observação direta dos fenômenos”, no: dizer do prof. Mário Lacerda (TADEU,1954. p.45). Ou seja, a pesquisa empírica baseada no método indutivo tem sua importância valorizada nos estudos de Lacerda e seus contemporâneos. É a partir deles que as primeiras viagens a campo, tão comuns hodiernamente, são organizadas no ambiente acadêmico. Sobre esse assunto, ANDRADE (2007.p.12) destaca:

Os anos de 1950 foram bastante favoráveis ao desenvolvimento dos estudos geográficos em Pernambuco, devido à implantação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, inicialmente como faculdades particulares [...] Com elas, criava-se, também, na então Universidade do Recife, atual Federal de Pernambuco, uma faculdade, não confessional. E foi aí que os professores Gilberto Osório de Andrade, titular de Geografia Física, e Mário Lacerda de Mello, da área de Geografia Humana, passaram a complementar o ensino em sala de aula, com os trabalhos de pesquisa de campo.

Esse procedimento foi adotado com a finalidade de recolher recursos qualitativos e quantitativos sobre áreas específicas do Nordeste para o reconhecimento e planejamento regional, assim como proporcionar novos recursos didáticos para o ensino da geografia. Um dos livros - Paisagens do Nordeste em Pernambuco e Paraíba (1958) - mais relevantes dos estudos referentes a região Nordeste produzido por Mário Lacerda foi resultado direto de uma expedição realizada nas intermediações do Estado de Pernambuco e da Paraíba. Ao longo da obra são destacados e analisados aspectos geomorfológicos, morfológicos, climáticos, fitogeográficos, econômicos e sociais do percurso analisado. É evidente no decorrer do livro a forma proposta para o estudo regional entre os dois Estados. Há uma busca maior pelo crescimento econômico priorizando as antigas tradições e costumes, não aderindo aos novos elementos decorrentes da industrialização, como a modernização do trabalho e das cidades que acarretam numa sub proletarização do trabalhador rural.

Tal análise do conjunto se faz presente em outras obras de Mário Lacerda, as quais procuram conhecer também a terra nas suas múltiplas especificidades, desde a física (propriedades físico-químicas dos solos, relevo, hidrografia, etc.) aos aspectos humanos (social, cultural, político e econômico), para assim propor um planejamento de desenvolvimento aplicável às diferentes regiões presentes em determinado recorte territorial. Mário Lacerda também se interessou pelos estudos relativos à problemática urbana regional e nacional (1959 e 1961). Alguns textos escritos por Lacerda foram listados, por meio de pesquisa individuais e de campo nos acervos da FUNDAJ, e estão organizados no Quadro 1 (Quadro 1).

Quadro 1 - Quadro com alguns textos e livros escritos por Lacerda, entre 1940 e 1962.

	Títulos dos textos e livros escritos por Lacerda	Referências
1940	Pernambuco: traços da sua geografia humana	Tese de concurso apresentada para o antigo Ginásio Pernambucano.
1953	Holandeses e Portugueses	Fundaj
1958	Paisagens do Nordeste em Pernambuco e Paraíba	2. ed. Recife: Cepe, 2012.
1959	Tipos de localização de cidades em Pernambuco	Fundaj
1961	Migrações para o Recife	Fundaj
1961	Os problemas do estudo das metrópoles brasileiras	Fundaj
1962	Bases geográficas do Nordeste	Ano XXIV-Dezembro de 1962 N°. 4. Trabalho organizado para o II Curso de Desenvolvimento Econômico, da Sudene.

Fonte: Produzido por Gerlane Gomes em 2020.

Assim nos seus estudos, Lacerda desenvolveu um compilado de obras vastas que vão desde análises migratórias a estudos geopolíticos como apresentado na tese Pernambuco: traços da sua geografia humana (1940). Em *Holandeses e Portugueses* (1953), por exemplo, Lacerda

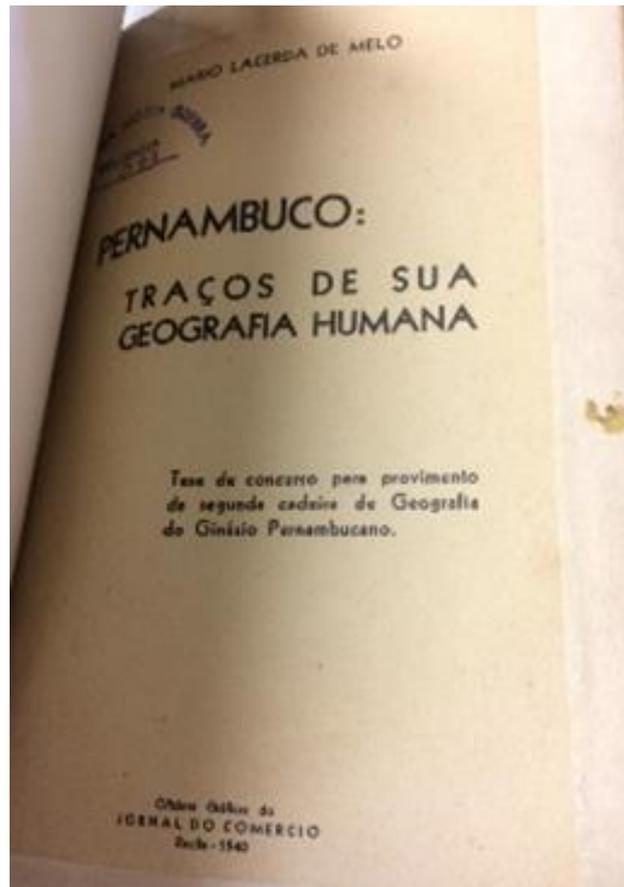
exprime a soberania e superioridade da colonização empreendida por Portugal em detrimento da ocupação Holandesa. Como pode-se notar no trecho seguinte:

Ao chegarem a Pernambuco, os holandeses encontram uma terra onde atuavam os processos portugueses de ocupar, produzir e colonizar: processos de contacto entre raças; processos de catequese dos índios; processos de construção de casas e de cidades [...] Aos flamengos faltavam aptidões para realizar obra semelhante à que aqui encontraram. Disso é um sinal o fato de jamais se haverem afirmado em parte alguma dos trópicos com bons colonizadores. (1953.p.277).

4.3.2 Tese - Pernambuco: Traços de Uma Geografia Humana (1940)

Sendo a primeira tese da geografia moderna local de acordo com Tadeu (1965), por se usar das metodologias científicas tradicionais de abordagem contextual francesa como acresce Correa (1995), foi utilizada como prova de concurso para a cátedra de Geografia Humana do Ginásio Pernambucano (1921) (Figura 28).

Figura 28 - Capa da Tese original Traços de Uma Geografia Humana (1940)



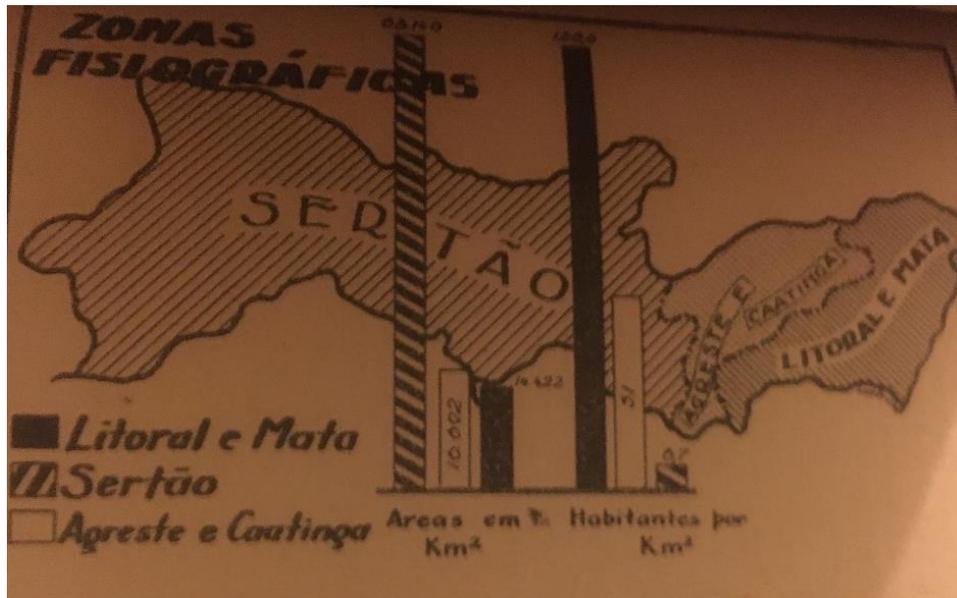
Fonte: Acervo Fundaj . Foto do Acervo de Marina Medeiros 2018.

Sendo dividida em três partes; 1) Configuração Da Situação da Superfície, que trata do aspecto de localização geográfica e apanhado geral dos caracteres físicos do estado, a 2) A Área da Paisagem da Praia e da Mata de Pernambuco, acrescentando assim os aspectos históricos e

humanos análise devida apontando os aspectos do mercantilismo holandês, o sentido urbano da colonização e a subordinação econômica da vida rural à vida urbana -oposto do que foi feito pela colonização Portuguesa-, assim como, o enraizamento econômico, ecológico e social dos Holandeses no território brasileiro proporcionaram o fracasso colonial holandês, de acordo com Lacerda. E a 3) As Cidades se subdividindo no entendimento da Cidade do interior e de Recife, abarcando mais uma vez o entendimento sócio-histórico para além da análise da paisagem física. Adiciona-se ainda a influência da geografia tradicional francesa do século XIX e XX, utilizando da abordagem do método regional, citando-se assim as seguintes obras dos mestres; de *Jean Brunhes La Geographie Humaine* (1929); de *Pierre Deffontaines Problemes de La Geographie Humaine* (1938), *Geographie Politic et Geographie du Travail* (1931) estas em parceria também Brunhenes, e *Geografia Humana do Brasil*(1940). Da influência do regionalismo tradicional de Freyre, Mello cita as seguintes obras; *Casa-Grande e Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos*(1935), *Nordestes: A História do Açúcar na Paisagem de Pernambuco* (1937), *Açúcar* (1939) *Região e Tradição* (1940) e os textos do manifesto regionalista no livro *Manifesto Regionalista* (1952). Adiciona-se ainda as obras do também professor pernambucano Décio Rabello (1932) uma das primeiras a falar sobre Pernambuco em seu aspecto histórico-geográfico. Desse modo por meio, de um olhar geográfico preciso Lacerda expõe em sua obra uma descrição das paisagens sejam elas da zona da Mata, do litoral, dos meios urbanos (interior e capital), que torna possível ao leitor a capacidade de visualizar essas juntamente com a sua vegetação, relevo, habitantes e ocupações econômicas em diferentes períodos históricos.

A precisão de tais análises lhe foi bastante válida nos cargos que ocupou ao longo da sua vida profissional sobretudo aos que tinham vinculação com o planejamento e conhecimento regional do território nordestino. O prof. Mário Lacerda, também notou nas suas pesquisas a importância da realização de uma divisão territorial devido à pluralidade de características geográficas, climatológicas, morfológicas e padrões fitogeográficos de determinada localidade (Figura 29), disso urge então a divisão regional.

Figura 29 - Divisão Fitográfica em zonas regionais (1940)



Fonte: Mello (1940), p 9.

Em consonância a esse pensamento, as regiões propostas dentro do Nordeste condizem, principalmente, com a geomorfologia e o relevo, de onde Lacerda destaca as atividades econômicas possíveis para cada tipo, respeitando a capacidade da terra e a disponibilidade dos recursos pré-estabelecidos decorrente do fator clima e solo. Com isso, Lacerda divide a área geográfica correspondente ao Nordeste em: úmida, semiúmida e seca, destacando ainda que dentro de cada uma delas, variam as densidades e as estruturas da ocupação de espaço e individualizam-se áreas e unidades regionais diferentes (1940, p.10). Entende-se assim, nessa obra, a possibilidade de reconhecer a diversidade da área pesquisada para estabelecer o seu devido recorte regional.

4.3.3 Gilberto Osório de Andrade – Trajetória Intelectual-Espacial (1912-1994)

A trajetória espacial que percorrerá o Geógrafo Gilberto Osório de Andrade torna-se possível a compreensão de como ele possivelmente se tornara representativo para o ideário da Geografia pernambucana, sobretudo, para a geomorfologia. A entender essa espacialidade de Gilberto, é necessário notificar o período histórico em que ele se formara profissional. Isso se desenvolve na década de 1930, no Governo de Getúlio Vargas. Sendo Osório, historicamente, um homem fruto do seu meio de vivência, Gilberto se estrutura em um tempo que o poder governamental foi a cada ano ainda mais centralizado, contudo, foi marcado por ser ainda um

tempo de lutas trabalhistas (BEZERRA, 2020). Com isso, em nome do recorte temporal em que ele se formara a sua pluralidade na ocupação de cargos se desenvolve da seguinte maneira:

Quadro 2 - A trajetória profissional de Gilberto Osório de Andrade

Ano	Titulação	Local de atuação
1933	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	Faculdade do Recife
1937	Atuante no Governo e da Educação e Cultura	Governo Etelvino Lins
1933	Deputado Estadual	UDN
1940	Cronista	Diário de Pernambuco Jornal do Comércio Jornal Folha da Manhã
1953	Professor de Geografia	Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Universidade Católica de Pernambuco. Universidade Federal de Pernambuco
1954	Professor de História	Universidade Católica de Pernambuco Universidade Federal de Pernambuco
1986	Pesquisador	-Departamento de Ciências Geográficas da Fundação Joaquim Nabuco. SUDENE
1956	Poeta	Conselho Estadual de Educação, do qual foi presidente

Fonte: Produzido por Milka Bezerra em 2020.

As contribuições de Gilberto Osorio para o ideário da Geografia Pernambucana são possivelmente identificadas em sua diversidade de cargos ocupados em sua vida profissional, somado a dinamicidade de sua cidade de origem, Recife. O pensamento multiforme de Gilberto pode vir a ser produto dessa união, entretanto, é válido inferir o período histórico em que tudo isso se passara: inicia atuante na área jurídica (1912), em tempos que se desenvolve a ascensão: da religiosidade protestante, da grande mídia da época, o rádio, e da indústria automobilística, a Ford passa pela política administrativa estadual e ele termina seus dias como renome na Geomorfologia e Climatologia (1986) (RIVAS, 2001).

Tudo isso é discorrido possivelmente pelo local de fala ocupado por Gilberto, sendo ele um dos poucos profissionais que através de sua representação política e geográfica retratava a importância territorial do seu estado (Pernambuco), e sua cidade (Recife), dentre as suas dificuldades e fragilidades. Dessa forma, ele irá somar nas Ciências Geográficas por sua vasta produção: Participou ativamente do Congresso Internacional de Geografia, realizado em 1956, onde apresentou o 25 Série Sinopses Biográficas trabalho intitulado Furos, Paraná e Igarapés – Análise genética de alguns elementos do sistema potamográfico amazônico. Produções que receberam destaques: “Migrações internas e o Recife”, “Propósito de Universidade”, “Fundamentos da Neutralidade Portuguesa”, “A Serra Negra”, “Inéditos de frei Jaboatão”, “A supraconstitucionalidade da declaração de direitos”, “João Pais do Cabo”, “O Patriarca, seus filhos, seus engenhos” (RIVAS, 2001).

A multidisciplinariedade se caracteriza no ato de analisar um único objeto por diversas dimensões. Isso é desenvolvido em detrimento da integração entre várias disciplinas e isso só se faz possível, a partir de diferentes formações (JATOBA, 2011). Gilberto Osório com diferentes formações em diversos âmbitos científicos, sempre se dispôs a produzir novas temáticas que se desenvolvem em paralelo as suas pesquisas corriqueiras. Gilberto mesmo sendo um renomado Geomorfólogo, se propôs a produzir sobre os processos migratórios dentro dos estudos populacionais geográficos ocorridos dentro do Recife, escreveu sobre obras romantizadas e a sua versão sobre o escrito, escreveu sobre algumas das cidades adjacentes ao Recife e como era a vida dos senhores de engenhos. Contudo, não abandonara a sua carreira de jurista e isso era manifesto em sua carreira política administrativa e em seus escritos como cronistas de jornais (JATOBÁ, 2011).

“A multi-, a inter- e a transdisciplinaridade (embora existam outras denominações e subdivisões desses termos) se propõem a oferecer alternativas aos modos de pensar e fazer da ciência clássica, disponibilizando, para além do pensamento analítico-reducionista, formas de investigação científica que atendam às necessidades de compreensão de fatos e fenômenos em toda a sua complexidade.” (Bicalho. M. L., 2011, p.5)

No que especifica a Geografia para com a multidisciplinariedade, Gilberto Osório de Andrade é extremamente contribuinte para o exercício da Geografia enquanto ciência múltipla em sua aplicabilidade. Haja vista, que o seu objeto de estudo é o espaço e suas interações humanas e físicas. Entende-se Gilberto como um dos geógrafos que se destaca e seu tempo por sua capacidade integrativa de conhecimentos, onde, em análises científicas o poder de junção de diversos olhares para o mesmo objeto investigativo é um dos mecanismos de maior nível hierárquico do saber científica (Quadro 3), (Quadro 4), (Quadro5).

Quadro 3 - Acervo Fundação Joaquim Nabuco (1940 – 1960)

Ano	Título
1940	Um Complexo Antropogeográfico - Lineamento para uma Geografia Total da Amazônia
1949	Inéditos de Frei Jaboatão
1952	Ares e Ventos do Recife
1954	A SERRA NEGRA Uma relíquia Geomórfica e Hidrófita dos Tabuleiros Pernambucanos Itamaracá: Contribuições para um estudo Geomórfico da costa pernambucana
1956	A Cólera Morbo: Um momento crítico na história da medicina em Recife
1957	Os Rios – do - açúcar no Nordeste Oriental I o rio Ceará Mirim Os Rios – do - açúcar no Nordeste Oriental I o rio Mamanguape
1960	Os rios - da –camaúba O rio Mossoró (Apodi)

Fonte : Produzido por Milka Bezerra em 2020.

Quadro 4 - Acervo Sudene (1963 - 1977)

Ano	Título
1963	Introdução à morfoclimatologia do Nordeste do Brasil.
1972	O projeto de colonização do Alto Turi (Maranhão).
1977	Alguns aspectos do quadro natural do Nordeste.

Fonte: Produzido por Milka Bezerra em 2020.

Quadro 5 - Acervo da Universidade Federal de Pernambuco (1966 – 1968)

Ano	Título
1966	O "brejo" da Serra das Varas (Arcoverde)
1968	Panorama dos recursos naturais do Nordeste

Fonte: Produzido por Milka Bezerra em 2020.

4.3.4 Tese - Amazônia: Um Complexo Antropogeográfico Para O Lineamento para uma Geografia Total da Amazônia (1940)

Os processos que resultaram na regionalização e ocupação da Amazônia, advém do período histórico onde o Brasil foi subdividido em regiões geográficas pelos processos de institucionalização nacional (IBGE). O então presidente Getúlio Vargas com a chamada “Marcha para o Oeste” pós guerra em 1930, enxerga a Amazônia como localização estratégica para reerguer a economia brasileira. Isso é desenvolvido as suas particularidades, suas riquezas naturais.

A ocupação da Amazônia advém nesse momento pela sua força produtiva atraindo a mão de obra para os seringas da Amazônia. Contudo, ao passar o período pós guerra a Amazônia volta a precariedade econômica pela falta de investimentos estatais. Gilberto Osório de Andrade estuda os lineamentos amazônicos com constante paralelo entre o político, o físico e o humano. A obra de Gilberto, é fiel ao seu tempo histórico de produção e isso é a parente pela precisão do que foi e a representatividade da Amazônia em 1940. A obra é dividida em cinco capítulos que perpassam desde o meio físico até as questões sanitárias que acometiam os povos primitivos da Amazônia (BEZERRA, 2020).

O relato da geomorfologia amazônica e seus derivados é uma das partes onde são encontradas as possíveis influências do que foi a Movimento Regionalista nos escritos de Osório. Isso sendo retratado por meio da exaltação paisagista transcrita por Gilberto em sua

pesquisa. A orogênese, no texto retrata os caminhos regionais, ele irá desmiuçar as principais teorias e tempos geológicos que se passam o ordenamento espacial da Amazônia:

- I. **Triássico:** Esse é o primeiro período geológico da Era Mesozoica e se estende entre o Permiano e Jurássico. O começo e o final do período são marcados por eventos de extinção em massa.

- II. **Cretáceo:** Período da era Mesozoica, sucede o período Jurássico de sua era e precede o período Paleogeno da era Cenozoica de seu éon. Divide-se nas épocas Cretáceo Inferior e Cretáceo Superior, da mais antiga para a mais recente.

Humbolt é um dos possíveis influentes da análise geográfica de Gilberto na demarcação dos eventos que antecedem e sucedem a determinada era geológica, e por quais meios são formadas as planícies, a tão importante bacia Amazônica, as vertentes andinas e os planaltos. A muralha andina, presente na Amazônia é um contorno orográfico ocidental que é formado por um longo trecho de cordilheira, é subdividido por nós, divisórias, ramificações e secções.

Os limites meridionais são representados pelos bordos externos do planalto central pelo Brasil demarcada pela crista desgastada dos chapadões de Mato Grosso e de Goiás. A moldura ao Norte, compõe a moldura setentrional por ser o Brasil um maciço arqueado, é composto por serras e séries de antiplanaltos. A bacia Amazônica possui características da maior bacia fluvial do mundo por seus 6.430.000 quilômetros quadrados.

Humbolt junto a La Condamine, Castelnau, Agassiz, Orton, Spix e Martius formularam altitudes que são recorrentes em vários lugares da bacia e essa altitude é produto das características gerais dos relevos da bacia e dos rios adjacentes. Isso é refletido a exemplificar nos rios fluviais que sazonalmente (setembro e outubro) tem seus tributários cheios causando o engrossamento das águas que escoam e causam as grandes enchentes anuais (BEZERRA, 2020).

A entender o equilíbrio arranjando pelo meio natural, as enchentes são em dados momentos controlados pelas pororocas que estabelecem saltos de equilíbrio entre os níveis dos rios e do atlântico. Contudo, as cheias extraordinárias possuem sua contribuição para as

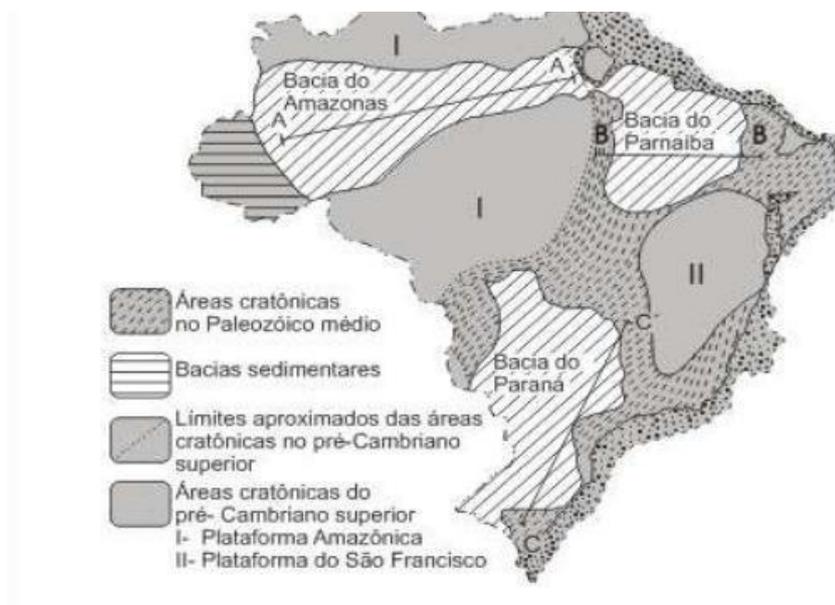
transformações da Amazônia, haja vista o seu sistema hidrográfico ser predominantemente fluvial. A especificar os degelos e os acúmulos de neves, é necessário citar o papel da umidade nos locais em que se acumulam e de qual forma se esvaem.

A estrutura física da Amazônia com a sua pluralidade de rios e de impactos ocasionam especificidades no clima lá decorrente. A sua friagem característica advém da frequência dos ventos alísios que circulam em sentido contrário a corrente fluvial. Sazonalmente é acometido de ventos que são trazidos em forma de uma queda barométrica, vinda dos degelos e gelos e dos Andes. Invadem as florestas, as águas e formam lacustres (BEZERRA, 2020).

Essa friagem dura em sua maioria dois dias e tudo isso ocasiona um equilíbrio entre o meio e o homem. Fitobiogeografia é representada pela figura da diversidade paisagista, das espécies de animais e seus processos endêmicos, da repartição espacial, da estrutura e do clima da Amazônia. A visão romantizada do que representa a região pode-se entender que é trazida das raízes de sua vivência no Nordeste, da tradição, da representatividade, sobretudo, do Movimento Regionalista que demarca a região em suas minúcias.

“A floresta protege e trái ao mesmo tempo. Há um mixto de lealdade e tocaia na sua sombra mansa, por onde se perambúla o fantasma do imprevisto” (Andrade. 1940, p.96).

Figura 30 - Brasil as grandes unidades estruturais, 1983



Fonte: Petri & Faúlfaro

O arcabouço histórico da pesquisa sobre a Amazônia retrata a história do descobrimento dessa região iniciada no século XV - XIX. Isso se fundamentará, a partir das

interações humanas ocorridas no local: a ocupação, a construção territorial na região e o uso humano de sua paisagem natural, fazendo com que ao abordar estes quatro elementos a tese em questão, torna-se um documento completo acerca região Amazônica da época.

4.3.5 Hilton Sette - Trajetória - Intelectual Espacial (1911-1997)

Nascido no final de julho da década de 10 do início daquele século XX, no centro do Recife, Hilton Sette tem sua trajetória-intelectual espacial ligada á história intelectual da cidade, sendo posteriormente um grande contribuinte desta. Filho de uma dona casa pernambucana e Mario Sette, um intelectual, educador, jornalista contratado dos Jornais Pequeno (1899-1955), Jornal do Recife (1886-1950), Da Província (1920-1950) (SETTE,1985). Contudo o maior destaque do pai de Hilton Sete era como escritor, sendo muito influente na cidade no início da década 1920 e 1930 por escrever os primeiros romances regionalistas *Senhora de Engenho (1921)*, *Palanquim Dourado (1922)* e traçar em suas crônicas memorialistas regionais nas obras *Maxambombas e Maracatus (1935)* e *Arruas (1948)*, um retrato geosocial do Recife do início do século como ratifica Mauro Motta (1981) .

É importante destacar a forte presença de Mario Sette nas rodas intelectuais de Gilberto Freyre, inclusive participe do Centro Regionalista do Nordeste e da Semana Regionalista (1926), sendo Freyre amigo presente na casa dos Sette. Com grande influência em toda sua trajetória, Hilton em suas memórias escritas em *História da Vida(1985)* e no segundo prefácio post-mortem da autobiografia de seu Mário Sette *Caminhos do Coração(1980)*, exalta a presença do seu pai:

Dentro do campo cultural, lar de escritor de província, o romancista e cronista Mário Sette, sempre voltado para as coisas do espírito e enriquecido pela presença de livros, muitos livros, quadros de boa pintura nas paredes e aparelho reproduzidor de música, desde o gramofone à vitrola ou rádio. Sem casa própria, andávamos com os trastes às costas em mudanças complicadas de Olinda para o Recife, para a Várzea, outra vez para Olinda, para o Espinheiro, num ziguezague incrível, ditado por circunstâncias as mais diversas.(SETTE,1980).

Além da forte influência paterna de cunho intelectual, também foi herdada a todos os descendentes da família Sette a sua tradição de amor à cidade. Por essas constantes mudanças que a família passou, Hilton até sua adolescência passa a conhecer muito bem a morfologia urbana da cidade e com ela companha o seu crescimento pelas áreas dos arrabaldes da zona

norte e oeste, como o bairro da Várzea (Figura 31) da cidade no início do século XX (SETTE,1985).

Figura 31 - Bondes na Estação da Várzea nos anos 1920



Fonte: Coleção de Foto de Elysis Belchior. Acessado no Blog de Francisco Miranda

Este conhecimento da cidade foi não só fundamental, para ser oficializado no seu primeiro emprego no concurso dos Telégrafos 1936, após a sua formação no Curso de Ciências Jurídicas na Faculdade do Recife no ano 1935, mas para exercer durante os períodos 1936-1948 a função de docente de geografia Geral e do Brasil nas mais diversas escolas do Recife; Vera Cruz, Nóbrega, São José, Carneiro Leão, a Escola Normal Pinto Junior e o Ginásio Pernambucano, este último sendo catedrático da disciplina, a partir da formulação da tese *Regiões Naturais de Pernambuco* (1946) (SETTE, 2020).

Por exercer uma ampla atividade como docente escolar, realiza durante os 1950-1960 se dedicou à construção de compêndios escolares, em parceria com colega Manuel Correia de Andrade, sobre as mais diversas áreas do conhecimento geográfico local e regional, tendo destaque nesse período; Introdução à Geografia, Geografia do Nordeste, Geografia dos Continentes, Geografia Regional e Geografia do Brasil para as três séries do antigo Curso Científico, Geografia e História de Pernambuco para o Curso Pedagógico e Geografia Geral e Geografia do Brasil para o atual Curso de Segundo Grau.

Além da experiência na docência escolar, o Prof. Hilton também se destacou no desenvolvimento na fundação das cátedras universitárias e na profusão das pesquisas da Geografia Pernambucana nos anos 1950. Em termos de docência universitária se destaca o ensino de Geografia Física na Faculdade de Filosofia Manuel da Nóbrega, hoje então

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) no início dos anos 1950, bem como o convite como professor assistente de Geografia Humana em 1962 junto ao professor Mário Lacerda de Melo, se tornando catedrático da mesma cadeira entre os 1965-1977, onde obteve a sua aposentadoria (NÓBREGA, 2019).

No aspecto das pesquisas realizadas, as suas contribuições de destaque foram 1950-1960, através das pesquisas de campo entre os estados da Paraíba, Pernambuco, Sul do Ceará e Sul de Alagoas junto aos colegas de Faculdade de Filosofia e da Cátedra de Geografia da UFPE, Mário Lacerda de Melo, Gilberto Osório, Manuel Correia de Andrade, Dárdano de Andrade Lima, José Heskett Lavareda e Tadeu Rocha, construir um conjunto de obras a respeito do desenvolvimento das cidades do interior pernambucana em seus aspectos físico e humano sendo estas obras; *Microrregião da Serra Negra (1952)*, *O Sítio Urbano de Garanhuns (1954)*, *Atividades Pesqueiras de Pernambuco (1959)*, *A Paisagem Física do Cabo de Santo Agostinho (1960)*, *O Nordeste através das Paisagens Pernambucanas (1965)*. Junto a estes colegas coordenou a fundação da seção regional de Geografia da AGB em Recife, sendo presidente desta em 1958.

Por fim, foi importante colaborador das disciplinas de Geomorfologia e Geografia Humana voltada para os primórdios da Pós-graduação de Geografia, constituída no final dos anos 1970, em parceria com os geógrafos franceses Francis Ruellen e Michel Rochefort. Parcerias importantes que incentivaram a internacionalização acadêmica do futuro alunado da época, como descreve em seu relato memorial da egressa Prof.ª Marisa Braga Sá (ANEXO C).

As contribuições para Geografia Pernambucana em Hilton além de inúmeras, o que marcou como os seus colegas, toda uma geração que deu continuidade à História da Geografia de Pernambuco, foi essencial por colocar a *Pernambucanidade*, como espírito filosófico herdado de seu pai, no fazer geográfico de suas obras, essas que se tornaram bases para o entendimento da história da cidade do Recife e da história espacial de outros municípios nos anos 1950-1970.

4.3.6 Tese – Estudo das Regiões Naturais de Pernambuco (1946)

Desenvolvida como um trabalho de tese, requisito obrigatório para o ingresso como professor do Ginásio Pernambucano no ano de 1946, o trabalho de Hilton Sette denominado de Estudo das Regiões Naturais de Pernambuco (1946), se deu como os outros trabalhos de seus colegas Mário Lacerda e Gilberto Osório em 1940, através de um trabalho de campo. No caso de Hilton Sette o trabalho de campo se deu no começo do ano de 1946, antes de início escolar anual, e teve como itinerário sair de Recife e ir até Petrolina descrevendo os aspectos físicos de quadro geográfico existentes em Pernambuco (Paisagens do Litoral ao Sertão) em termos hidrográficos, geomorfológico, fitográfico e climático, tendo por base as paradas entre os núcelos urbanos regionais interioranos; Caruaru, Pesqueira e Arcoverde e por fim Petrolina. A respeito da viagem Hilton Lacerda detalha em suas memórias:

A viagem, mal acomodada numa boleia grande de caminhão, abarrotado de mercadorias, durou dois dias e meio de ida e outros tantos de volta, com pernoites, respectivamente, em Caruaru e Serra Talhada, em Pamamirim e Arcoverde. Com apontamentos de observações, inquirições, diálogos com moradores que trouxe e, aplicando a teoria de Ricchieri, pude identificar a diversificação das paisagens e escrever Regiões Naturais de Pernambuco (SETTE, 2020).

O trabalho se divide nas seguintes partes; 1) O Território Pernambucano; 2) A Região do Litoral; 3) A Região da Mata; 4) A Região do Agreste; 5) O Sertão do Agreste. No primeiro tópico o autor trata sobre o aspecto da toponímia do estado e suas construções territoriais históricas, traçando ainda a sua localização em relação ao Brasil e ao Nordeste, destacando as características física gerais predominantes no Estado, e trazendo assim o um mapa hidrográfico, apontando os seus principais rios e suas confluências (Figura 32) (SETTE, 1946).

Figura 32 - Mapa do Estado de Pernambuco – Principais Rios do Estado 1946



Fonte. SETTE, Hilton. Estudo das Regiões Naturais de Pernambuco (1946)

Seguindo os tópicos seguintes é destacado no 2º Tópico Litoral a paisagem das Praias com destaque ao aspecto do povoamento e adensamento nessa localidade, bem como o mapa com os principais Acidentes Geográficos da Costa Pernambucana, sendo aspecto climático e geológico tendo também um destaque nessa parte do Trabalho. Na parte 3 é destacada a vegetação e o clima tem um destaque não tanto como questão econômica da produção de cana de açúcar no Estado, elemento econômico importante na história do estado e uma das marcas dessa sub-região. Nas duas últimas partes a questão climática e geológica, associada a caracterização da vegetação, tomam como ponto central do trabalho associado ao catálogo fotográfico exaltando a diversidade da flora vegetal da Caatingas, em período de chuvas (as fotos feitas em janeiros desse ano) e sua resiliência frente a geomorfologia depressiva, com alguns pontos cristalinos (*inselbergs*) no Sertão e geomorfologia planáltica em maior parte do Agreste, diferenciando os tipos de caatingas existentes nas duas sub-regiões, sendo o clima árido e seco o ponto em comum das realidades das zona interioranas, que tem como os brejos de altitudes oásis climático econômico já neste período (SETTE, 1946).

O trabalho predominantemente descritivo baseado nas metodologias de observação e catalogação, se utiliza da ideia predominante de regiões naturais do italiano Richarri. No entanto, as ideias regionais de uma divisão regional que incluem aspectos populacionais, sócio histórico advindas de geógrafos francês em suas obras, citando em parte da sua bibliográfica Brunhes com *La Géographie Humaine* (1929), Emmanuel Martonne em *Traité de La Geographie Physique* (1877), fontes comuns nas teses colegiais geradas no período como cita Manuel Correa (1987) e confirma Castilho (2017). Hilton ainda cita em seu trabalho os trabalhos regionais feito no período recente dentro do estado as teses de 1940 de Gilberto Osório e Mário Lacerda, especialmente esta última, por ser um dos primeiros retratos do estado no século XX junto a obra de Décio Lima Rabelo: *Pernambuco História de Uma Civilização* (1932) e se utiliza da leitura de Freyre para o capítulo 2 nas obras: *Nordestes - Aspectos sobre a Vida e Região da Cana sobre a Vida e Paisagem* (1937) e *Região e Tradição* (1940) onde ele ressalta aspectos do entendimento da Região da Mata Pernambucana, através da leitura da filosofia regional freyriana citada nessas seguintes obras, sem deixar de expressar sua também vivência nos engenhos da mata norte, onde sua família Sette era originária.

Dessa maneira, a tese com múltiplas influências regionais e marco de uma das primeiras divisões regionais do estado em que tem um enfoque de uma classificação natural e humana, sendo modelo para as obras de outros intelectuais como os agrônomos Vasconcelos Sobrinho em sua obra *As regiões naturais de Pernambuco, O meio e a civilização* (1949) e Dardando de

Andrade Lima *Estudos Fitográficos de Pernambuco* (1959), ambos encontravam com o Prof. Hilton Sette uma referência de geografia (LIMA, 2007).

4.3.7 Mauro Motta -Trajetória Intelectual Espacial (1911-1984)

Nascido no engenho Burarè, próximo à cidade então atual Nazaré da Mata, o Prof. Mauro Mota passou maior parte de sua infância e começo da juventude no engenho da família e de amigos, sendo um conhecedor profundo da área da Mata Pernambucana, ainda em pleno apogeu econômico, tendo muita influência em sua obra acadêmica e literária por colocar sempre elementos da cultura local (MOTTA, 1975). Essa vivência agrária interiorana, só atenua em sua formação quando passa a frequentar mais a cidade do Recife para terminar os estudos ginasiais e científico no colégio Salesiano no início dos anos 1920. Nesse período passa a ter contato com os jovens aspirantes a literatas e futuros companheiros de jornal como Álvaro Lins, João Condé no Diário da Manhã (1927-1950) e no Diário de Pernambuco (1825) e com os colegas intelectuais os prof. Amaro Quintas e prof. Gilberto Osório, em sua maioria terminaram, quase que conjuntamente com Motta, a sua formação como juristas na Faculdade de Direito do Recife em meados de 1930 (GUSTAVO, 2009).

Em contato com a Recife em pleno efervescência política e de acelerada mudança urbana se torna coordenador nos jornais em que trabalhou dos anos 1930-1950, dedicando-se especialmente aos suplementos literários, possibilitando a abertura de ascensão de novas gerações de jovens literatas a época como Carlos Pena Filho (1929-1960). É desse período também que se inicia as suas escritas literárias como poeta onde se destacam as obras; *Elegias* (1952); *A tecelã* (1956); *Os epitáfios* (1959); *O galo e o Catavento* (1962); *Canto ao meio* (1964); *Antologia poética* (1968), a primeira obra uma das mais famosas e uma das responsáveis por colocá-lo n.26 na Academia Pernambucana de Letras (APL) nos anos de 1970. Dessa obra *Elegias* (1952) destaca seu poema celebre *Boletim sentimental da guerra do Recife, narra o período de Guerra na cidade* um retrato sobre um Recifense e Pernambucano sobre seu sentimento frente a Segunda Guerra Mundial. Uma poesia simbolista e regional:

Meninas, tristes meninas,
de mão em mão hoje andais.
Sois autênticas heroínas
da guerra, sem ter rivais.
Lutastes na frente interna
com bravura e destemor.
À vitória aliada destes
o sangue do vosso amor.
Por recônditas feridas,
não ganhastes as medalhas,

terminadas as batalhas
de glórias incompreendidas.
Éreis tão boas pequenas.
Éreis pequenas tão boas!
De várias nuanças morenas,
ó filhas de Pernambuco,
da Paraíba e Alagoas.

(...)

MOTTA, Mauro. Fragmento de Boletim sentimental da guerra do Recife- Elegia Sentimental. 1952.

Além da ativa vida literária Mauro Motta também teve grande destaque como docente de Ciência Geográfica no estado de Pernambuco. Nos anos 1930-50 foi professor das Escola Normal e alguns colégio privados no Recife como o colégio que estudou a Escola Salesiano. Desse período destaca a sua primeira obra de cunho acadêmico a Tese para o Instituto de Educação de Pernambuco (1927-1972) denominada : Cajueiro Nordestino (1954), uma primeira tese acadêmica que mistura o regionalismo geográfico com metodologias iconográficas e literárias. Além de a docência escolar, exerceu a docência na academia nos anos 1960 até os 1980 na Cátedra de Geografia da UFPE lecionando nas cadeiras de Geografia Agrária e Geografia Humana (MOTTA,1985).

Durante o período de docência universitária Mauro Motta também exerceu uma série de Pesquisa para o desenvolvimento do estado de Pernambuco dentro da Instituto de Pesquisas Sociais da Fundaj sendo coordenador das pesquisas que de 1956 a 1970 em que projetaram alguns geógrafos, jovens a época como Raquel Caldas Lins e Manuel Correia de Andrade. Nesse período seus títulos de destaque foram: Paisagem das secas (1958) e Geografia literária (1961), esta última inaugurando uma área de estudo da geografia até então desconhecida nos estudos Geográficos na FUNDAJ (GUSTAVO,2009). Nessa mesma instituição participa como membro do Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco e da Fundação Joaquim Nabuco, sendo amigo pessoal do chefe da fundação Gilberto Freyre (GUSTAVO, 2009). Finalizando sua contribuição de pesquisa e de atuação política foi diretor do Arquivo Público de Pernambuco, de 1973 até 1983 e participe do Conselho Federal de Cultura de Pernambuco no período de 1956-1960, mandato do então Presidente Juscelino Kubitschek (ARQUIVO PÚBLICO,1983).

Dotado de múltiplas facetas e na *Pernambucanidade que ele serve a nação brasileira* como afirmaria Freyre em seu discurso de homenagem da posse na APL em 1970, sendo características comum e presente em grande parte de suas obras em que Mauro Motta se destaca, trazendo contribuições pertinentes a seu tempo e ao tempo presente (VILAÇA et al, 2011).

4.3.8 Tese - O Cajueiro Nordestino (1954)

Realizado por um vasto estudo de pesquisa de gabinete, através dos acervos da Fundaj e do Arquivo Público do estado e experiência por meio de entrevistas de campo ao longo das excursões pelo Nordeste entre os anos 1954 e 1955, a tese *O Cajueiro Nordestino* (1955), se tornou uma das primeiras obras locais a fazer uma interdisciplinaridade entre aspectos da análise geográfica clássica regional do período, analisando aspectos físicos comuns (hidrografia, relevo e clima) unidos aos humanos (econômica, história e demografia) através da história de um fruto de grande importância local e regional, correlacionado a formação territorial da região Nordeste aos longos do tempos. Além da moderna correlação para os métodos descritivos geográficos comuns, a maioria das teses regionais associação metodológica se tornou também um ponto inovador explorando aspectos metodológicas iconográficas complementares, incomuns às metodologias de história da época, associadas tradicionalmente às documentação de arquivo de jornal ou de atas jurídicas como cita Samara et al (2010), como uso de pinturas, gravuras, desenhos (Figura 33) músicas e poesias dentro da sua obra, dando um aspecto acadêmico transgressor ao período.

Figura 33 - Desenho de Thever (1558) - Parte da iconografia de *O Cajueiro Nordestino* (1954)



Fonte: MOTTA, Mauro. *O Cajueiro Nordestino* (1954). p 31

A respeito dessa conexão entre aspectos literários e geográficos Motta na sua obra *Geografia e Literatura*, posterior á tese, endossa (1961):

O geógrafo interfere nos elementos colhidos, faz confrontos, tira conclusões, enriquece o patrimônio científico. Mas só poderá consegui-lo com as suas leituras e observações anteriores, e a sua expressão formal. (MOTTA, 1961)

É com esse tipo de metodologia que Motta trabalha toda sua obra do *Cajueiro Nordeste* (1954) com intuito de trazer traçar o panorama cultural-florístico desse fruto. Dessa maneira subdividiu-se o trabalho em 15 capítulos sendo este dividido em grandes áreas temáticas, assim analisado nesse trabalho nos seguintes aspectos : 1) O Cajueiro enquanto elemento Histórico, contido nos seguintes capítulos : 1/- O cajueiro entre os indígenas; 2/- Origem; 10/- O cajueiro entre flamengos ; 2) O Cajueiro enquanto elemento econômico do Nordeste, contido nos seguintes capítulos : 5/-O caju ; 6/- Ainda o caju ; 7/- A castanha ; 8/- Outras utilidades ; 11/- O caju em móveis pernambucanos . 3) O Cajueiro enquanto elemento cultural, contido nos seguintes capítulos: 12/- Caju e castanha no folclore; 13/- Jogo de castanhas; 14/- O cajueiro na literatura. E por fim, o quarto e último grande quadro temático O Cajueiro enquanto Geografia nos seguintes capítulos: 3/- O cajueiro; 4/- Distribuição geográfica; 9/- A devastação; 15/- O cajueiro e a toponímia.

Ao se deter em analisar o último grande quadro que trata sobre os aspectos geográficos vemos nos capítulos; 3) O Cajueiro ; 4) Distribuição Geográfica a presença de uma geografia descritiva e na ideia de classificação e entendimento e seu objeto de estudo geográfico em termos de geografia física regional, se fazendo presente aqui as bibliografias citadas no trabalho de base dessa obra com uso da geografia francesa referenciada no autor Pierre Deffontaines em suas obras *L' Homme el la Foret (1936)* e *Geografia Humana do Brasil (1940)*, estas que são trabalho do autor com forte marca descritiva e acaba por ser marca procedimental escrita por muito tempo da geografia tradicional do país (CAMPOS, 2011). Com os capítulos sucessores ; 9) A devastação; 15/ O cajueiro e Toponímia se vê uma forte influência da geografia regional pernambucana citando todas as teses com as respectivas regionalizações de Lacerda e Osório (1940) e Hilton Sete (1946) bem como as regionalizações feitas por prima agrônomo de Vasconcelos Sobrinho (1949), se preocupando em citar a obra *Geografia da Fome (1946)* obra com regionalização voltada para crítica social do Nordeste, além do uso de 8 obras de Gilberto Freyre escritas entre 1933-1953, tendo aquelas de maior influência os ensaios ; *Aventura e Rotina : Sugestões de uma Viagem Procurando Constantes Portuguesas (1953)*; *A propósito dos Cajus (1949)*, e as obras *Açúcar(1939)* e os textos do livro *Manifesto regionalista (1952)*, onde ele exalta nessas passagem o aspecto de sua amplitude ecológica tratado por Freyre nesse

mesmo período da tese aqui analisada, e correlação entre a história do caju com as várias áreas da multidisciplinar, algo realizado desde do Centro Regionalista em 1923, este que não por acaso tinha o caju como fruta símbolo do Nordeste. Para expressar a correlação do objeto de estudo o Caju e sua presença na construção de um ambiente geográfico Nordestino no seu tempo e no espaço como ressalta Frederic (2013) o capítulo 13) Jogo de Castanhas Motta endossa:

O tempo do caju é também o do jogo de castanhas, importante acontecimento entre os meninos da região. (...) O tempo do caju coincide com o das férias escolares e isso quer dizer o crescimento da população dos parceiros. Deles ficam cheios, durante todo o dia, em cidades e vilas do interior, os pátios das igrejas e as calçadas sombreadas e de menor trânsito.” (MOTTA, 1954, p.107).

O Cajueiro Nordestino (1954) passou a ser uma das obras mais conhecidas do Prof. Motta tanto no âmbito acadêmico e literário, consolidando enquanto intelectual, mais do que isso um Nordestino que valoriza os seus símbolos, entendendo estes enquanto elementos primordiais da formação de seu povo.

4.4 REFLEXÕES ACERCA DAS FILOSOFIAS REGIONAIS NAS TESES, CARTOGRAFIAS E PESQUISAS NO PERÍODO PRÉ INSTITUCIONAL EM PERNAMBUCO (1930-1960).

Ao longo da realização desses trabalhos em específico nesse capítulo três, os problemas questões que circundavam em torno da questão do múltiplas influências de Regionalismos existentes do período escolhido 1930-1960, na História da Ciência Geografia feita em Pernambuco, geraram algumas reflexões a ser discutidas nesta parte do trabalho, e como parte da metodologia de abordagem regional elas serão aqui apresentadas como uma síntese do que foi analisado dos capítulos anteriores 2 e 3, sempre pontuando essa análise reflexiva como um instrumento de documentação de um período sócio-histórico do Brasil, e especialmente de Pernambuco.

Estas reflexões desenvolvidas acerca de um dos objetos de investigação da proposta nesse trabalho se dividem em dois aspectos: 1) Refletir acerca dos Regionalismo enquanto método de abordagem da Geografia desenvolvido nas matrizes geografia europeia, em especial na França, e aplicada em todo país, o que pode colocar assim a categoria de Região como uma categoria central não só para o desenvolvimento da Ciência Geografia Brasileira e Pernambucana até quase mais da metade do século XX, como para o entendimento do país enquanto nação e o Nordeste enquanto unidade espaço-identitária dentro do Brasil.2) Discutir a o entendimento da filosofia regional enquanto para o entendimento região, desenvolvimento através da leitura de Região baseada nos aspectos tradicionais, construída por Gilberto Freyre

ao longo de suas experiências com o regionalismo americano, e desenvolvido tanto no Movimento Regionalista (1926) e em que ele era o mentor, quanto nas suas obras posteriores nos anos 1930-1940, em especial, a obra *Nordeste: A Influência do Açúcar na Contribuição da Paisagem*(1937), *Região e Tradição* (1940) e o entendimento filosófico delineado na ideia região multifacetada cultural-ecológica e desenvolvida nos anos 1960-1970 na sua obra *Lusotropicalismo* (1965),sendo a segunda uma ideação de regionalismo reformulada através do amadurecimento intelectual de Freyre, trazendo assim uma reflexão de regionalismo mais contemporânea transdisciplinar e sistêmica . Dessa maneira, é possível entender que os conhecimentos científicos as definições não são algo estanques, e como o espaço estão sempre em movimento se aliando as ideias do seu tempo presente (Ricouer,1991).

Ao discutir o primeiro tópico é preciso entender como a Região enquanto categoria se passou a ser usada como abordagem de método. Para isso é preciso entender a ideia de Geografia Humana um dos seus principais precursores da geografia francesa, Paul Vidal de La Blache (1910). La Blache exalta que:

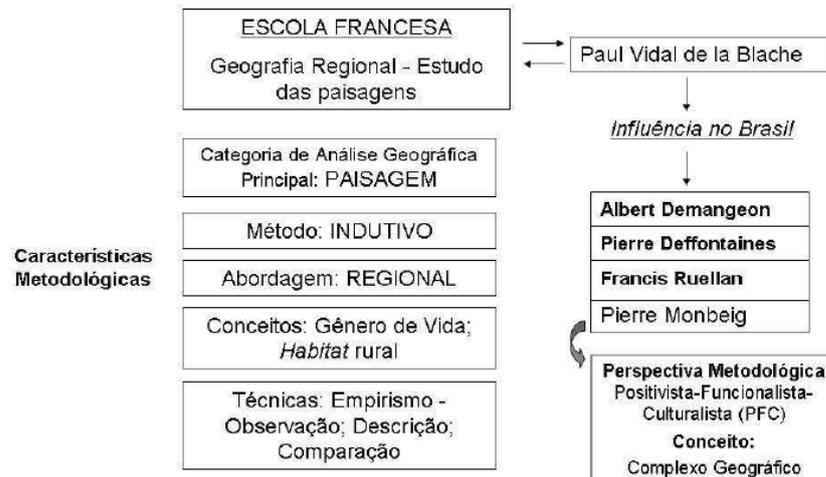
A geografia humana não se opõe, portanto, a uma geografia que não se preocupe com o elemento humano; aliás, tal ideia só poderá ter germinado no espírito de alguns especialistas intolerantes. Traz, porém, uma nova concepção das relações entre a Terra e o Homem, concepção sugerida por um conhecimento mais sintético das leis físicas que regem a nossa esfera e das relações entre os seres vivos que a povoam. (Vidal de La Blache, 1954, p.27).

Discorrendo ainda, a respeito da visão de La Blache acerca do objeto geográfico Pereira (1945) disserta que a geografia é por si análise da *paisagem natural* sendo um homem um agente transformador dela e transformando em *paisagem cultural*, sendo a melhor forma de método de trabalho para o geógrafo a observação, já que a paisagem é um cenário a ser sempre observado, e por fim transformado em síntese por esse geógrafo (ALVES, 2012). Outro aspecto muito importante, para o método de abordagem regional é a observação em campo. Segundo Ruellen (1943), O campo é o local de trabalho onde o geógrafo pode aliar observação e raciocínio lógico científico, sendo a síntese do processo indutivo, essencial ao desenvolvimento dessa abordagem (ALVES,2012). O geógrafo pernambucano Mario Lacerda de Mello em sua obra *Os estudos regionais e o papel das universidades* (1965) complementariam esse raciocínio endossando:

Porque, para o geógrafo, como já se tem dito, nada como *ir e ver*. Laboratório insubstituível para os estudos geográficos é a própria natureza, é o campo onde os fatos são surpreendidos e, observados diretamente e ao vivo. O *ir e ver* não é só o fundamento e o ponto de partida metodológico dos trabalhos de elaboração do geográfico. É também uma das formas, um dos meios auxiliares mais eficazes para o rendimento dos cursos. (Melo, 1955, p.73-74).

Fazendo-se uso das pesquisas de Flamarion Dutra Alves em sua tese de 2009 com o tema: *Trajectoria teórico-metodológica da geografia agrária brasileira: a produção em periódicos científicos de 1939-2009*, pode-se entender alguns elementos da abordagem metodológico-Teórico Francesa, através desse quadro sistemático (Figura 37).

Figura 34- Quadro Teorico-Methodologico da Geografia Francesa



Fonte: Alves (2010)

Dessa maneira, é de fácil compreensão a influência direta da Abordagem Regional Francesa através dos usos elementos do método indutivo, das metodologias de observação descrição e comparação. Há presença constante dos percursores do método Regional na França, nas teses regionais para ingresso dos colégios em Pernambuco ao longo de 1940-1960, com destaque para Jean Brunhes com a referência nessas teses da obra *La Geographie Humaine (1929)*, Camille Valleux, discípulo direto de Paul Vidal de Lablache este implementador pioneiro desta abordagem na França no início do século XIX, com referência nessas teses da obra *Geographie Sociale de La Mer (1931)*.

Além das obras dos clássicos autores franceses do século XIX, a maioria predominante das citações sobre a abordagem regional vem das obras do autor fundador da cátedra paulista o francês Pierre Deffontaines. Das obras citadas deste autor nas teses colegiais, especialmente as escolhidas nesse trabalho, feita por Lacerda (1940), Osório (1940), Sette (1946) e Motta (1954) são destaque a obra *Problemes de La Geographie Humaine (1938)*, *Geographie Politic et Geographie du Travail (1931)* estas em parceria também Brunhenes, e *Geografia Humana do Brasil(1940)* uma das primeiras obras desenvolvidas sobre a geografia brasileira usando-se todos os elementos da abordagem regional para falar sobre suas constituição territorial.

Além da ligação direta com as obras dos professores Franceses, as inúmeras excursões de campo, realizadas junto aos institutos locais (IAGH-PE, IES-FUNDAJ) e cátedras dos liceus da Escola Normal, Ginásio Pernambucano e Instituto de Educação, Faculdade Manuel da Nobrega (atual UNICAP), Faculdade das Dorotéias (1949) tiveram como objetivo transformar as observações do alunado e dos professores catedráticos e pesquisadores convidados em teses sínteses regionais ou em mapas cartográficos. Como exemplo dessas teses sínteses regionais se destacam as monografias de campo; Gilberto Osório - *A Serra Negra: Uma relíquia Geomórfica e Hidrófitados Tabuleiros Pernambucanos* (1954), *Itamaracá: Contribuições para um estudo Geomórfico da Costa* (1954), de Mario Lacerda de Melo - *Paisagens do Nordeste em Pernambuco e Paraíba* (1958), de Hilton Sette - *Micro-região da Serra Negra* (1952), *Atividades Pesqueiras de Pernambuco* (1959), *A Paisagem Física do Cabo de Santo Agostinho* (1960), de Mauro Motta - *Paisagem da seca* (1958), e por fim a contribuição coletiva que contou com a participação de Manuel Correia e Raquel Caldas Lins no compêndio *Os Rios do Açúcar Oriental e Ocidental* (1957-1959).

Como monografias urbanas, modalidade dentro das monografia regionais comuns no período de consolidação das cátedras de geografia do período (1930-1960) como confirma Abreu (2011), com influência dos trabalhos pioneiros do geógrafo também francês Pierre Monbeige sobre a cidade de São Paulo (1940), destacam-se as seguintes monografias dos autores Pernambucanos; de Gilberto Osório - *A Cólera Morbo: Um momento crítico na história da medicina em Recife* (1956), de Mario Lacerda de Mello - *Tipos de localização de cidades em Pernambuco* (1959), *Migrações Internas Para o Recife* (1961), de Hilton Sette - *O Sítio Urbano de Garanhuns* (1954); de Raquel Caldas Lins; *Cidades Gasolina 1956*.

Por fim, destacam como produtos cartográficos regionais do período os mapas desenvolvidos por Mario Lacerda em sua tese de 1940 Hilton Sette na sua tese de 1946 e posteriormente nos trabalhos dos agrônomos Vasconcelos Sobrinho *O meio e a civilização* (1949) e Dardando de Andrade Lima *Estudos Fitográficos de Pernambuco* (1959). Entende-se assim que os trabalhos de abordagens regionais desenvolvidos na geografia pré-institucional no estado de Pernambuco, passaram por influência direta da Abordagem Regional, auxiliando na construção científica da história do estado bem como de toda geografia da região Nordeste.

Entretanto, não só do regionalismo francês clássico, os trabalhos geográficos do período tiveram influência direta. Entendendo que como o método de aplicação de análise Contextual de Berloey (2011), este mesmo aplicado ao longo dos três capítulos do presente trabalho se somando como parte dos métodos contemporâneos do estudo socioespacial da História da

Ciência Geográfica como acentua Ribeiro et al (2020), em específico no entendimento dos pressupostos 1) e 5), que afirmam que os sistemas de formação de conhecimento são estruturados em forma de pensamentos e continuidade das ideias e que para entendê-los e necessário não dissociá-los do ciclo de afinidade intelectual existente do período.

Partindo desta reflexão e entendendo que parte dos geógrafos do período ou estavam dentro do ciclo íntimo de amizade e intelectualidade de Gilberto Freyre, como Mauro Motta e Gilberto Osório (Figura 38), ou do ciclo de trabalho do mesmo, como geógrafos Mario Lacerda de Melo e Hilton Sette contratados IES-FUNDAJ.

Figura 35 - Gilberto Osório e Gilberto Freyre em Boa Viagem com Lula Cardozo Aires.



Amigos e compadres, os dois Gilbertos - Osório e Freyre – fazem pose artística, na casa de João Cardoso Ayres, em Boa Viagem.

Fonte: RIVAS, 2001.

Dessa forma, é notável a influência com as ideias regionais dos livros publicados de Gilberto Freyre no período (1930-1960) auge também de sua produção acadêmica sociológica e histórica com os clássicos; *Casa-Grande e Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1935), *Nordestes: A História do Açúcar na Paisagem de Pernambuco* (1937), *Açúcar* (1939) *Região e Tradição* (1940) e os textos do manifesto regionalista no livro *Manifesto regionalista* (1952). Nesse período o regionalismo de Freyre é apoiado na filosofia regional ligadas às ideias de

tradicionalismo e do federalismo americano, onde o ufanismo local e exaltação de Pernambuco enquanto centro dessa fundante do Nordeste se fazia fundamental. Neste período a ideia de categoria geográfica de região tem por sua ideação advinda das leituras de Sauer (1925) e Camille de Valleux (1931), sendo uma junção de região natural francesa clássica com região produto econômico (AZEVEDO, 1959).

Dessa filosofia regionalista enquanto preservação única das tradições e exaltação ufanista do *locus* pernambucano junto às ideias de categoria de região franco-americanas, se vê contidas diretamente nas primeiras teses de Mello (1940) e Osório (1940), modernas de cunho científicas, como endossa Tadeu (1965) e Correa (1995), e na tese de Sette (1946) que possuem um entendimento de região semelhante a região freyriana nesse período, bem como uso de termos hermenêuticos, em Ricouer (1987) de expressões associadas a essa concepção inicial de Região (1930-1940) como; *pernambucanidade, singularidade, tradição, cultura*. Posteriormente, nos estudos sobre ecologia, contido inicialmente em *Nordestes: A História do Açúcar na Paisagem de Pernambuco (1937)*, e no entendimento de ideia dos termos de *Tropicalidade, Tropicalismo* inseridos no ano 1960 no livro *Lusotropicalismo (1965)* Gilberto passa ter uma visão mais transdisciplinar da categoria de região de sociocultural e econômica. Possibilitou-se assim, na segunda fase do seu regionalismo cultural, a introdução pioneira nos trabalhos científicos do Nordeste, as divisões regionais baseadas no fator sociocultural do espaço, sendo identificado especialmente nos trabalhos entre os anos 1950-1960 em especial na tese de Motta (1954) onde sua ideia de região como categoria síntese passa pelo viés ecológico, multidisciplinar da segunda fase regionalista de Freyre, onde os termos usados para associar a ideação dessa Região são *sempre folclore, telúrico, iconológico, social, humanismo, transdisciplinar*.

Dessa maneira, enquanto intelectual e desenvolvedor de ideias, sendo sujeito do seu passado, este que nunca está morto sendo fonte de inspiração contínua para o tempo futuro como pontua Arendt (1979), e produtor do seu tempo, Freyre vai sendo influenciado pelas mudanças através das novas leituras geográficas de seu tempo, sendo ponte de influência e influenciador das teses regionais e dos trabalhos desenvolvidos em específicos no seu instituto (IES-FUNDAJ) e se fazendo presente nos mapas regionais em especial que possui as regionalizações voltadas para subdivisões em zona ecológica e culturais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação da consolidação e dinâmica do conhecimento acadêmico, perpassa necessariamente pelo entendimento do período histórico em que ele foi constituído e sedimentado. Deste modo, tendo a Ciência Geográfica consolidada em meados do século XIX e sua sedimentação universitária e expansão científica no início do século XX, fica contundente a íntima relação dessa Ciência com a situação geográfica do século XX em questão. Entre as décadas de 1930 e 1960 não só a metodologia científica avançou, mas os estados-nação começam a utilizá-la como estratégia de expansão econômica e política. Tanto para as ciências naturais e humanas, quanto para os governos do período do conhecimento e identificação, caracterização das áreas que tornou-se fundamental para a expansão econômica e consolidação das identidades nacionais e regionais, sejam culturais, sejam econômicas.

Parte de destaque econômico e cultural do Brasil ao longo de todo período colonial, Pernambuco também sentiu as mudanças políticas e sociais do período, e tentou assim recuperar seu prestígio nacional e de sua Região a partir do investimento cultural e artístico do lugar. Dessa maneira, as ideias de Região em Freyre, iniciadas a partir do centro regionalista 1923, advindas de influência intelectuais europeia e americanas de 1920, tendo seu auge ao longo da Semana Regionalista de 1926 e continuando a influenciar todo o desenvolvimento cultural, intelectual e científico ao longo do século XX, com as ideias de filosofia regionalista tradicional, baseando-se na ideia de região síntese natural e econômica. Com passar do tempo, e produto da transição do Brasil rural para urbano de 1950-1960, o regionalismo tradicionalista em Freyre torna-se um regionalismo transdisciplinar e humanismo onde a região como categoria de análise passa a ser a região cultural e humana.

Dessa maneira, o que se aprendeu de maneira conclusiva e que a Geografia feita em Pernambuco (1930-1960), para a ser uma fusão do uso da abordagem metodológica regional europeia, em especial francesa, através do uso de técnicas descritivo comparativas e de análise observação de trabalho de campo *ou dos fieldworks* como tratava Gilberto Freyre e das filosofias regionalista de Freyre em dois momentos; no regionalismo tradicionalista (1930-1940) e no regionalismo cultural (1950-1960). Dessa amálgama, se constitui o arcabouço científico para os consolidação e insultos de pesquisa (IAHG-PE, IES-FUNDAJ, IBGE-PE), para os mapeamento regional e para as teses modernas, modernas no sentido de serem as primeiras teses a se usar métodos e metodologia modernas estatísticas e demográficas, bem como a ida a campos aplicadas para concurso das cátedras escolares na cidade do Recife. Estas que se subdividiram em quatro pilares científicos e em quatro professores, sendo a tese; de Mario

Lacerda com – Pernambuco Traços de sua Geografia Humana (1940); de Gilberto Osório - Um Complexo Antropogeográfico Para O Lineamento para uma Geografia Total da Amazônia (1940), de Hilton Lacerda -Paisagem Natural de Pernambuco (1946) e por último de Mauro Motta (1954) o Cajueiro: Nordeste.

O período áureo da abordagem regional no país, auxiliou sobremaneira o entendimento mais profundo de seu povo a sua própria história, principalmente na investigação do geográfico, possibilitando também o conhecimento do nordestino e do pernambucano sobre seu próprio espaço, sendo isto possível a partir do entendimento de sua própria produção. Põem-se assim, o entendimento da História da Geografia feita em Pernambuco, como uma fonte contínua de resgate para gerações futuras, especialmente na tentativa de entender a continuidade dessa história nos 1963-2000 , época em o Departamento de Ciências Geográficas da UFPE se consolidou tanto no cenário nacional quanto internacional, procurando entender também quais influências regionais houve neste período. Coloca-se assim o História da Ciência Geográfica feita em Pernambuco com os seus feitos como pertinentes ao entendimento da história das ciências feitas no Brasil, em especial na região Nordeste.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ed. São Paulo : Cortez: 2011
- ALMEIDA, Robert Schimdt de. **A Geografia e os geógrafos do IBGE no período 1938-1998**. Tese de doutoramento. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000. 634 p. 2v.
- ALVES. Flamarion Dutra. **O pensamento francês na geografia rural do Brasil**. Confins 16 | 2012, posto online no dia 02 novembro 2012, consultado o 02 dezembro 2020.
- _____. **“Trajetória teórico-metodológica da geografia agrária brasileira: produção em periódicos científicos de 1939-2009”**, Tese de doutorado (Doutorado em Geografia) –Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista – Campus Rio Claro, Rio Claro, 2010.
- ANDRADE. Gilberto Osório de. **Um Complexo Antropogeográfico -Lineamentos para uma Geografia Total da Amazônia**. Tese do Concurso para Provimento da 1ª cadeira do Ginásio Pernambucano.Recife,1940.
- ANDRADE, Mario de. *Cartas de Mário de Andrade a Luiz Câmara Cascudo*. Belo Horizonte :Villa Rica,1991.
- ANDRADE, M. C. **A construção da geografia brasileira**, *Finisterra*, Lisboa, XXXIV, 67-68, p.21-30, 1999.
- _____. **A geografia no contexto das ciências sociais em Pernambuco**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 22, n. 65, p. 9-15, 2007.
- _____. **Josué de Castro e Uma Geografia Combatente**. In: CASTRO, Anna Maria (org) .*Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro*. Petrópolis, RJ;Vozes,1983.p 142-144.
- _____. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.
- _____. **Pernambuco Imortal**, vol 2.2000.
- _____. Pierre Monbeig e o pensamento geográfico no Brasil. 1994, p. 65.
- ANSELMO, R. C. M.S. Geografia e Geopolítica na formação nacional brasileira: Everardo Adolpho Backheuser**. In: Gerardi, L.H. de O. ; Mendes, I.A.. (Org.). *Do natural, do Social e de suas Interações: Visões Geográficas*. 1ed.Rio Claro - SP: Programa de Pós - Graduação em Geografia UNESP/ AGETEO, 2002, v. , p. 109-119
- _____. **A formação nacional brasileira na ótica de Everardo Backheuser**. In: Andrade, M.C. de ; Fernandes, E.M. ; Cavalcanti, S.M.. (Org.). *Além do apenas moderno: Brasil Séc. XIX e XX*. 1ed.Recife - PE: Fundação Joaquim Nabuco / Ed. Massangana, 2001,

v. , p. 247-253.

ANTONIO FILHO, Fadel David. **O pensamento geográfico de Euclides da Cunha: uma avaliação.** 1990. 272F. Dissertação (Mestrado em geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia.** 3a ed. São Paulo: Moderna, 2009. p. 222.

ARAÚJO, André de Melo. **A atualidade do acontecer: O projeto dialógico e mediação na hermenêutica de Hans-Georg Gadamer.** São Paulo: Humanitas, 2008, 240pp.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro.* [Trad: Mauro W. Barbosa]. 5a. Ed. São Paulo: Perspectiva. 1979. pp. 43-68 (Cap. 1 "A Tradição e a Época Moderna").

AZEVEDO, Aroldo. **A Obra de Gilberto Freyre a Luz da Geografia.** Crítica. São Paulo, 1959.

BARRETO, Ângela Maranhão. **O Recife através dos Tempos: formação da sua paisagem.** FUNDARPE - Recife, 1994.

BARROS, José d'Assunção. **Teoria da História, vol. V. A História dos Annales e a Nova História.** Petrópolis: Vozes, 2011, 411p.

BARROS, S. **A década 20 em Pernambuco.** Rio de Janeiro: [s./n.], 1972.

BERDOULAY, Vincent. "A abordagem contextual". Espaço e Cultura, n. 16, pp. 47-53. 2003.

_____. **La formation de l'école française de géographie (1870-1914)**, Paris, CTHS, 1981.

BEZERRA, Milka Lopes. **PENSAR REGIÕES E RELEVOS: O PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE GILBERTO DE OSÓRIO DE ANDRADE EM 1940.** PIBIC/Cnpq.2020

BERNADET, Jean-Claude. "Origem da Utopia". Folha de S. Paulo, Folhetim, 1982.

BLALEY, Geoffrey. BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do século XX.** Versão brasileira da editora - 21 a edição - São Paulo, SP: Editora Fundamento Educacional, 2010.

BOMFIM, Manoel. **Brasil Nação: realidade da soberania nacional 2 ed.-** Rio de Janeiro: Topbooks 1996.

BORIS, Fausto. **Getúlio Vargas: O poder e o sorriso,** Companhia das Letras, 2006.

_____. **Brasil, de colônia a democracia,** Alianza, 1995.

BOTELHO, André. **Passado e Futuro das Interpretações das Nações.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 22, n. 1.2010

BOWMAN, Isaiah. **Le Monde Nouveau**. Tableau Général de Géographie Politique Universelle. Paris: Boulevard St-Germain. 1928

BRAUDEL, Fernand. **A travers un continent d'histoire: le Brésil** et l'oeuvre de Gilberto Freyre. Mélanges d'histoire social, Paris, v.4, p.3-30. 1943.

BRUNHES, Jean. **Geografia humana. 1ª edição brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962.

_____. **La Geographie Humanie**. Libr. Felix, Alcan, Paris (1929).

_____. et Camille Vallex. **La Geographie de la Historie**. Libr. Felix Alc, Paris.

_____. et Pierre Deffontaine. **Geographia Politic et Geographia du Travail (1931)**. Blond & Gay, Paris, 1938.

BURKE, Peter. **Gilberto Freyre e a nova história**. Tempo Social. São Paulo, v.9, n.2, p.1-12, out. 1997.

CABRAL, SERGIO. **Falando de samba e de bambas**. In: **História da música popular brasileira** (Fascículo Bide, Marçal e Paulo da Portela). Abril Cultural, 1984, p. 2

CAIRE-JABINET, M.-P. **Introdução à historiografia**. Bauru: Edusc, 2003.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. Senac São Paulo; Edição: 2, 2008.

CAMPOS, Rui Ribeiro. **Breve Histórico do Pensamento geográfico Brasileiro no século XX**. editora : Paco, São Paulo, 2011

CARDOSO, Irene. **A universidade da comunhão paulista**. São Paulo, Autores Associados/Cortez. 1982

CARDOSO, Luciene P. Carris. **O lugar da geografia brasileira: A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro entre 1883 e 1945**. São Paulo: Annablume, 2013. 240p

Cardoso, Luciene. P. Carris « **O IBGE através de seus geógrafos** », Terra Brasilis (Nova Série) [Online], 3 | 2014, Online since 27 August 2014, connection on 07 February 2020. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1023>

CAPEL, Horacio. **Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea. Una introducción a la Geografía**. (Nova edição ampliada). Barcelona: Ediciones del Serbal, 2012. 477 p.

CASTILHO, C. J. M. de. Jean Brunhes: **A atualidade de um geógrafo do início do século XX** | Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, V. 06, N. 01, 2017 (253-272)

CASTRO. Josué de. **Geografia da Fome**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. DIAS, Silvana Moreli Vicente. **Cartas Provincianas – correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira**. 1ed. São Paulo. Global. 2017.

CATANNI, Iclea et al. **Arte Moderna no Brasil: Constituição e Desenvolvimento nas Artes Visuais (1900-1950)**. São Paulo, 2011

CHANEY, Lisa (2011). **Chanel: An Intimate Life**. London: Fig Tree. p. 18.

CHARLE, Christophe & VERGER, Jacques. (1996) **História das universidades**. São Paulo, Editora da UNESP.

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Trad. Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta; Florianópolis: Ed.2º da UFSC, 2014. 406 p.

CLAVAL, P. **História da Geografia**. Trad. José Braga Costa ;Lisboa /Portal : Editora 70.2015.140p.

CUNHA, Euclides da. **Canudos: Diário de uma Expedição. 2ª ed.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

CUNHA, Luiz Antônio. (1986) **A universidade temporã; da colônia à era de Vargas**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S.A.

D'ANDREA, Moema Selma. **A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista**. Campinas: Ed.Unicamp, 1992.

DEFFONTAINES, Pierre. **Geografia Humana do Brasil**, Revista Brasileira de Geografia nI, II e III, ano 1 1938.

_____. **L Homme et la Forest**. Lib Gilliard .Paris,1933

DIMAS, Antonio. **Um manifesto guloso. Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural**. Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº 2, 2004, p. 7-24.

DEMPSEY , Amy. **Estilos, escolas e movimentos: Guia enciclopédico da arte moderna**. Tradução: **Carlos Eugênio Marcondes de Moura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

FERREIRA, Delgado et al. **O tempo do nacional-estatismo-do início da década de 30 ao apogeu do estado novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste- Aspectos da Influência sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil**. 7 ed.rev- São Paulo :Global,2004

_____. **A Respeito dos Cajus** . Revista o Cruzeiro.5..11.1949

_____. **G. Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. 5ed. São Paulo :Global. 2007.

_____. **Interpretação do Brasil**. Tradução de Olívio Montenegro. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1947

_____. **Manifesto Regionalista**. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

_____. **Novo mundo nos trópicos**. Rio de Janeiro: Topbooks. 2000

_____. F. de M. **O movimento Regionalista e Tradicionalista e a Seu Modo Também Modernista** - Algumas Considerações. Ci. & Tróp., Recife, v. 5, n. 2, p. 175-188, 1977.

_____. **Ordem e Progresso**. 6 ed. revista, São paulo, Global, 2004.

_____. Gilberto. **Tempo de Aprendiz: artigos publicados em jornais de adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926)**. 2 ed- São Paulo :Global, 2016

_____. Gilberto. **Tempo Morto e outros tempos: trechos do diário de adolescência da primeira mocidade (1915-1930)** . São Paulo :Global, 2006.

FONSECA, Edson Nery . **Gilberto Freyre A Província do Phdeísmo Carioca. Ci & Trop.** Recife, v.20, n.2, p.309-316, jul.-dez., 1992

GABAGLIA, Fernando A. **Raja. Practicas de Geographia .Riod e Janeiro:** Livraria Francisco Alves, 1930.

GADAMER, Hans Georg. **Hermenêutica em retrospectiva – vol. II – A virada hermenêutica;** tradução de Marco Antonio Casa Nova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GASPAR, Lúcia. **Mário Lacerda de Melo. Pesquisa Escolar Online,** Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/>>. 2017

GIDDENS, Anthony (1991). **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Ed. UNESP.

GOMES. Ângela de Castro. **Em Família – a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Mercado das Letras** . Campina : SP. 2005.

_____, Ângela de Castro. **Reflexões sobre a educação: notas de um debate.** Fundamentos para o ensino de geografia, seleção de textos. São Paulo: se/cenp, 1989.

GOMES, Daniel Mendes. **A geografia ensinada: mudanças e continuidades do conhecimento geográfico escolar (1960 - 1989).** Dissertação de mestrado. PUC/SP. São Paulo, 2010

GOMES. Gerlane Barros. **PENSAR REGIÕES E RELEVOS: O PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE GILBERTO DE OSÓRIO DE ANDRADE EM 1940.** Pibic/Cnpq. 2020

GORENDER, Jacob. **Escravidão Colonial.** São Paulo: Ática, 1978

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, n.1, p. 5-27, 1988

GUY, Macier . **A região e o Estado segundo Friedrich Ratzel e Paul Vidal de la Blache. GEOgraphia** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense Rua Gal. Milton Tavares, s/n, sala 508, Boa Viagem - Niterói - RJ, CEP 24210-346. V.11, n. 22. 2009

HANDELMANN, Henrique. **História do Brasil.** Tradução: Instituto Historio Geográfico e Geográfico Brasileiro, 1931 RIHB, N°108.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Acervo Fundação Biblioteca Digital (1920-1929)**. Jornais de Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Acessado em 2020.

_____. **Acervo Fundação Biblioteca Digital (1930-1939)**. Jornais de Pernambuco. Acessado em 2020.

----- **Acervo Fundação Biblioteca Digital (1940-1949)**. Jornais de Pernambuco. Acessado em 2020.

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIRO (IEB). **Acervo Mário de Andrade. Acessado em Dezembro 2019.**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Vultos da Geografia do Brasil**, Rio de Janeiro, 1940a, 23p. (coletânea das ilustrações publicadas na RBG).

_____. **Vultos da Geografia do Brasil**, Rio de Janeiro, 1942, 47p. (coletânea das ilustrações publicadas na RBG – edição especial comemorativa do batismo cultural de Goiânia).

_____. **Exposição Nacional dos Mapas Municipais**, Rio de Janeiro, 1940b, 62p.

_____. **O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a Educação: elucidário apresentado à Primeira Conferência Nacional de Educação**, Rio de Janeiro, 1941, 2v. v.1- 847p., v.2-382p.

INOJOSA, Joaquim. **O Movimento Modernista em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Tupy, 1968, 1v.

_____. **José Américo de Almeida – Algumas Cartas**. Rio de Janeiro. Gráf. Olímpica Editora, 1980, 50p.

_____. **A Arte Moderna**. Edição Fac-Similar. Rio de Janeiro. Livraria Editora Cátedra, 1984, 104p.

IUMATTI, Paulo. **Caio Prado Jr.: uma trajetória intelectual**. São Paulo: Brasiliense, 2007
LABORATÓRIO TÓPOGRAFICO DE PERNAMBUCO (LOBOPE). Acervo 1930-1950. Acessado em 2020.

LEBVRE, Lucien. **A Terra e a Evolução Humana. Introdução Geográfica à História**. 2ª ed. Lisboa: Cosmos (1991 [1922]).

LEOCIONI, Sandra (1999). **Região e Geografia**. SP: EdUSP, 2. ed.

LE GOFF, J. **As mentalidades: uma história ambígua**. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.) **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 68-83 [original: 1974].

LIMA, Dardano de Andrade Lima. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica, Recife**, vol. 4, p.243-274, 2007.

MACHADO, Lia Osório. **Origens do pensamento geográfico no Brasil : meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem 1870-1930**. In: CASTRO, Iná E., GOMES, Paulo C. C., CORRÊA, Roberto L. **Geografia : conceitos e temas**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1995. p. 309-353.

_____. **Emplacement of Ideas: the development of geographical thought in Brazil in the early 20th century**, *Finisterra*, XXXIII, 65, 1998, p.195-207.

MACHADO, Monica Sampaio. **A construção da Geografia Universitária no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro** :Apicuri, 2009. 232 p.

_____. Monica Sampaio. **A trajetória espacial e intelectual de Ruy Moreira e sua contribuição à geografia brasileira**. *Geo. UERJ*, Rio de Janeiro, n. 35, e44401, 2019 | doi: 10.12957/geouerj.2019.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARTONNE, Emmanuel de. da. **Trate de Geographie Phisic.**, Paris. 1877

MASCARO. Luciana Pelaes. **Publicacao do Departamento de Historia e Geografia Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Serido – Campus de Caico**. V. 05. N. 10, abr./jun. de 2004. – Semestral ISSN -1518-3394

MEDEIROS, Amaury de. **Não Esmorecer para não desmerecer. Recife - Inspetoria de Estatística** , Propaganda e Educação Sanitaria, 1925. p15-17.

MENDES. Luciana Cavalcanti. **Diários Fotográficos de Bicicleta em Pernambuco: os irmãos Ulysses e Gilberto Freyre na documentação de cidades na década de 1920** .Revista da ANPUR -São Paulo, 2017 .

MENEZES, José Luís da Mota. **Atlas Histórico Cartográfico do Recife. (1988).URB – Recife**, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.

MELO, Mário Lacerda de . **Pernambuco: Traços de Um Geografia Humana. Tese do Concurso para Provimento da 2ª cadeira do Ginásio Pernambucano**. Recife, 1940 -----
-----.“Os estudos regionais e o papel das universidades”, *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, v.20, p.56-75, jul. 1955.

MONBEIG, Pierre. **Ensaio de geografia humana brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

MONTEIRO, CARLOS. A. F. . **A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências**. Série Teses e Monografias, p. 01-158, 1980.

MOREIRA, R.. **Formação espacial brasileira - uma contribuição crítica à geografia do Brasil**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2012. v. 1. 334p

MOREIRA, Igor. **O Espaço geográfico**. 38ed. São Paulo: Ática, 1988 MOTTA, Mauro. *Itinerário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

_____. **O cajueiro nordestino**. Tese para o Candidato para o Instituto de Educação de Pernambuco. Recife. 1954 _____ . **O cajueiro nordestino** 3. ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2004.

MOTTA, TEREZA. **DEPOIMENTOS /comunicação pessoal**. Recife, março, 2011

MUNFFORD, Lewis. **A cidade na História**. 1988

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco**. Recife: Imprensa Universitaria, 1982, p 171.

NOVAIS, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil . Vol. 3 : Da Belle Époque 1ª era do Rádio. :** Companhia das Letras . São Paulo, 1998.

OLIVA, Terezinha Alves de. **O Pensamento Geográfico de Manoel Bonfim.1998**. 198f. Tese (Doutorado em geografia. Instituto de Geociências e Ciências Exatas ,UNESP, Rio Claro.

OLIVEIRA, G. R. P. L. **O movimento modernista em Pernambuco: A correspondência entre Joaquim Inojosa e José Américo de Almeida (1966-1968)**. *Imburana* – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 6, jul./dez. 2012.

OLIVEIRA, Valdemar. **Mundo submerso, 3.ed**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1985.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

PASINI, Leone. **O Poema fora do livro: Joaquim Inojosa, Manuel Bandeira e Benedito Monteiro no Modernismo Pernambucano**. .ALEA | Rio de Janeiro | vol. 20/3 | p. 179-200 | set-dez. 2018

POUILLION, Jean **“Maitres et esclaves. Lês Temps Moderns**, Paris : 90 -mai 1953.

PORTO, Costa. **Os Tempos de Lima Cavalcanti. Secretaria de Educação de Pernambuco**, Recife, 1977

PEREIRA José Veríssimo da Costa, **“A propósito da evolução, conceito e método da geografia”**, *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, v.2, n.22, p. 1477-1481, 1945.

PERISSINOTTO, Renato M. **Classes dominantes e hegemonia na República Velha. 1. ed**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia. 7º. ed**. São Paulo: Companhia das Letras 2011.

SOUZA, J. 2000. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília: Ed. UnB.

SANTOS, JH. **Existentes, mas não cidadãos: o status jurídico dos judeus no Brasil Holandês (1630- 1654)**. In LEWIN, H., coord. *Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. pp. 47-67. ISBN: 978-85-7982-016-8. Available from SciELO Books .

SANTOS, Robson. **Cultura e tradição em Gilberto Freyre: esboço de interpretação do Manifesto regionalista Sociedade e Cultura, vol. 14**, núm. 2, julho-diciembre, 2011, pp. 399-408 .Universidade Federal de Goiás Goiania, Brasil

SODRÉ, Nelson Werneck. **Quem é o povo no Brasil? In: Coleção Cadernos do povo brasileiro, n.02**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1962.

RABELO, Decio de Lima. **Pernambuco História de Uma Civilização.**1932

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO. **Recife**, v. 37-38, n. 39-40, 1983-1984. Edição especial em homenagem a Mauro Mota.

REZENDE, A. P. M. **Desencantos modernos: história da cidade do Recife nos anos 1920.** 2. ed. Recife: Editora da UFPE, 2016. 258p

RÊGO. Maria Sette Melo. **Apontamento sobre Hilton Sette. (in memorian), enviado por sua neta Paula Melo Rêgo Barros, especialmente para o Pesquisa Escolar Online**, em junho de 2011.

RIBEIRO, Guilherme.. Fernand Braudel, **geohistória e longa duração: críticas e virtudes de um projeto historiográfico.** 1. ed. São Paulo: Annablume, 2017. 211p .

RIBEIRO et al. **Centro de cálculo, redes de circulação e história da geografia: o caso da Revista Brasileira de Geografia do IBGE (1939-1996)** », Confins [En ligne], 45 |2020:<http://journals.openedition.org/confins/28356> ; DOI .

RICOEUR, Paul .Tempo e Narrativa 1. **A intriga da Narrativa Histórica.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 1991.

_____, **Teoria da Interpretação.** Lisboa: Ed. 70, 1987.

RIVASLÊDA. **Gilberto Osório Um Homem de Renascimento.** Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco. Recife, 2001

ROCHA, Tadeu. **Modernismo & Regionalismo.** 2 ed. Maceió, Imprensa Oficial .1964

ROCHA. Tadeu. **Geografia Moderna de Pernambuco.** BOLETIM. PAULISTA DE GEOGRAFIA.1953.

SAMARA,Eni Mesquita et al. **História e Documento e Metodologia de Pesquisa.** Editora: Autêntica. Belo Horizonte, 2010.

SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA, **Recife, 1981.** *Anais.* Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1986. t. 15, p. 20.

SIAL. Alcides Nobrega. **CINQUENTA ANOS DE GEOLOGIA EM PERNAMBUCO (1957-2007): RETROSPECTIVA.** *Estudos Geológicos v. 17 (1), 2007*

SILVA,Severino Vicente da. **Anotações Para Visão de Pernambuco no Início do século XX.** Editora Universitária. UFPE.2014.

SCHWARTZ, J. **Vanguardas Latino-Americanas: Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos.** São Paulo, Brasil: EDUSP, Iluminuras, FAPESP. 639p. ilustr.1995

SCHWARTZMAN, Simon et alli. (1984) **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra/EDUSP.

SETTE, H. **Contribuição ao estudo das regiões naturais de Pernambuco**. (Tese apresentada para concurso de provimento da cadeira de Geografia do Brasil, do Colégio Estadual de Pernambuco). 1946.

SETE, HILTON. **ESTÓRIAS DA VIDA. Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985**

SETTE, Mário. *Memórias Íntimas: Caminhos de um coração*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.

SOUZA, George Felix Cabral de. **Instituto Arqueológico Histórico de Pernambuco: breve história ilustrada**. Recife: IAHGPE,2010.

TEXEIRA, Francisco, M. T. **Brasil História da Sociedade**. Editora Travessia; Rio de Janeiro, 2000.

TAVOLATO. Sergio B.F. **FREYRE, DAMATTA E O LUGAR DA NATUREZA NA “SINGULARIDADE BRASILEIRA**. *Lua Nova*, São Paulo, 83: 217-257, 2011.

VASCONCELOS SOBRINHO, J. **As regiões naturais de Pernambuco, o meio e a civilização. Recife**. Instituto de Pesquisas Agronômicas. 1949. (Publ. n°2).

VASCONCELOS et al. **A Cartografia Histórica da Região Metropolitana do Recife**. Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica.2012

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Régions françaises. Revue de Paris**, décembre, pp. 821-849, 1910a.

VLACH, V. R. F. **O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva histórica**. In: José William Vesentini. (Org.). *O ensino de Geografia no século XXI*. 3a.ed.Campinas: Papirus, 2007, v. , p. 187-218

VLACH, V. R. F. **Carlos Miguel Delgado de Carvalho e a “orientação moderna” em Geografia**. In: VESSETINI, José Willian (org). *Geografia e ensino: textos críticos*. Campinas, SP, Papirus, 1989.

VILAÇA, Marcos Vinicius et al. **Aos 100 anos de Mauro Motta**. Academia Brasileira de Letra. Recife, 2011.

WEINSTEIN, Barbara. **The Amazon Rubber Boom, 1850-1920** [6]. Palo Alto, Califórnia (EUA): Universidade de Stanford, 1983.

APÊNDICE A - Entrevista transcrita 1
ENTREVISTA COM A NORA DE GILBERTO FREYRE (Fátima Suassuna Freyre)
Arquivo: Áudio - Tempo de gravação: 15m e 53seg

Realizada em julho de 2019

Como foi sua convivência com Gilberto Freyre?

A minha convivência Marina foi muito boa com ele, por que o Dr. Gilberto apesar de ser um intelectual, ele era uma pessoa extremamente simples. Ele acompanhava o pensamento de todas as pessoas independente de sua idade; A mesma importância que ele dava a nora, dava a mulher, dava a filha, dava as empregadas da casa; tudo pra ele interessava muito, por que tudo era um motivo de estudo. Ele sempre queria saber a opinião de todo mundo, pra poder, então, desenvolver alguma coisa; E era tranquilo, não fazia medo a gente, era uma pessoa que deixava a gente muito à vontade, isso aconteceu com os netos quando foram chegando – a diferença de idade muito grande – por que ele era bem mais idoso do que a gente, mas parecia uma criança quando se juntava com os netos. Não havia dificuldade nenhuma de relacionamento. Tudo muito bem, graças a Deus.

Agora os amigos dele, muito na faixa de idade dele, era muito mais velho do que a gente, pela idade do Doutor Gilberto; e quando ele faleceu a gente sentiu muita falta disso, por que os amigos foram morrendo atrás, por que pela idade, eram bem mais velhos; Mas aí, a gente ficou realmente sem muita ligação com o pessoal dele, mas era muito tranquila, muito tranquila, apesar das idades todinhas ele convivia com todo mundo, visitava muita gente e jantava com as pessoas, almoçava, nem parecia ter a idade que tinha, sabe; Se deslocava muito bem, era uma pessoa que deixava a gente - familiares e amigos - muito tranquila com o relacionamento.

A pessoa que conheci que estudava geografia que era muito ligada a ele era Mauro Mota. Mauro Mota era muito amigo dele, foi presidente da Fundação Joaquim Nabuco - por um tempo - e tinha uma relação muito boa com a gente, com todo mundo. Muito alegre, doutor Gilberto gostava de estar na casa dele e foi muito interessante sempre, foi ótimo.

O que ele falava sobre o Nordeste?

Ele foi uma das primeiras pessoas a estudar realmente o Nordeste; como clima, tudo isso interessava muito a ele. Por que vivíamos aqui, como viver... tudo isso era muito dele, ele realmente era interessado disso, nesse assunto, nesse aspecto. E usou palavras pela primeira vez, estudos do Nordeste – De recenciamento, tudo isso era muito importante pra ele, ele tinha muita necessidade de conhecer profundamente sua região

A senhora ouviu falar de Gilberto Osório?

Ouvi.

E de Mário Lacerda?

Também. Convivi com todos os dois, Mario Lacerda e Gilberto Osorio.

Mas a senhora acha que Mauro Mota era mais ligado a ele?

Era mais ligado a ele. Mauro Mota tinha uma intimidade quase de parente. Ainda hoje a viúva de Mauro Mota tem uma ligação enorme com a casa de dona Magdalena, mulher do doutor Gilberto – que já faleceu também – mas Marli, a viúva de Mauro, continua com a ligação com a família e é uma beleza de gente, tinha muita ligação; A ponto de quando Dr. Gilberto recebia as pessoas de fora, que queriam conhecer Gilberto Freyre, ele não tinha nenhuma cerimônia e oferecia um almoço ou jantar e convidava Mauro para receber em conjunto seus amigos e visitantes. Era muito boa a relação deles dois.

APÊNDICE B - Entrevista transcrita 2

ENTREVISTA COM A PROFESSORA E PESQUISADORA (Fátima Quintas)

Arquivo: Áudio - Tempo de gravação: 27m e 05seg

Realizada em julho de 2019

1918 e voltou em 1923, então foram 5 anos fora do Brasil. E ao retornar ele se surpreende com o Recife de cara nova, um Recife já apelando pra modernidade e esquecendo da tradição. Então a Grande preocupação de Gilberto Freyre vai ser resgatar a tradição, Gilberto Freyre era um tradicionalista, tradição no sentido científico, acadêmico. E ele vai encontrar esse Recife abraçando a modernidade sem reavaliar nada, como acontece hoje em dia né, a gente

abraça e esquece das coisas. A casa de Clarice Lispector por exemplo, onde ela morou está caindo, tá em ruínas e ninguém faz nada.

Bom, então a partir daí ele se sentiu na obrigação, não que se sentia na obrigação, mas que desejava que o Recife ganhasse um perfil mais antigo, um perfil que era dele, que era o perfil do Recife, que não perdesse o perfil do Recife, e vai lutar por um regionalismo. E por que a luta por esse regionalismo? Ele vai lutar por esse regionalismo é por que justamente o que faz o Recife perder o “ar” mais antigo, - não só o Recife mais como várias outras cidades do Brasil - é o movimento de 1922 do Modernismo. O modernismo vai gerar uma verdadeira ansiedade pelo que é moderno, mas uma ansiedade sem se saber exatamente o que é isso. Então a busca de Gilberto foi retroceder no tempo e ir buscar esse Recife mais antigo e lutar pela tradição, então por isso que dizem que Gilberto chegou a brigar com os modernistas, não houve provavelmente briga, mas houve sem dúvidas nenhum um desconforto, entre Gilberto e os modernistas, pelo fato de Gilberto fazer um movimento no congresso regionalista em 1926 e evidentemente 4 anos após a semana de arte moderna. Então à realmente, sempre houve esse desconforto, nunca veio assim a colocar uma posição de agradar obviamente Gilberto e o modernismo de São Paulo.

Então basicamente é isso, o regionalismo nasce em Gilberto, sempre foi regionalista, mas ele não tinha tido oportunidade de externar esse processo por que não tinha encontrado razões, mas quando ele chega e vê o Recife desfigurado, então ele vai lutar por esse regionalismo ao ponto de criar um centro regionalista em 1924, na casa do amigo Odilon Nestor na Rua Paysandu, na Boa Vista e depois ele começa a lutar pelo regionalismo, e 1926 faz o congresso. Então basicamente é isso. Não sei se acrescentei alguma coisa pra você.

Ligação com intelectuais?

Ele foi ligado a vários intelectuais, foi ligado a Gilberto Osorio, foi ligado aos intelectuais da época, todos intelectuais da época, se levantar os intelectuais da época Gilberto tinha contato com todos. Ele era o líder basicamente dos intelectuais da época, e foi durante muito tempo, foi até morrer. Ele teve essa liderança sobre os intelectuais da época. Que aliás que era uma liderança bastante razoável e prevista, por que ele foi o maior escritor do século XX no Brasil, sem dúvidas nenhuma; então sobretudo em Pernambuco, ele nunca quis sair daqui, ele teve milhares oportunidades de sair, por ocasião dos cinco anos que ele passou fora, tanto na Universidade de Baylor no Texas e na Universidade de Colúmbia, todos os professores

diziam que ele não ficasse no Brasil, por que ficar no Brasil é a mesma coisa de ‘morrer’, por que a língua portuguesa não se conhecia, o que se conhecia era a língua inglesa e que ele escrevesse em inglês, passe a escrever em inglês, - coisa que ele sabia muito bem, por que ele foi alfabetizado em inglês - mas ele disse “que não, de forma nenhuma, a minha língua é a portuguesa, eu vou voltar para o Brasil” então ele reagiu profundamente a essa oportunidade de ficar nos Estados Unidos ou Europa, mas convites não faltaram.

Então ele vai para Apipucos, isso em 1941 quando ele casa com dona Magdalena, até então ele morou com irmãos, morou só aqui na rua do encanamento, então é Gilberto casou tardiamente inclusive, 41 anos já é uma idade mais avançada. A partir daí é que ele vai realmente ficar em Apipucos, e vai morrer em Apipucos, de 1941 a 1987, fica em Apipucos. Mas desde cedo que Gilberto teve esse apego ao antigo, esse apego a tradição essa vontade de recuperar a tradição, tanto no Recife (...) tudo que ele pensou, pensou com base em uma tradição, em se voltar ao passado. A obra de Gilberto é uma obra do passado, por que ele vai falar justamente de Casa Grande e Senzala, vai para o passado então ele inicia a obra Sobrados e Mocambos vai também ao século XIX. Então ele inicia a sua obra, a sua maneira de pensar, a sua escrita já com a visão de passado, ligada á história, a história como base pra qualquer entendimento de uma realidade. Era realmente um processo histórico, que poderia elucidar e manter, sobretudo, à tradição. Por que é na história que a tradição se conta.

Até que ponto Zé Lins influenciou ele nesse movimento regionalista, se ele jovem com 24 anos já conhecia Zé Lins. Quería saber se esse conceito de tradição e regionalismo vem antes, ou também tem uma coisa de José Lins do Rego.

Tem, mas não é exatamente Zé Lins, é o contrário, é ele - Gilberto - pra Zé Lins. Ele que vai influenciar Zé Lins. Zé Lins foi o maior amigo dele, ele que vai influenciar Zé Lins a ser tradicionalista, ele que vai influenciar Zé Lins a caminhar pelos romances mais de tradição, mais baseados no passado, ele que vai ter então uma grande influência em Zé Lins. Naturalmente que toda influência ela nunca é só de um lado, ela acaba sendo bilateral, isso é normal. Então como Zé Lins era muito amigo dele, evidente que houve também da parte de Zé Lins alguma influência pra ele. Mas basicamente ele é que influenciou Zé Lins e que levou Zé Lins a tomar a posição dos seus romances. Não é Zé Lins que vai influenciar Gilberto, é Gilberto que vai influenciar Zé Lins. Agora como eu disse, sempre há uma relação de interatividade que é normal e que acontece. Mas no caso de Zé Lins realmente foi Gilberto que o influenciou;

bastante para ele ter aquela caminhada, e realmente é uma caminhada que a gente sente nos livros dele que tem muito a ver com o que Gilberto escreveu também, nos livros de Zé Lins.

Dessas pessoas que frequentavam a casa dele – nas quintas-feiras, onde ele fazia um cozido que chamava muita gente intelectual da época, você sabe que tinha algum geógrafo que sentava nessa mesa?

Ah, não sei.

Se Mauro Mota?

Mauro Mota com certeza sentava. Por que Mauro Mota foi um dos maiores amigos dele, meu pai com certeza sentava – era um historiador, mas não um geógrafo -, por que também era um dos maiores amigos dele. Gilberto Osório com certeza sentava, você terá que levantar os intelectuais da época e verificar se há geógrafos. Por que todos os intelectuais da época aqui do Recife estavam (...) Gilberto era o líder. Gilberto era a pessoa que indicava caminhos, que apontava direções. Gilberto sempre foi Gilberto.

Conheceu Gilberto?

Eu conheci Gilberto com 12 anos, justamente por que o meu pai ia muito na casa de Gilberto. Então, às vezes me levava e como a casa de Gilberto é um sítio enorme – vocês devem saber – então papai me largava no sítio e ele ia conversar com Gilberto e juntamente com outros que estavam lá, não lembro se exatamente ocorria aos sábados e domingos. E a casa de Gilberto estava sempre cheia de amigos, amigos daqui. E Gilberto sempre gostou de receber, Gilberto não era muito de sair, gostava de viajar, viajava muito. Ele não morou fora, mas passou muito tempo fora. Sempre ia e vinha, mas sempre estava fazendo palestras foras, conferências fora. Gilberto não quis ser professor. Na verdade Gilberto do que eu conheço só conheço Gilberto Freyre e Jorge Amado que viveram unicamente dos livros que publicaram, por que Gilberto não teve uma profissão; teve uma profissão belíssima, escritor, mas digo uma profissão que desse dinheiro a ele mensalmente, de maneira nenhuma. Gilberto ele disse não eu quero ser um escritor, eu quero ter tempo pra escrever, então isso ele teve realmente, ele escreveu 84 livros; E não são livros simples, a maioria exigia uma grande pesquisa, ele sempre foi um homem de pesquisa, um homem que se voltou apara a fonte, para a origem das coisas.

Influências?

Ele recebeu uma influência grande do pai, que era um intelectual também, professor da Faculdade de Direito, ensinava Ciências Política e Ciência Econômica, então no início – não quero dizer que foi um influência determinante, mas foi uma influência -; Ele foi bem nascido, ele teve berço, (...) não foi pobre, não foi. Então ele teve condições realmente de através da própria família já se colocar entre os maiores. E o pai era um ativista (...) uma figura já reconhecida. Então Gilberto vai evidentemente superar o pai, mas ele teve uma influência do pai nesse sentido. Muito forte da mãe também, mas a mãe não trabalhava. Naquela época a mulher não trabalhava.

Os conceitos dele de tradição e região estão ligados ao período que ele estudou nos Estados Unidos? Tem algo anglo-saxã? Ou vem muito da vivência dele de Resgate?

Sem dúvida que a universidade de Colúmbia o influenciou bastante, a de Texas também – Baylor -, mas talvez essa tradição nele tenha se acentuado fora, por que isso é muito comum. Eu não sei se você já morou fora, mas sentia que a tradição, vontade da terra aumenta, então é natural que isso tenha acontecido também com ele, incluisse por que ele não quis ficar nos Estados Unidos, teve tudo pra ficar. Ofertas de tudo e ele não quis. O retorno de Gilberto é uma demonstração clara da sua ansiedade pela tradição, da sua ansiedade pela terra em que nasceu. Ele sequer foi pra São Paulo, onde também poderia ter ido. Inclusive Oliveira Lima que era muito amigo dele, que estava nos Estados Unidos quando ele estava lá, dizia pra ele “se você voltar para os Estados Unidos que pelo menos vá pra São Paulo, mas não fica no Nordeste” ele dizia que não, dizendo que iria ficar ‘na minha cidade’.

Então ele era muito arreigado essa visão tradicionalista realmente nele. Nesse aspecto Gilberto Freyre é extremamente coerente, por que os livros dele são também sobre a tradição, ele manteve. É como que se ele precisasse estar perto da cidade para escrever sobre a cidade, pra escrever o que ele escreveu, a obra dele que foi toda escrita aqui. Não somente em Apipucos, mas na estrada do encanamento e no lugar onde ele passou; por que quando ele foi para Apipucos ele já era célebre, já era um homem reconhecido, já estava com Casa Grande e Senzala publicado, Sobrados e Mocambos publicado, guias práticos da cidade do Recife publicado etc. A década de 1930 pra Gilberto é uma década riquíssima, por que o primeiro guia é de 1934 no Recife, o segundo ele vai publicar em 1939 em Olinda e é o primeiro (...) ligado á tradição e é importante que você conheça bastante. Ele é o primeiro a escrever guias de uma

cidade. E o primeiro a fazer um evento afro, Congresso Afro Brasileiro e eu até realizei o quarto, por que ele me pediu.

Ele morou em Apipucos e na Estrada do Encanamento, e ele nasceu onde?

O que dizem as bibliografias é que ele nasceu na casa que fica em esquina na Rua Amélia, isso é que dizem as biografias dele, mas não posso lhe garantir, é o que dizem as biografias. Por que eu já ouvi de outras pessoas dizerem que ele nasceu em outro local. Mas o que dizem que ele nasceu naquela casa, hoje é um palacete.

A senhora acha que esse desdobramento do movimento regionalista – além dos livros que ele depois publicou, nessa década de 1930 tão fértil pra ele, foram os romances de Raquel que era muito amiga, José Lins, todos esses movimentos dos romances de 30 você acha que é a influência mais direta desse movimento regionalista?

Não, acho não. Primeiro como eu lhe disse, eu acho que Zé Lins já escreveu por causa dele, foi o inverso. Isso eu tenho certeza. Agora Raquel de Queiroz não sei realmente, a relação dele com Raquel. Havia uma relação, mas não era uma relação fecunda, uma relação muito forte. Agora com Zé Lins sim, tinha uma relação muito forte. Mas foi ele que influenciou Zé Lins, como falei. Agora naturalmente que depois de publicado esses livros é evidente que deve ter havido uma influência. Os livros eram ficções, do jeito que ele queria, então é claro que isso também vai favorecer, mas como eu falei, ele - Gilberto - é que vai influenciar Zé Lins. Então ele teve uma força muito grande aqui no Recife, entre os intelectuais. Uma força enorme. É como eu falei, os intelectuais normalmente quando tomavam decisão pra escrever, pra tendências, e algumas dúvidas, ele sempre orientava, ele sempre dava um caminho. Ele foi uma pessoa muito forte aqui. Foi muito forte. Não podia deixar de ter sido realmente. Em todos os movimentos ele sempre estava, dentro dos movimentos. Ele sempre estava apegado aos movimentos, e criou o centro regionalista, fez o congresso regionalista, teve a coragem - de novo - com 26 anos já ir de encontro com a semana de arte moderna, que era o que havia de mais importante e sugestivo para o Brasil naquela época, era a semana de Arte moderna. Você que vai trabalhar com essa TRADIÇÃO é bem interessante ver esse contraponto, a semana de arte moderna, e até que ponto a semana de arte moderna modificou muito o pensamento de muitos líderes brasileiros, no caso de Gilberto não modificou, ou melhor acirrou muito o tradicionalismo dele após a semana de arte moderna.

APÊNDICE C - Entrevista transcrita 3

ENTREVISTA COM A FILHA DE GILBERTO FREYRE (Sônia Freyre)

Arquivo: Áudio - Tempo de gravação: 8m e 84seg

Realizada em Agosto de 2019

Quanto a relação de Gilberto com Gilberto Osório e Mário Lacerda, Gilberto Osório teve uma maior participação por que ele foi casado com uma prima de Gilberto, Cremilda. Só depois de ele com Rachel. Tanto que mamãe tinha umas certas restrições a vinda de Rachel aqui por ela ser muito tradicionalista em matéria de relacionamento, papai era totalmente. Rachel frequenta muito essa casa e era muito querida por mim e papai. Agora e depois, Magdalena se ajeitou com ela. Mário Lacerda não era tão dentro de casa, era mais lá pela fundação Joaquim Nabuco (...) não era de casa.

Infância?

A Infância ele saiu adolescente ainda quando ele foi para os Estados Unidos. Agora a infância ele passou na casa dos pais, ali no que hoje é a Rosa e Silva com a Rua Amélia (...) era umas casinhas da família toda da minha avó, as irmãs todas moravam uma junta da outra. E depois que venderam tornasse aquele palacete, enorme. Tinha até uma placa que as pessoas pensavam que ele morava naquela casa, não; Ali foi depois da venda das casinhas. E aí não sei por que era do meu bisavô – sei lá como foi – que fez a casa das filhas. Então morava uma junto da outra. E aí quando ele foi para os Estados Unidos – A gente sabe o que tem nos livros – mas, não se sabe mais com toda certeza o que foi que ele aprontou por lá, mas sei que se deu muito bem.

Teve a proteção de Oliveira Lima, depois ele foi para Nova York fazer o curso dele, e aí ele partiu pra Europa. Ele ficou fora do Brasil muito tempo, e quando chegou ficou muito perturbado com o que viu o que tinha feito aqui com a derrubada de monumentos de coisas e etc. Aí ele resolveu tomar a frente, daí que ele partiu pro movimento regionalista, “orgulho de ser nordestino” desde a aquela época que ele usava esse tema.

Quem era que frequentava a casa de vocês? Da época do movimento, quem era que frequentava? Quem sentava naquela mesa de quinta-feira na casa de vocês?

Eu sei das pessoas não sei se era do movimento regionalista, não sei se fizeram parte ou deixaram de fazer. Aqui era uma casa aberta, dia de quinta-feira pra esse danado desse cozido, mas amigos pra ele era a coisa mais preciosa que ele tinha na vida. E tem também quando ele

ia (...) por exemplo Odilon Nestor morava na Conde da Boa Vista, mas tinha um dia que pegava a gente no colégio pra ir almoçar na casa do Sr. Odilon. Ele eu sei que fez parte do movimento regionalista.

Agora quem era as outras pessoas que participavam do movimento regionalista, não sei. Não sei lhe dizer se frequentava aqui a casa ou não, mas devia frequentar, por que amigos pra ele eram amigos não tinham – que eu saiba não tinha inimigos pessoais, eram inimigos políticos inimigos de ideias, não que possam usar a palavra inimigos, mas sim “discordantes”.

Mas Gilberto vinha Osório pra cá?

Vinha por que incluísse papai era padrinho de uma filha dele, uma que morreu; que vivia muito aqui em casa. Como a mãe era doente, mamãe sempre trazia a afilhada pra ficar aqui temporadas. E era muito amiga minha e eu senti muito a morte dela, ela morreu no parto. E aí papai visitava muito a casa dele por que visitava a prima, prima muito querida, mas tinha Gilberto Osório, Rachel (...).

Quem mais que você (...)?

Mota. Mauro Mota era do coração aqui de casa, ia pra tudo, pra tudo e a gente ia muito na casa dele também. Ainda hoje sou amiguíssima de Marli, a mulher dele. Manoel Correia de Andrade.

Zé Lins frequentava aqui?

(Inaudível). Por que quando a gente morava, eu até hoje sou flamengo por causa dele, por que papai não era muito de ir a jogo e eu gostava, e ele me levava pro jogo. Pro futebol por que ele era flamenguista doente. Então quando se encontravam pense em umas criancinhas, os dois. Aqui tem uma, na sala principal um quadro com José Lins do Rego. Com a família de papai e José Lins do Rego, talvez tivesse sido o maior amigo q ele teve na vida, amigo pessoal eu acho que sim. Que era confidente (inaudível). Ele era muito fechado na vida pessoal.

Qual foi o legado que o seu pai deixou, no movimento regionalista para os filhos e tal?

Hoje passaram a ser tão normais, que a gente não sentiu que partiu do movimento pra se tornar. Nós fomos criados “pernambucanizados”, “brasileirados”, tudo ao extremo. Então o Brasil acima de tudo, na luta da gente.

Nordeste acima de tudo também?

Também, também. Aqui dentro de casa comia tudo que era ‘nordestino’, sarapatel, mungunzá. Tudo isso era comida corriqueira dentro dessa casa. Até hoje eu adoro, caipirosca, caipirinha. Por que papai dizia que que cachaça era álcool. Então que não tomasse cachaça pura, por que se tomar, tome caipirinha.

APÊNDICE D – Entrevista 4

ENTREVISTA COM A PROFESSORA (Marisa Braga Sá). Participante da primeira turma de mestrado em Geografia da UFPE (1977).

Realizada em Setembro de 2019

Trayectoria profesional -

Professora do 1º e 2º graus - profª de Geografia

EPUC - (Estados Pro-Universitários Campesinos),
1971-1975 - C. Grande

Colégio Rio XI - de 1971-75 - C. Grande

Colégio Estadual de Borborema (1º grau)
e Colégio "1" de Luanda (2º grau).
1970 - 83 / C. Grande

Universidade Federal de Pernambuco - C. Grande
1979 - 1991

Coordenadora ^{Regional} Universidade do Nordeste - 1971-1985
Hoje - UEPB.

Formação acadêmica

Licenciatura em Geografia - 1967 / UESB - Bahia

Mestrado em Geografia - Recife - 1980

- o curso o
- (1) O estudo era dirigido para a ^{supra} Geografia Regional, literatura sugerida
- (2) - Manuel Correia - Terra e o Homem do Nordeste
 - Pierre George
 - Epicart
 Maria Lourenço

- (3)
- (5) Bibliografia no geral em os autores franceses.
- (6) Professores visitantes
- Valverde → constante
 - Maria Adélia
 - Milton Sautu
 - Michel Rochefort
frances - Sempre

- Milton Sautu
 - Michel Rochefort
frances - Sempre
- Discursos sobre os professores
- (7) Maria Lourenço, Gilberto, Manuel C.,
 Caracteres, atenciosos, educados, exigente, esbelto, elegante
 Maria era o + elegante, parte atlético.
 Gilberto era + simples, mas tinha era elegante mas era muito cortês
 Manuel Correia era atencioso, parte fino era o mais frente vivia perto para os alunos.

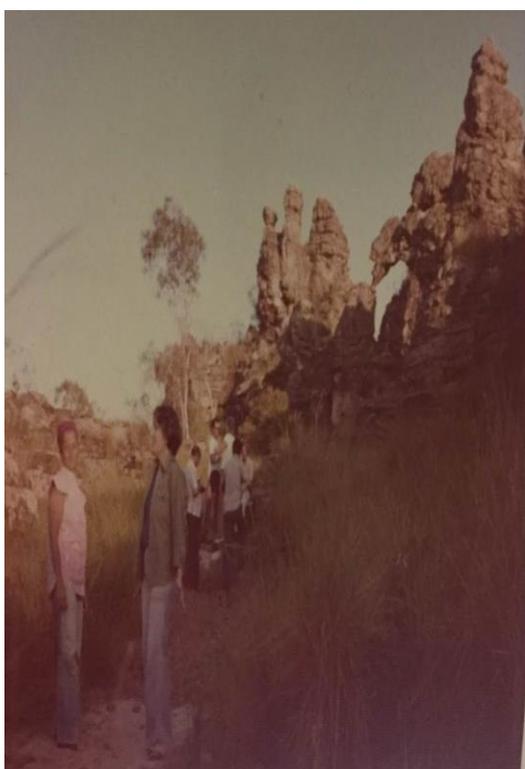
8- Anterior utilizo de mas impressões
para o uso de desenhos de alguns
mesclando alguns bairros

Maria Inês de S.

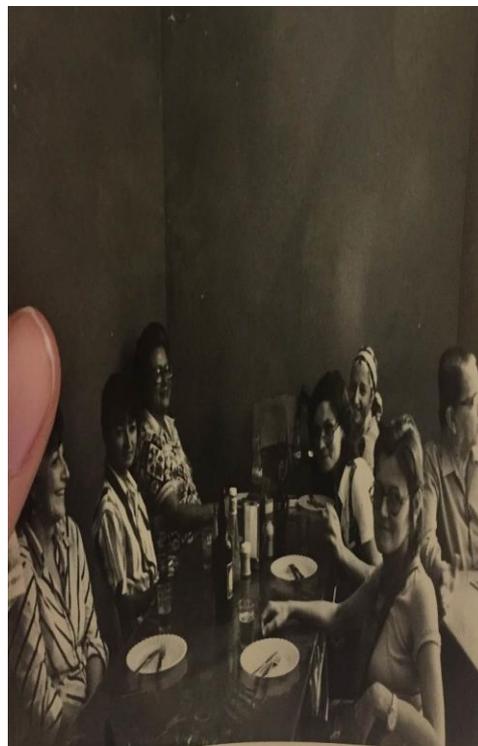
ANEXO A – Memórias – Marisa Braga Sá

Figura 1 - Excursões 1977-1979 – Buíque-PE

Fonte: Acervo Pessoal - Marisa Braga Sá

Figura 3 - Excursões 1977-1979 – Buíque-PE

Fonte: Acervo Pessoal - Marisa Braga Sá

Figura 2 - Excursões 1977-1979 – Buíque-PE

Fonte: Acervo Pessoal - Marisa Braga Sá

Figura 4 - Excursões 1977-1979 – Buíque-PE

Fonte: Acervo Pessoal - Marisa Braga Fonte:

Figura 5 - Excursões 1977-1979 – Buíque-PE



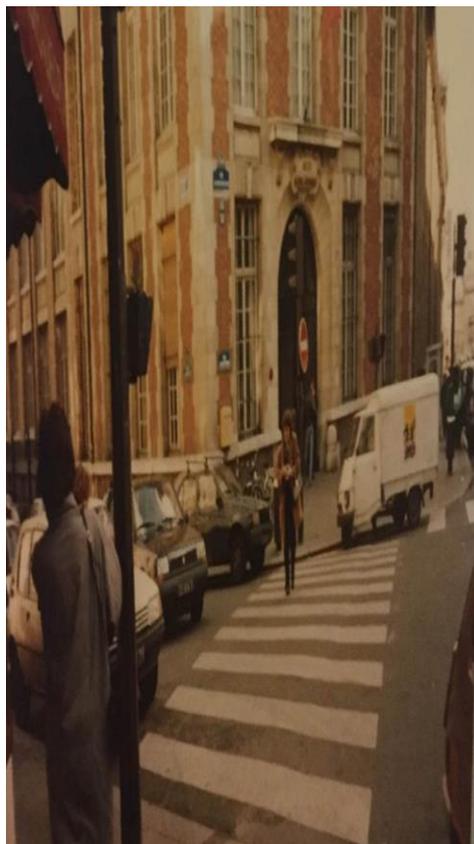
Fonte: Acervo Pessoal - Marisa Braga Sá

Figura 6 - Excursões 1977-1979 – Buíque-PE



Fonte: Acervo Pessoal - Marisa Braga Sá

Figura 7 – Período de Marise na França 1984-1985



Fonte: Acervo Pessoal - Marisa Braga Sá

Figura 8 - Carta de Indicação Para o Doutorado do Prof Claudé Ruhr para Université Paris II

Paris le 26 février 1985

Chère Marisa,

J'ai lu le texte que vous avez préparé pour présenter votre recherche.

Je suis d'accord sur la manière d'aborder la problématique :

~ s'interroger sur la production de produits viviers (aliments basiques) dans les grandes exploitations, sur la base du travail salarié ou d'autres rapports sociaux plus traditionnels.

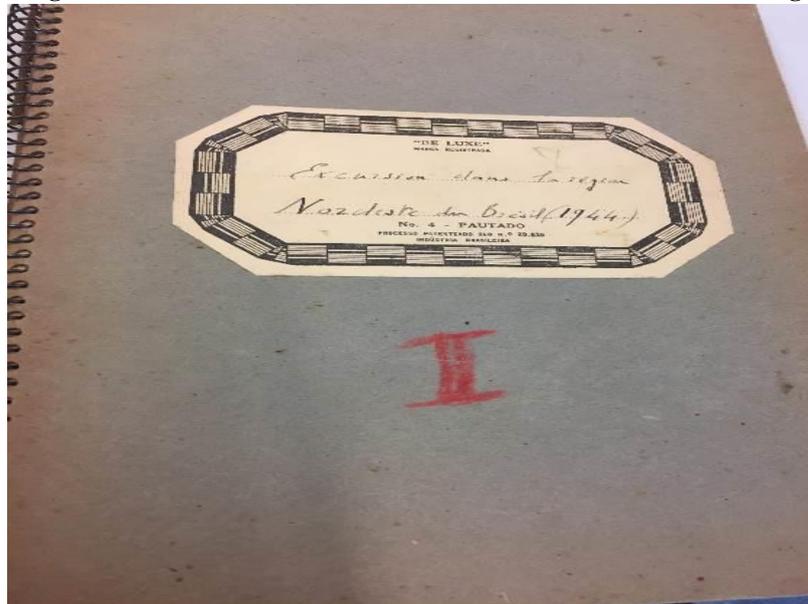
Plusieurs questions sont à aborder au cours de la recherche, d'ordre méthodologique :

1° - Comment recenser les exploitations concernées? C'est à dire comment délimiter l'univers soumis à l'étude?

Il s'agira de mettre au point une méthode d'identification de ces exploitations à partir des données disponibles de l'INSEE et autres organismes mais aussi grâce à des informations obtenues d'informateurs locaux, afin de contrôler la validité des données "officielles".

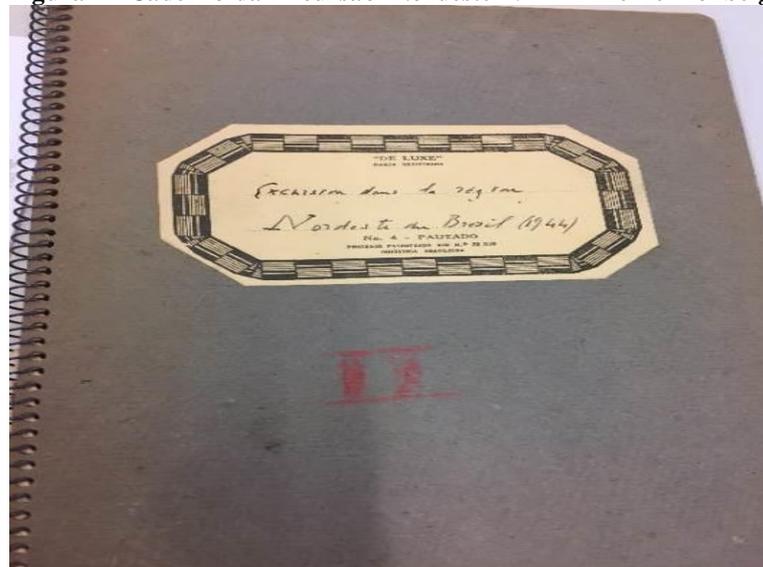
ANEXO B – Cadernos de campos de Monbeig 1944

Figura 1 - Caderno da Excursão - Nordeste 1944 -1 -Pierre Monbeig



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Pierre Mobeig . IEB, 2019.

Figura 2 - Caderno da Excursão -Nordeste 1944 -2-Pierre Monbeig



Fonte : Arquivo pessoal do Prof. Pierre Mobeig . IEB , 2019.

ANEXOS C - Álbum de fotos trajetória intelectual de Gilberto Freyre

Figura 1 - Gilberto Freyre em Baylor 1917-1918



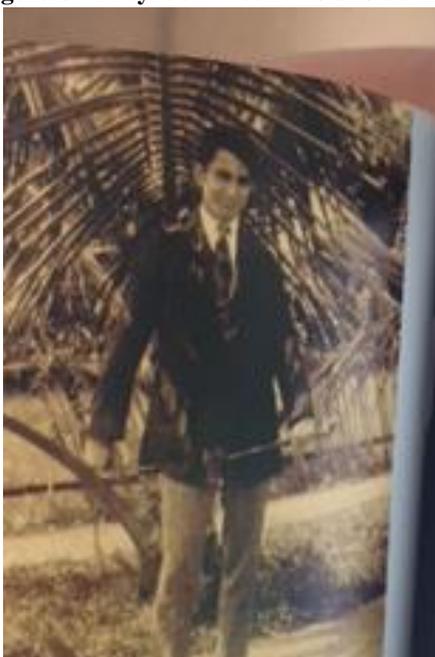
Fonte: Imagem Retirada do Livro da Correspondência do Oliveira Lima 1917 p.57.

Figura 2 - Gilberto Freyre em Nova York 1921



Fonte: Imagem Retirada do Livro da Correspondência do Oliveira Lima 1917.p66.

Figura 3 - Freyre em Recife no ano de 1923



Fonte: Foto do Acervo da Fundaj -retirado do Livro Tempos Mortos e Outros Tempos.2015.

**Figura 4 -Freyre com Ulisses Pernambuco e Olívio Montenegro no final dos anos 1930 –
Companheiros do Movimento Regionalista**



Fonte: Foto do Acervo da Fundaj - retirado do Livro Tempos Mortos e Outros Tempos. 2015.